



Paulo Freire
e o uso da
imagem visual
na
Geografia



RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES
(ORGS.)



editora
científica

PAULO FREIRE
ESTUDOS E PESQUISAS



PROEX
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA

Vol. 1

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA

Vol. 1

Organizadores:
RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES

Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Recife/PE
2022

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Paulo Freire e o uso da imagem visual na geografia
[livro eletrônico] : vol. 1 / organizadores
Ricardo Santos de Almeida, Maria Aparecida Vieira
de Melo, Maria Erivalda dos Santos Torres. --
Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e
Pesquisas, 2022.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-13-0

1. Educação 2. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica
e interpretação 3. Geografia - Estudo e ensino
4. Pedagogia 5. Prática de ensino 6. Prática
pedagógica 7. Professores - Formação I. Almeida,
Ricardo Santos de. II. Melo, Maria Aparecida Vieira
de. III. Torres, Maria Erivalda dos Santos.

22-108346

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright © 2022. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2022. Escrito e produzido no Brasil.

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inez Maria Fornari de Souza	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dedicamos este livro a todos os pesquisadores e pesquisadoras
que lutam e acreditam em um mundo mais justo.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Ricardo Santos de Almeida: Doutorando em Geografia na UFSM. Doctor en Educación na UI. Mestrado: Geografia pela UFS (2016). Especializações: Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática pelo IFRN (2020), Geografia Humana e Econômica pela UNINTER (2019), Administração Pública pela UCAM (2016); Geografia e Meio Ambiente pela UCAM (2014); Educação do Campo pela UCAM (2013); Formação para a Docência do Ensino Superior (2011). Graduações: Pedagogia pela UNINTER (2018), Geografia Licenciatura pela UFAL (2014), Gestão de Pequenas e Médias Empresas pela FAA (2009). Desenvolve pesquisas relacionadas às temáticas: agronegócio, território e territorialidades, processos de ensino-aprendizagem em Geografia e Educação do/no campo. Docente da rede pública de Porto Calvo/AL e atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas/Universidade Aberta do Brasil. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. É também associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire).

E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.

Maria Aparecida Vieira de Melo: Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social.

E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>.

Maria Erivalda dos Santos Torres: Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1997) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988). Coordenou o Fórum Estadual de EJA/PE e o Fórum Regional do Agreste Centro Norte. Atualmente é Presidente do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, Recife/PE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Unidades Educativas.

E-mail: erivaldatorres@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>

SUMÁRIO

PREFÁCIO Maria Aparecida Cruz	11
APRESENTAÇÃO Ricardo Santos de Almeida Maria Aparecida Vieira de Melo Maria Erivalda dos Santos Torres	13
A IMPORTÂNCIA DE CONHECER A GEOGRAFIA ATRAVÉS DA IMAGEM É FUNDAMENTAL PARA ESTUDAR A RELAÇÃO ENTRE A SOCIEDADE E O MEIO Adriana Pereira Gomes Ricardo Santos de Almeida	16
LEITURA DE IMAGENS COMO INSTRUMENTO PARA A AULA DE GEOGRAFIA Aparecida Mendonça Silva Germano Ricardo Santos de Almeida	44
EDUCAÇÃO VISUAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA INTER E TRANSDICIPLINAR Geovar Miguel dos Santos Ricardo Santos de Almeida	59
IMAGENS: UMA ALTERNATIVA PARA INTERVENÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM Joao Matias do Nascimento Junior Maria Aparecida Vieira de Melo	81

A IMAGEM E A IMPORTÂNCIA DELA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL Luís Fernando Tavares Ricardo Santos de Almeida	102
A PAISAGEM E OS SABERES ESCOLARES: UMA PERSPECTIVA FREIRIANA SOBRE A IMAGEM NO ESPAÇO GEOGRÁFICO Luiza Marte Ferreira Maria Aparecida Vieira de Melo	119
EDUCAÇÃO VISUAL PEDAGOGICA SEGUNDO A VISÃO GEOGRAFICA DE PAULO FREIRE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL Rubem Alexandre Vieira Ricardo Santos de Almeida	136
O ENSINO DE GEOGRAFIA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO PELO SUJEITO Simone Borba Ricardo Santos de Almeida	152

PREFÁCIO

Os estudos aqui socializados evidenciam a relevância do desenvolvimento de ações didático-pedagógicas realizadas ou propositivas a acontecerem em espaços escolares e também não escolares e requerem para sua realização equipe, estratégias, planejamentos, formação pessoal e profissional docente que compreenda as diferentes dinâmicas educacionais que podem ser potencializadas dentro ou fora dos muros das escolas.

Todos os processos educativos que aqui estarão em evidência corroboram para transformações individuais ou coletivas, seja no plano educativo, seja no cotidiano dos que participam direta ou indiretamente na educação em espaços não escolares.

Diferentes profissionais da educação aqui estimulam a atuação dos futuros ou atuais profissionais em diferentes áreas do conhecimento que se relacionam com a educação permitindo-lhes o desprendimento das salas de aula evidenciando possibilidades diversas de interação seja pela Educação Popular ou pela perspectiva mais Freireana levando a educação em locais em que podemos desenvolver o ensino e a aprendizagem para diferentes pessoas, mesmo as que não tenham acesso à escola no momento em que se encontram ou que nunca tiveram, ou mesmo potencializar ações junto aos que nela institucionalmente encontram-se vinculados, em diferentes contextos.

As imagens são fontes inesgotáveis de informação e comunicação, pois estão em quase todos os veículos de comunicação, como a televisão e outdoors, além de nos oferecerem a capacidade de contextualizar o aprendizado. São múltiplas as estratégias que podemos utilizar, mas sempre devemos levar em conta os contextos e especificidades dos nossos estudantes.

Aqui defende-se uma educação voltada para o visual que contribui para uma educação emancipatória, inclusiva e que respeite as múltiplas formas de aprender. Defende-se, portanto, o uso de imagens no meio educacional explora a imaginação e o criativo, aspectos que colaboram quando falamos de uma educação libertadora e que não padronize pensamentos e aprendizados.

Com isso, este livro, intitulado *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia* é um marco relevante no registro de práticas e discussões teórico-metodológicas sobre o tema, trazendo as múltiplas possibilidades no ensino e na aprendizagem dos mais diversos campos do conhecimento valorizando assim a Educação brasileira praticando o esperarçar por meio da práxis.

Boa leitura!

Profa. Ma. Maria Aparecida Cruz

Instituto Federal de Pernambuco

Recife/PE, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6116-619X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0715933285305483>

E-mail: cidavitor2003@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

O presente livro, intitulado *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia*, traz uma contribuição imprescindível para o pensar didático-pedagógico e geográfico em diversos aspectos, a saber: ensino, pesquisa e extensão. Esta obra é resultado de um amplo debate e reflexões realizadas coletivamente entre as pesquisadoras e os pesquisadores com estudos aqui socializados e dedica-se em ser uma materialização e expressão de professoras e professores que participaram do curso estando em recortes geográficos diferentes no Brasil dispostos a aprender e socializar conhecimentos.

Aqui professores-pesquisadores cursistas do Curso de Aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem Visual em Geografia, curso desenvolvido pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Pró-Reitoria de Extensão da UFRN - PROEX/UFRN, proporcionam pela dialogicidade contribuições freireanas sobre o uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em Geografia. O curso de Aperfeiçoamento fundamenta-se numa metodologia participativa, na qual os temas foram debatidos e consolidados durante todo o processo, entre educadores e educandos, possibilitando um processo mútuo e dialógico de produção de saberes sobre o uso da imagem visual.

A escolha metodológica do curso adotou uma concepção pedagógica baseada na participação, no diálogo e na problematização da realidade vivenciada pelos participantes no contexto da labuta docente. Logo, o próprio curso foi um espaço para vivenciar a educação popular e uma experiência de gestão compartilhada entre educandos e educadores.

A imagem visual é produtora de conhecimento geográfico, e, portanto, seu uso deve ultrapassar a condição de

mera ilustração. Logo, o atual status da imagem visual pode ser superado na Geografia a partir de sua produção associada a produção de conhecimento geográfico.

No que se refere à relevância social desta obra evidenciam-se a cultura do uso da imagem visual e como ela é utilizada, seja como um clique para si, ou mesmo consumido pelas pessoas para os mais diversos fins emergindo o uso da imagem no processo de alfabetização presente na proposta pedagógica freireana. As pessoas vivem fissuradas nas imagens, e elas circulam muito podendo ter diversos usos. Logo, defenderemos o discurso sobre a imagem visual na Geografia para além das finalidades didático-pedagógicas, pois a nossa assertiva é de que a imagem visual pode produzir conhecimentos geográficos. Afirma-se, portanto, a dimensão da disseminação do conhecimento. Onde se coloca a imagem como produtora de conhecimento e esta terá utilidade social, já que a imagem circula global e localmente através das redes sociais e de outros meios digitais. Então, diante disso, a nossa assertiva sobre a tese aqui defendida é que a imagem visual é produtora de conhecimento geográfico.

No que se refere a relevância institucional se faz necessário enfatizar que por mais que a Geografia use a imagem visual, ainda não há reconhecimento de que a partir dela se pode produzir conhecimentos geográficos. Faz-se necessário ultrapassar a condição de que a imagem visual ainda é apenas uma mediadora ou ilustradora dos campos de domínio dos saberes geográficos, como suporte a compreensão das dinâmicas estudadas por disciplinas acadêmico-científicas associadas ao estudo geográfico como a Geomorfologia, a Geologia, a Hidrografia, a Educação Ambiental, entre outras. Ou seja, também cumpre a função de modo interdisciplinar na produção do conhecimento na geografia, pois os saberes estão sendo acionados nesses campos, dos mais diversos modos, como por exemplo, a análise da paisagem. Dito de outro modo,

quando analisamos uma paisagem acionamos elementos de natureza econômica, social, política e cultural, isto é a imagem visual é afeta a múltiplos saberes elaborados que concernem a produção do conhecimento.

Esperamos que este livro contribua e enriqueça o conhecimento de graduandos, docentes, pesquisadores e amantes da Ciência Geográfica.

Prof. Dr. Ricardo Santos de Almeida

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Maceió/AL, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

Prof. Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó/RN,
Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>

Profa. Ma. Maria Erivalda dos Santos Torres

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Recife/PE, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>.

A IMPORTÂNCIA DE CONHECER A GEOGRAFIA ATRAVÉS DA IMAGEM É FUNDAMENTAL PARA ESTUDAR A RELAÇÃO ENTRE A SOCIEDADE E O MEIO

Adriana Pereira Gomes¹
Ricardo Santos de Almeida²

RESUMO: O foco principal deste trabalho é mediar o conhecimento do conceito de paisagem e as transformações no espaço geográfico através da utilização de imagens do gênero textual tirinhas foi desenvolvido atividades textuais e orais com alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola estadual, na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. O desenvolvimento deste método no decorrer desse trabalho buscou provar os benefícios que trás o uso das imagens para o conhecimento amplo dos educando para possibilitar experimentos diferentes para um desenvolvimento maior do seu protagonismo, diante dos problemas sociais existente na nossa sociedade. Nesse sentido, é possível dentro dessa proposta proporcionar a compreensão dos temas abordados e trabalhar de diversas formas e estratégias tanto a inscrita como a leitura, dinâmicas lúdicas etc, fazendo assim

¹Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela IBRAPES, cursando licenciatura em Letras Libras pela UFRN. E-mail: anadria2008@hotmail.com.

²Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

com que os alunos reflitam sobre os assuntos de forma protagonista é atuante para compreender melhor o espaço e suas modificações nesse ambiente em que vivemos. Assim sendo, a geografia faz parte do nosso cotidiano é este presente por toda parte das suas ações transformações que juntas compõem o espaço geográfico, dessa forma, o objetivo aqui no decorrer desse trabalho é de mostrar que estamos constantemente inseridos é interagindo nessas transformações do meio onde habitamos. O propósito aqui é de proporcionar uma aprendizagem direcionada para construção de ideias em relação aos espaços e suas transformações ao longo tempo, evidenciar os impactos causados tanto pelas ações humanas ou pelas causas naturais, durante o processo destacou-se a paisagem urbana e a suas transformações. Com o uso de imagens foi possível identificar aspectos ligados à evolução da poluição e degradação do meio ambiente da cidade por causa das destruições ambientais e sociais pelas quais a cidade vem passando há décadas. Portanto, trabalhamos com uma metodologia voltada para aulas dialogadas através de rodas de conversas buscamos discutir de forma dinâmica a problemática em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Produção textual, Ensino de geografia, imagens, paisagem urbana, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido com base nas temáticas aplicadas no curso de aperfeiçoamento de Paulo Freire. Dessa forma, as estratégias desenvolvidas foram com base nas experiências adquiridas.

O curso abordou o tema o uso pedagógico da imagem visual em Geografia. Portanto, a imagem carrega em sua existência uma importância muito grande, para nós desde os primórdios até a era moderna, à imagem vem retratada a

nossa história desde a nossa existência é através dela que nós acompanhamos as transformações ao longo do tempo. Nesse sentido, o uso da imagem faz parte do nosso cotidiano, assim sendo, de fundamental importância usamos em sala de aula como estratégias de aprendizagem de conhecimentos é mostrar que possível executar com criatividade pelos professores de rede pública para oferecer uma aprendizagem diversificada para o despertar do aluno em aprender com afetividade.

O objetivo principal deste trabalho foi desenvolver uma consciência em relação ao meio ambiente com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, para um despertar crítico em relação aos espaços urbanos, diante dessa meta foi desenvolvidas atividades com o propósito em desenvolver o seu olhar crítico durante as aulas. Nessa perspectiva, usamos uma tirinha com ilustração da paisagem urbana, com duas cenas diferentes de imagens, para retratar a problemática em questão, iniciamos a primeira parte com exposição das imagens em uma roda de conversa é no decorrer da aula compartilhamos algumas curiosidade sobre as imagens para facilitar na compreensão e interpretação das informações.

Foi possível socializar as mais variadas ideias das visualizações das imagens observadas pelos grupos de alunos, assim, foi trabalhado de forma interdisciplinar coletiva solitária a compreensão das transformações dos espaços urbanas e seus impactos no meio ambiente. Dessa maneira, o aluno estará visualizando e compreendendo a realidade do seu cotidiano, como também terá uma visão geral do mundo. Descobrimo novos conhecimentos. Além de estimular o seu senso crítico através das análises das imagens que trará habilidades importantes para sua aprendizagem.

Segundo Paulo Freire, essa compreensão lhe despertará para realidade em questão, ou seja, para tirar suas hipóteses sobre ela.

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”. (PAULO FREIRE)

Os temas trabalhados nesse contexto da Geografia trazem fundamentos básicos para aprendizagem dos educando, lhe mostrado os principais são conceitos gerais, tanto no, espaço geográfico, área urbana, paisagem, e seus territórios etc. Além de englobar os diversos assuntos transversais, que é fundamental para organizar a sociedade.

É preciso criar estratégias diferentes para se trabalhar em sala de aula para tornar as aulas de geografia cada vez mais interessante e atrativa, tudo isso foi estabelecido nessa proposta no percurso deste processo buscamos oferecer aula mais dinâmicas para despertar o interesse do aluno, para que ele possa interagir é ser um formador de opinião para entender os seus direitos e exercer o seu papel na sociedade da qual está inserido.

O planejamento das aulas foi idealizado com base na realidade local da cidade. Para que os alunos possam analisar as transformações ocorridas começando por sua comunidade, para que possa investigar de maneira crítica as mudanças e seus impacto no meio ambiente, através da paisagem. Portanto, este trabalho foi desenvolvido a partir dos os seguintes temas: Uso de Imagens, o ensino de Geografia, paisagem, a Pedagogia da Visualidade, Gestão do conhecimento, Interdisciplinaridade. “O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar”, sob a autoria de Erenildo João Carlos e Evelyn Fernandes Azevedo Faheina, apresentar as questões relacionadas aos fóruns que foram discutidas no decorrer do curso e os resultados das experiências do estudo da paisagem urbana e também se utilizando a imagem 1 e 2 abaixo para compreensão do que é

interdisciplinaridade. Os Textos abordados foram: Texto I - Considerações em torno do ato de estudar: Estudar; Desafio; Postura Crítica; Reflexão; Curiosidade.

Texto II – Criatividade ou o homem em aprendizagem: Ver; Símbolos; Fala; Significação; Cultura; Criatividade; Imagens.

Texto III – A ontogênese e o aprender: Aprender; Evolução; Herança Cultural.

O autor SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. Didáctica da Educação Visual. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69. Rocha de Sousa diplomou-se em pintura na escola superior de belas artes de Lisboa (ESBAL) (1955-1961). Ingressou como docente nessa mesma escola em 1964. Realizou as provas de Agregação nesta instituição em 1970 "modelo da reforma de 1957", passando a Professor da ESBAL. Na Universidade Aberta, Lisboa, "onde regeu a unidade curricular de Tecnologia do Vídeo no Mestrado de Comunicação Educacional Multimédia e a de Didáctica da Educação Visual e simultaneamente, como assessor em matérias de ordem artística e similares na mesma Universidade".

Ministrante: do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia. Prof. Ricardo Santos de Almeida.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho buscou mostrar na prática a importância do uso da imagem para entender o que acontece nas mudanças das paisagens, feita pelas modificações causadas pelo homem. Portanto, os levantamentos dos temas abordados, foram com base no curso de aperfeiçoamento de Paulo Freire, do qual abordaremos os conceitos básicos dos textos estudados do curso para aplicar em sala de aula. Dessa forma,

foi possível colocar em prática as atividades relacionadas a esses conceitos, pois elas retratam a importância da imagem. Nesse sentido, surgiu a necessidade de fazer uma intervenção nesta escola, pois se percebe que nesta localidade existe muito lixo em torno da escola e construções em ruínas, daí logo vem a ideias de trabalhar as imagens voltadas para o tema do meio ambiente dentro da área urbana, poluição, é a degradação do meio e outros assuntos interligados com geografia.

Foi interligada a interdisciplinaridade junto aos alunos, de forma coletiva aos temas trabalhados onde cada educando conseguiu participar e expressar suas ideias.

Os métodos utilizados foram roda de conversas com aula dialogada, essa foi uma das estratégias utilizadas para ser ter no primeiro momento uma avaliação coletiva e participativa dos temas. Todos os procedimentos metodológicos utilizados aqui traz como ponto principal a importância da utilização das imagens no estudo de paisagem urbana, assim, podemos ressaltar as diferentes maneiras de linguagem, de ver essas imagem como recursos didáticos no processo de ensino aprendizagem, estas estratégias vêm agrega cada vez mais o uso de novas ferramentas metodológicas para trabalhar a geografia de forma plena.

Desse modo, utilizamos os recursos didáticos para complementar o aprendizado desses educando, atrelando com teorias e práticas para adquirir coletivamente uma reflexão crítica sobre as experiências adquirida durante o processo de aprendizagem. Este intervenção será exposta assim que retornarem as aulas presidenciais em uma Escola Estadual Peregrino Junior (EEFM), Escola que possui 596 alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio e funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno. A Escola tem um espaço físico favorável, que conta quadras de esporte, recursos didáticos de uma sala de livros, sala de jogos etc. o planejamento será de ação programada de volta as aulas, que iniciará com atividade

prática, que terá à participação de uma sala de 5º ano com 30 alunos, com faixa etária entre 09 e 10 anos. Os procedimentos expostos neste trabalho foram interligados com os estudados durante o curso de aperfeiçoamento de Paulo Freire. Assim sendo, as análises foram feitas a partir dos autores e os textos que foram disponibilizados. A metodologia escolhida foi através das aulas dialogadas, que foram desenvolvidas em dois momentos. No primeiro momento, a apresentação dos conteúdos que foram Transformação no espaço geográfico e na Paisagem urbana. Os métodos utilizados primeiramente iniciou-se com uma dinâmica lúdica em seguida uma roda de conversas coletiva solidária, dada sequência a aula utilizaremos as tirinhas com imagens, para fazer as atividades, que aborda o conceito de paisagem geográfica e suas características.

Na aula seguinte, o mesmo conteúdo foi revisto ressaltando todos os assuntos abordados anteriormente e as imagens das tirinhas, para fazer o fechamento e conclusão das temáticas com uma roda de conversas com objetivo de observar o que eles compreenderam na aula anterior em relação às imagens trabalhadas nos conteúdos é saber quais foram as suas dúvidas, para compartilhar as experiências adquiridas coletivamente durante a aula, nesta aula foi mostrando duas cenas de décadas anteriores de transformação do meio ambiente interligados com a área urbana que foram comparadas com as imagens atuais da área urbana, para fazendo assim, uma análise das cenas.

Dessa forma, buscando discutir as transformações do espaço geográfico ao longo das décadas, revelando aspectos ambientais e impactos causados por essas transformações, em diversos momentos da história. Para avaliar os conhecimentos adquiridos após a utilização da metodologia em questão, foram aplicadas aos alunos as mesmas atividades, para confrontar e identificar se houve eficácia nos conteúdos apreendidos pelos

educandos, se eles conseguiram fazer um análise com um olhar crítico a partir das imagens para confrontar com os aspectos das modificações da paisagem urbana atual, da sua cidade e comunidade local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para identificar os saberes e as dificuldades dos alunos acerca das transformações da paisagem urbana e os seus conhecimentos em relação aos impactos causados ao meio ambiente, vamos fazer uma pesquisa de campo entre o período de agosto e setembro de 2021, onde vamos aplicar questionários, distribuídos entre os alunos da Escola Estadual Peregrino Junior do Ensino Fundamental e Médio, os questionários serão aplicados por amostragem e da seguinte forma: escolhemos duas turmas de cada série do quinto ao sexto ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, aonde vão aplicamos dois questionários iguais, contendo oito questões, com perguntas reflexivas para obter um posicionamento de um olhar crítico por parte dos alunos em relação às transformações causadas pelo homem ao meio ambiente.

Diante disso, optamos por aplicar um questionário por sala, selecionando apenas duas turmas em cada turno. Vamos aplicar também, com esses mesmos alunos uma atividade com mapa mental, com eixos temáticos usados na aprendizagem do curso de Paulo Freire, buscando colocar em prática as experiências do aprendizado do curso em questão. Dessa forma, os alunos farão uma apresentação desses temas na sala de aula. Dando sequência aos questionamentos, com relação aos mapas, colocaremos para os educandos que eles possuem várias utilidades, e facilitam na questão da aprendizagem, assim, vamos mostrar os temas interligados com as imagens das tirinhas das quais trabalharemos

anteriormente. indagando sempre aos alunos durante a aula, para que possam fazer essa ligação com os conhecimentos adquiridos lhe pedido se eles poderiam citar algum exemplo relacionado com a realidade em questão em caso positivo que dissessem qual ou quais. Diante das respostas, vamos ver se a maioria dos alunos consegue citar pelo menos alguma relação do tema anterior com o do mapa, conforme gráficos 2 e gráfico 1 que a tirinha.

Após recebemos, os questionários, inicialmente, vamos começar uma aula dialogada para questionar os alunos sobre quais foram às perguntas que mais lhe despertaram o interesse, e quais foram as mais difícil de responder. No segundo momento da aula vamos questionar os educandos, para fazer uma autoavaliação em relação às estratégias utilizadas em sala, se eles gostaram da proposta da aula e quais as experiências eles adquirirão em estudar esses conteúdos coletivamente, no intuito de mensurar se de que forma os temas fizeram sentido e tiveram importância para eles, dessa forma, é possível também investigar o que os alunos acharam de importante na obtenção de conhecimentos relacionados à geografia atrelados a outras disciplinas já que estamos trabalhando o meio ambiente como tema transversal, os temas transversais têm em comum o fato de serem questões que permitem a compreensão e a crítica da realidade, logo respeitando a particularidade de cada indivíduo. Nesse sentido, podemos descartar à transversalidade que pode desencadear outras discussões ,como,por exemplo,sua relação com interdisciplinaridades.

Assim, de certa forma uma está ligada a outra diretamente, fazendo uma união das disciplinas em benefício de determinados temas transversal, no caso em questão a temática ambiental interligada com paisagem urbana. Diante disto, os alunos ficam livres para expressar as suas ideias, e fazer parte como agente integrante e transformador, desempenhado um papel de crítico diante da realidade desse meio, se formado um

cidadãos conscientes que decidam e se comprometam com a realidade socioambiental, aptos para fazer as devidas relações entre os elementos que se realizam em todo esse contexto ambiental.

No terceiro momento, vamos avaliar através de um fórum com a participação coletiva de todos da turma, para aprimorar as atividades em sala de aula, os pontos positivos e negativos dessa temática. Diante disso, conclui-se que o tema escolhido é muito importante para escola e alunos, pois se trata de um problema existente nas proximidades da instituição que o lixo e a degradação do meio ambiente, deixando todos insatisfeitos pelo descaso das autoridades.

Pergunta 2: Considerando-se os enunciados “Ontogênese” e “Aprender” como podemos na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo?

A importância em diferenciar o processo de ontogênese e o processo de aprender, fazendo com que o aprendiz compreenda o que é inerente a sua evolução e o que pode ser agregado a ela.

O incentivo do pensamento crítico e criativo é preciso construir um processo educativo que parta de realidade do estudante e seja ancorado nas suas experiências de vida.

O despertar da educação visual precisa ser efetiva em todas as etapas de aprendizagem do sujeito, visto que a compreensão da escrita é muito mais fácil quanto é associada a uma imagem as vezes descritiva, as vezes imagética. Como ler um contexto ou uma realidade sem visualizá-lo? Sem observar suas nuances e sua história? A análise e a criação de pontos de vista dependem da experiência do ver, do enxergar ver - percepção do todo.

Pergunta 3. É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa?

O processo educativo é fundamental para liberdade criativa, na qual o sujeito consegue estabelecer as conexões entre sua realidade e os conteúdos formativos. Sem a liberdade criativa, o educando apenas decora/memoriza o conteúdo, que se torna vazio e sem finalidade alguma.

Pergunta 4. Como podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento)?

O olhar multidisciplinar a geografia possibilita o estabelecimento de diversas estratégias de interação entre as muitas ciências, bem como, proporciona um uso expressivo de imagens e de construção de dinâmicas educacionais a partir da realidade do cotidiano das pessoas.

Neste segundo fórum de discussão buscaremos dialogar sobre os seguintes temas: a Pedagogia da Visualidade, Gestão do conhecimento, Interdisciplinaridade.

Abaixo as questões problematizadoras, cujo referencial é a leitura e análise do artigo “O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar”, sob a autoria de Erenildo João Carlos e Evelyn Fernandes Azevedo Faheina, e também se utilizando a imagem abaixo para compreensão do que é interdisciplinaridade:

Pergunta 1: Como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? Mediar com interação das bagagens que o indivíduo trás para unir ao conhecimento proposto à gestão entende-se como a organização do conhecimento, propondo aos alunos entendimento dos acontecimentos contextualizando com seu cotidiano e a relação interdisciplinar que pode existir entre elas para dar sentidos a suas ações empíricas é proporcionar novas experiências em suas vidas.

Pergunta 2: Como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? Educar o olhar é perceber de forma reflexiva é profundo o saber, ter uma visão crítica é opinar o que a

imagem apresenta, qual é o seu verdadeiro significado, que mensagem ou informação importante está sendo apresentada de forma não implícita um olhar mais atento, um olhar de ver é analisar para entender melhor o nosso cotidiano de uma maneira mais ampla fazendo análise é analogia do mundo como um todo.

Pergunta 3: É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? Além de ser possível é muito importante, usamos as novas tecnologias, podemos debater acontecimentos cotidianos, comparando imagens refletindo de forma consciente o contexto atual e a influência delas em nossas vidas além de dar acesso a mais pessoas como, por exemplo, deficientes que antes sem ter esse acesso as tecnologias não podiam avançar em seus conhecimentos.

Pergunta 4: Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, como é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Aponte/sugira uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa. A importância da linguagem fílmica é uma ferramenta pedagógica de valioso valor, pois através de filmes e músicas podem e devem ser usados como mediadores para facilitar o conhecimento, eles apresentam ideias, valores e atitudes importantes trás luz ao o aprendizado dos humanos. Os curtas são ótimos a serem trabalhado, pois os filmes longos, torna-se cansativo. Vídeos com tempo curto que possa ser reflexivo e compartilhado é debatido para uma troca de conhecimento: que não só envolva a geografia em si mais der espaço para outras disciplinas, em cada uma delas podem ser

observado o mesmo conteúdo, mas com significados diferentes. Que o aluno possa perceber que não é a mesma matéria, mas os assuntos discutidos façam efeitos entre elas, ele consegue perceber a ligação deles em sua vida do dia a dia. Além disso, dessa forma dar para ajudar desenvolver o conhecimento de alunos que possam apresentar alguma dificuldade de aprendizagem. Tendo em vista que em sala de aula temos uma diversidade de alunos. É bom pensar em filmes que possa ser trabalhado não só a questão ambiental mais que tenha conteúdos diversos a serem trabalhado.

Neste terceiro fórum de discussão buscaremos dialogar sobre os seguintes temas: Paulo Freire e o uso da imagem visual.

Abaixo as questões problematizadoras, cujo referencial é a leitura e análise do artigo “Paulo Freire e a imagem”, sob a autoria de José Eustáquio Romão, e também se utilizando dos referenciais complementares (livros sob autoria de Paulo Freire):

Pergunta 1: Em que consiste a ontogênese da imagem? O texto traz à tona que desde o início da existência dos seres humanos que eles já marcavam os seus territórios, através da imagem e assim foram marcando a sua história no mundo, são cada vez mais mostrando os seus interesses pela imagem enquanto representação da realidade. Esses interesses foram comprovados através das grandes obras encontradas em várias partes do mundo como pinturas rupestres, esculturas grandiosas deixadas por artistas através de quadros feitos de várias parte do mundo para representar sua cultura e as gerações passadas dessa forma, eles se eternizaram.

Pergunta 2: Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freiriano. A importância da relação interdisciplinar para construir pontes é fundamental nesse contexto, podemos desenvolver um olhar crítico com relação ao mundo é enxergar os que estão as margens que nos cerca.

Transformando esse conhecimento através do compartilhamento para desenvolver um potencial pleno nas disciplinas de maneira geral, conversando com coletivo para a transformação do espaço, para facilitar não só o entendimento das formas, cores, relevo, presente e passado, buscando alternativas para compreender melhor os meios para comparar o futuro. A relação com o pensamento freireano, ele nos mostra uma nova maneira de ver o mundo comparando a realidade e o presente. Segundo Paulo Freire o que diferencia os seres humanos dos demais é a sua capacidade de compreender a realidade. Dessa forma, podemos fazer essa ligação com a interdisciplinar é propor uma nova roupagem para dar vez e voz ao educando no sentido de que ele possa interagir de forma crítica é livre para uma transformação maior.

Pergunta 3: Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? É muito importante no mundo em que vivemos se ter a liberdade, com visão crítica para contrapor o que de fato faz parte da nossa realidade é enxergar o que está ao nosso redor é até mesmo o que nos esconde de nós. Para construir é melhorar de forma positiva é imprescindível que além do olhar diante do mundo é importante que se faça reflexões sobre tudo que está acontecendo. Dessa maneira, não só observar e contemplar o espaço mais sim ir mais além, sempre em busca do novo para agregar novos conhecimentos valorizando sempre as descobertas é o que está sendo estudado, só assim é que podemos compartilhar de vivências, experiências das nossas aprendizagens com o nosso semelhante.

Pergunta 4: Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria. Podemos destacar a tirinha e as histórias em quadrinhos como ferramentas fundamentais para trabalhar a linguagem visual,

além de ser muito importante para desenvolvimento da aprendizagem. Nesse contexto, é interessante começar cedo a introduzir na sala de aula as tirinhas, pois ela ajudará de forma complementar na evolução do conhecimento crítico do educando desde cedo, esse método vai ser um bom aliado para o desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, não dá para ter uma aprendizagem de forma homogênea, pois cada um tem as suas particularidades pessoais. Além disso, é possível trabalhar desde educação infantil, fundamental até o ensino médio.

Através das imagens das historinhas em quadrinhos é possível desenvolver também a leitura de forma criativa, dinâmica é educativa, pois a história pode trazer um tema com uma mensagem que aborde o meio ambiente, por exemplo, mostrando assim uma realidade para despertá-lo da curiosidade de ir mais além, como instrumento de compreensão das narrativas para construção do saber de forma geral, pois abrange um mundo de possibilidades e ajuda o docente a fazer a intermediação do conhecimento através das imagens para qualquer disciplina, aqui nessa proposta a tirinha traz dois contrastes de cenas para um despertar da realidade é estimular o olhar diferenciado sobre o meio ambiente para levantar questionamentos e opiniões não só do assunto meio ambiente mais também questões sociais, geográficas etc. Além disso, dá para fazer dinâmicas com essa tirinha. Como se vê de forma interdisciplinar podemos trabalhar as atividades de forma dinâmica para mediar o conhecimento dos alunos a refletirem sobre as imagens é expor essa aula através de rodas de conversa, facilitando de maneira coletiva a interação entre eles.

Imagem 1: Tirinha.



FONTE DA TIRINHA www.sosterraplaneta.blogspot.com.br.

Tema gerador: processo de aprendizagem através da imagem e Meio ambiente

Ensino Fundamental I e II

Disciplina: Geografia

Tema da aula: Transformação no espaço geográfico- construções – A degradação do meio ambiente-poluição

Tempo previsto: Duas aulas.

Objetivo: O objetivo dessa aula é fazer com que os educandos compreendem não só os temas abordados, mas também reflitam sobre os assuntos de forma protagonista, fazendo assim que os alunos possam se perceber como integrantes do meio ambiente. Desse modo, também vamos estimular diálogo sobre os temas para formular problemas da relação homem/meio ambiente apresentando soluções. O foco desta aula é para um despertar para compreensão da realidade social. A disciplina escolar de Geografia deve oferecer instrumentos para compreensão e intervenção na realidade social. Assim sendo, para que o aluno entenda que ele é um agente transformador, mas também passivo frente ao meio. E compreender as formas

como diferentes sociedades interagem com a natureza e questioná-las.

Roda de conversa antes da aula: O diálogo antes da aula para levantar conhecimentos prévios acerca do assunto que vai ser abordado é muito importante que já tenham sido apresentados aos alunos figuras relacionados aos temas, é fazer com que eles tenham o incentivo ao desenvolvimento da leitura, através de estímulo e estratégias, com dinâmicas lúdicas para trabalhar a aprendizagem das imagens, despertando a curiosidade de aprender através das informações obtidas das imagens. Nesse sentido, através dessa interação é possível não só o convívio social, mas desenvolver o senso crítico dos educando para expor o seu ponto de vista em relação ao conteúdo trabalhado.

Recursos e materiais pedagógicos: Recortes de revistas, reprodução das imagens em cartolinas, pinturas com lápis de cores, tintas e etc, pinturas em quadro, imagens e pesquisas em tablets e celulares e etc.

No que diz respeito ao Desenvolvimento metodológico do tema fazemos a perspectiva aqui e trabalhar a proposta da tirinha de maneira ampla, proporcionando ao educando um protagonismo dentro desta proposta de atividade, pois ela traz dois contrastes de cenas para um despertar da realidade é estimular o olhar diferenciado sobre o meio ambiente para levantar questionamentos é opinião não só do assunto meio ambiente mais também questões sociais, geográficas e etc.. Além disso, vão ser abordados os textos com histórias relacionadas às imagem da tirinha, portanto, vamos utilizar o método de dinâmicas lúdicas com relação ao temas do meio ambiente e etc. Logo para um despertar crítico das imagens.

Como se vê, os assuntos relacionados vão sendo trabalhados de forma interdisciplinar. Assim sendo, podemos trabalhar as atividades de diversas formas com várias estratégias, para mediar o conhecimento dos alunos a refletirem

sobre as imagens é expor essa aula através de rodas de conversa, facilitando de maneira coletiva a interação entre eles.

Avaliação:

A avaliação será contínua processual e diagnóstica durante a abordagem da aprendizagem e da construção dos seus conhecimentos, com o olhar atento à participação e a interação coletiva da turma para uma construção da reflexão das tirinhas, para poder avaliar o seu desenvolvimento pessoal em relação aos temas abordados.

Tema gerador: processo de aprendizagem através da imagem e meio ambiente.

Esses temas relacionados ao meio ambiente tem que ser sempre ressaltando nas áreas de competências, pois ele é fundamental para o processo educativo dos educando, além de promover a ética e moral, pois traz à tona construções de valores, direitos, respeito e responsabilidades e etc. Nesse sentido, torna se possível trabalhar de maneira abrangente para formar cidadãos conscientes e mais responsável com a natureza, só assim despertando essas futuras gerações nas salas de aulas. Além de ser muito importante para eles, poderemos viver no mundo mais justo e melhor para todos.

Podemos destacar a tirinha e as histórias em quadrinhos como ferramentas fundamentais para trabalhar a linguagem visual, além de ser muito importante para o desenvolvimento da aprendizagem. Nesse contexto, é interessante começar cedo a introduzir na sala de aula as tirinhas, pois ela ajudará de forma complementar na evolução do conhecimento crítico do educando desde cedo, esse método vai ser um bom aliado para o desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, não dá para ter uma a aprendizagem de forma homogênea, pois cada um tem as suas particularidades pessoais. Além disso, é possível trabalhar desde a educação infantil, fundamental I e II. Através das imagem das historinhas em quadrinhos é possível desenvolver também a leitura de forma criativa ,dinâmica é educativa pois

a história pode trazer um tema com uma mensagem que aborde o meio ambiente por exemplo ,mostrando assim uma realidade para o despertar da curiosidade de ir mais além, como instrumento de compreensão das narrativas para construção do saber de forma geral, pois abrange um mundo de possibilidades é ajuda o docente a fazer a intermediação do conhecimento através das imagens para qualquer disciplina, aqui nessa proposta a tirinha traz dois contraste de cenas para um despertar da realidade é estimular o olhar diferenciado sobre o meio ambiente para levantar questionamentos é opinião não só do assunto meio ambiente mais também questões sociais ,geográficas etc. Além disso, dá para fazer dinâmicas com essa tirinha. Como se vê de forma interdisciplinar podemos trabalhar as atividades de forma dinâmica para mediar o conhecimento dos alunos a refletirem sobre as imagens e expor essa aula através de rodas de conversa, facilitando de maneira coletiva a interação entre eles.

Percepção visual e representação: “Segundo (SOUSA, Rocha) de percepção visual e representação. In SOUSA, Rocha de Didáctica da Educação visual. Universidade Aberta, Lisboa, 1995.p.31-69. O homem serve-se desses meios, de diferentes modos e incluindo os da sua mobilidade visual para transmitir sentimentos, sensações, ideias, do processo artístico nas suas linhas gerais. O texto ressalta o processo visual, à capacidade de ver, à possibilidade de por essa via se formular juízos sobre as coisas. Ou seja: o homem vive num mundo repleto de formas naturais e de objetos de civilização”. Com base na citação acima, evidencia-se que a percepção tem um papel importante na nossa representação por meio das imagens no nosso cotidiano.

Podemos avaliar a fundamental importância que traz para o nosso conhecimento explorar esse olhar diante das artes. Além disso, a obra ressalta esse foco, deixando evidente e entendido os problemas que envolvem a relação e a visão e a

representação, associa a aprendizagem do ver com a aprendizagem do ser, na integração do indivíduo como agente de uma civilização. No ensino de arte, inúmeras vezes utilizamos a leitura formal, mas esquecemos de aprofundar aquilo que o olhar encontrou, permitindo que nosso aluno estabeleça uma relação mais profunda entre linguagens e significações. O mundo atual requer um olhar mais aguçado, mais aprofundado, crítico, transformando sujeitos em formadores de opiniões. Percebe-se que, quando olhamos uma imagem devemos olhar é refletir sobre ela, pensar que mensagem ela está me transmitindo, para poder interpretar, avaliar e julgar.

Percebe-se, que nessa obra o autor propicia a multiplicidade de visões, a compreensão da construção cultural do diverso olhar tanto histórico-social, dos seres humanos explícita ou implicitamente nas imagens e artefatos, torna-se realmente importante para percepção visual. Como se vê, é importante que todos educadores ou educadoras que compõem a escola encarreguem-se de promover novos e diferentes olhares aos artefatos imagéticos que diariamente estão disponíveis no ambiente escolar.

Salgueiro (2001) ressalta que a aparição da paisagem na Geografia europeia se faz presente desde o século XIX, quando esta se constitui como disciplina científica na Alemanha (SALGUEIRO, 2001). Seu conceito, entretanto, era difuso, pois o termo *landschaft* tanto significava uma porção limitada da superfície terrestre cuja configuração de elementos lhe dava unidade, quanto a aparência do espaço tal como era percebido por um observador. As traduções oriundas da palavra alemã mantiveram tal ambiguidade, levando a que, inclusive atualmente a paisagem, possa ser caracterizada por essas duas especificidades. É neste contexto de surgimento da Geografia que se manifestam as primeiras considerações do aspecto cultural das paisagens. Assim sendo, o texto mostra que a

trajetória da paisagem na geografia traz particularidades diversificadas no contexto das suas origens, pois permeou durante o século nos diferentes segmentos das suas origens, mostrando as suas mudanças ao decorrer do tempo fazendo história com suas transformações. Portanto, a autora traz à tona que o conceito de Paisagem Cultural se afirma na Escola de Berkeley, na Califórnia (EUA), no início do século XX. Está fundamentada no artigo “A Morfologia da Paisagem” (The Morphology of Landscape), escrito pelo geógrafo norte-americano Carl Ortwin Sauer, em 1925, que viria a se tornar um dos principais expoentes na defesa do caráter científico da paisagem dentro da Geografia. Segundo Salgueiro (2001), a concepção de paisagem surge inicialmente ligada à pintura. Esta desempenhou um papel determinante na construção dos códigos estéticos de apreciação da natureza.

A pintura de paisagens levou as pessoas a encarar a natureza de outra maneira, pois ao fazer dela tema de quadros, objeto e condição de beleza, valorizou o território como fonte de espetáculo, fruição estética, e instituiu uma nova forma de olhar o território em busca do prazer (idem). Nas artes, o conceito Paisagem só passaria a ganhar lugar de destaque, a partir do Renascimento. Antes, o indivíduo e a Natureza seriam uma coisa só; nela inseridas, as pessoas não poderiam lançar o olhar sobre, caracterizando o distanciamento que permitisse olhá-la como um objeto, ou seja, outro separado de mim. Neste momento, a Paisagem ainda não é apresentada nas expressões plásticas como cena, pois todos os elementos são tratados separadamente, como elementos de fundo. É indiferente se os elementos de fundo são flores, folhagens, animais, ou outro grafismo qualquer. “Flores, folhas e árvores são coisas que podem ser pensadas isoladamente. Uma montanha é uma ‘coisa’, quando a sua forma é suficientemente egrégia para a distinguir do conjunto. Nesse sentido, é possível ver que a paisagem ganha espaço a partir do momento em que ela

enxerga a natureza com outro olhar é começa a se inserir a ela, passando a incluir beleza e vida aos quadros etc.

Paisagem e espaço capítulo 5: Segundo Santos (2014): SANTOS, Milton, Paisagem e espaço. In: Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014.p.67-81. Portanto, o texto evidencia que o espaço está no centro das preocupações dos mais variados profissionais. Para alguns, objeto de conhecimento, para outros simples meio de trabalho. Há desde os que o veem como um produto histórico, até como um processo histórico. Podemos dizer que o espaço é o mais interdisciplinar dos objetos concretos (Santos e Souza, 1986, p. 1).

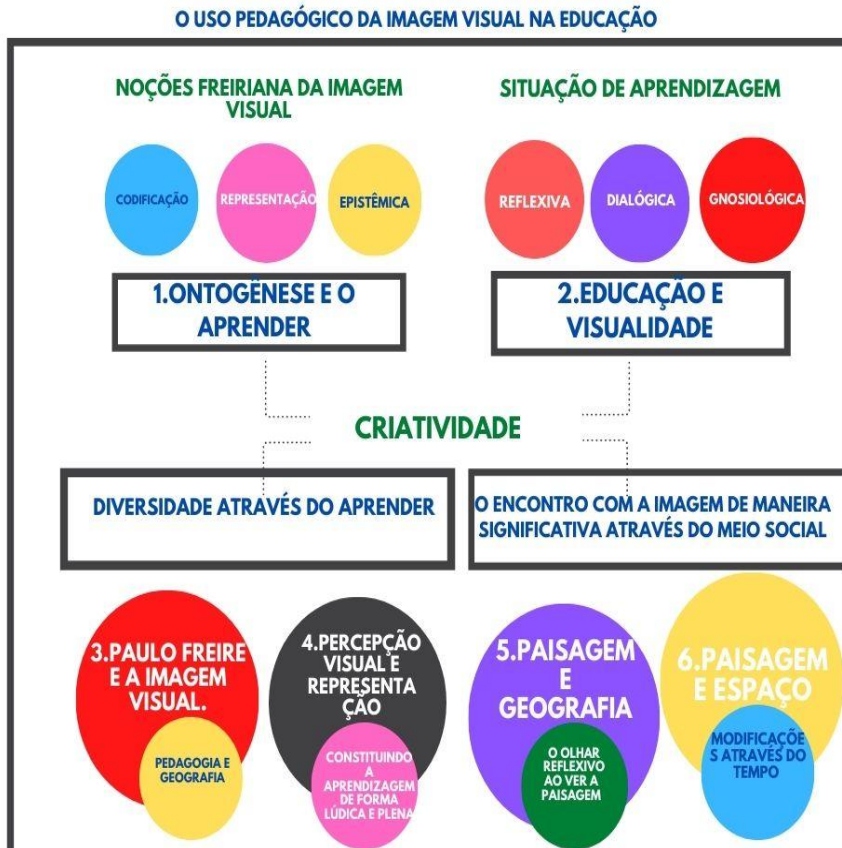
Estudar e compreender o espaço geográfico são as interações entre a sociedade e o meio em que ela vive em todas suas dimensões e particularidades. A paisagem e espaço não limitam apenas em um ponto de vista, logo podemos pensar com mais dimensões do que realmente é paisagem é espaço de forma multidisciplinar com outras especificidades, já que é o objeto de conhecimento. Com base na citação acima, evidencia-se que a percepção tem um papel importante na nossa representação por meio das paisagens e espaço no nosso cotidiano. Dessa maneira, podemos avaliar a fundamental importância que traz para o nosso conhecimento explorar esse olhar diante das paisagens e espaço. Além disso, a obra ressalta esse foco, deixando evidente e entendido os problemas que envolvem a relação e a visão e a representação, associa a aprendizagem do ver com a aprendizagem do ser, na integração do indivíduo como agente de uma civilização.

Nas competências das especificações de suas obras, inúmeras finalidades de utilizamos o olhar de maneira ampla, mas não nos esquecemos de aprofundar aquilo que o olhar encontrou, permitindo que a paisagem estabeleça uma relação mais profunda entre espaço e significações. O mundo atual

requer um olhar mais aguçado, mais aprofundado, crítico, transformando sujeitos em formadores de opiniões. Percebe-se que, quando vemos uma paisagem devemos olhar é refletir sobre ela, pensar que mensagem ela está me transmitindo, para poder interpretar, avaliar a plenitude. Percebe-se, que nessa obra o autor propicia a multiplicidade de visões, a compreensão da construção cultural é histórico-social, dos seres humanos explícita ou implicitamente, torna-se realmente importante para percepção mental. Como se pensar a respeito é refletir todas essas questões importantes aos artefatos imagéticos que diariamente estão disponíveis no ambiente.

Esse mapa mental traz os temas chaves para uma construção de conhecimentos ampla na área de interdisciplinaridade da educação multidisciplinar, pois dá para estudar os temas abordados ou determinados assuntos pela visão de diversas disciplinas, no ensino fundamental I, II.

Imagem 2. Mapa mental.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Sendo assim, são eixos importantes de ensino que engloba diferentes conteúdos para que os educando compreendam mais sobre os temas específicos, gerando uma visão geral sobre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho buscamos mostrar o ensino da geografia de forma diferente, que é possível trabalhar na prática, de forma coletiva a favor de uma causa, de modo que as aulas dessa disciplina curricular possam ser compreendidas com um caráter mais concreto e significativo e menos superficial e distante dos indivíduos. Com o desejo de fundamentar teorias e as experiências adquiridas no curso de Aperfeiçoamento de Paulo Freire enfatizaram a importância de trabalharmos, por meio das paisagens geográficas, imagens etc. No percurso deste curso aprendemos a importância do uso pedagógico da imagem visual em geografia. Desse modo, com base nos ensinamentos aprendidos neste curso foi possível elaborar de forma criativa uma proposta de intervenção para trabalhar junto aos alunos.

Demonstramos que o estudo da geografia por meio da imagem é possível, é que através dela dar pra se criar, um elo com o meio ambiente, o propósito das atividades foi despertar a curiosidade dos educando em relação às temáticas, através dos estudos das imagens, para compreender as transformações do meio ambiente. As imagens que utilizamos para analisar possibilidades de ensino de geografia permitem-nos entender que é necessário pensar o espaço geográfico e suas transformações ambientais. E por meio das imagens, podemos visualizar, imaginar e refletimos sobre elas para relacionar com a realidade. Percebemos no decorrer deste curso, o quanto ele contribuiu para enriquecer os nossos conhecimentos, é também no fomento de ensinamentos inovadores, com métodos e estratégias de ensino diferenciadas, nos despertando para um novo olhar pedagógico na aquisição de linguagem são ideias inovadoras para uma transformação enquanto docente, repensando novas práticas, para aplicarmos em sala de aula.

Desse modo, mostrando que podemos trabalhar a geografia enquanto uma ciência visual também.

Podemos utilizar recursos didáticos de imagens com possibilidades do uso de tirinha textual, fotografias etc, como recurso didático. A principal meta deste trabalho foi contribuir para a formação de cidadãos conscientes e participativos, respeitando a diversidade de todos com a atitude de promovendo de forma inclusiva a todos coletivamente, para atuar na realidade do meio ambiente de maneira comprometida com causa em questão, com o objetivo de motivar os discentes e os docentes da escola pra causa em questão.

Repensando e fazendo uma retrospectiva de todos os conhecimentos abordados nesses módulos é importante ressaltar o sentido da imagem e a sua representatividade na vida dos indivíduos ao longo da sua trajetória. Dessa forma, levando em consideração tudo o que foi visto sobre o significado do que é uma imagem e o que ela representa desde os primórdios até os dias atuais , pensando que desde os princípios da formação humana, já se tínhamos o interesse pelo que a imagem representava da realidade, no qual artesões tentavam eternizar os grandes momentos da história em suas obras, vivenciados pelos povos de diversas gerações do passado.

Somos capazes de imaginar como era o passado através do poder da imagem, que atravessou diversos momentos no decorrer da história é tudo isso só foi possível, por causa dos conhecimentos deixados por eles que logo através da leitura das imagens podemos descrever é observar os detalhes das imagens. Nessa perspectiva o indivíduo pode conhecer e ir mais além da representação, pois através das imagens é possível analisar as diversas interpretações de maneira ampla com pontos de análises críticos, cultural, social etc. Nesse sentido, a imagem apresenta signos e sinais que podem ser lidos e

interpretados. Portanto, a imagem é uma maneira de representar a história e a cultura da humanidade, mostrando diversidade, assim sendo uma linguagem não verbal, entre outras, pois nada impede de se descrever uma imagem através de um texto rico de detalhes e pontos de vista acerca da imagem descrita. Além disso, podemos analisar os diferentes contextos do que se observa, chegando a diferentes opiniões em relação ao seu entendimento em relação às imagens descritas. Desse modo, a imagem pode ser um texto? claro que sim pois ela precisa ser identificada, dessa forma, será possível saber quem fez ou quando e onde e qual o contexto da época foram produzidas, essa imagem para poder se estudar em sala de aula por exemplo devemos conhecer para dar continuidade para futuras gerações Além disso, e através dos estudos dessas obras que os educando traz seus questionamento à tona a acerca dos textos expostos, podendo assim, expor suas dúvidas e inquietações relacionado ao seu cotidiano e logo construído assim uma ponte com a sua vivência, fazendo assim uma ligação de conhecimentos para uma aprendizagem crítica e reflexiva da interpretação dos conteúdos.

REFERÊNCIAS

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In.: SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

SALGUEIRO, 2001. Teresa Barata Salgueiro. Paisagem e geografia. **Finisterra,XXXVI,72,2001,PP.37-53**, o artigo "A Morfologia da Paisagem" (The Morphology of Landscape), escrito pelo geógrafo norte-americano Carl Ortwin Sauer, em 1925.

SANTOS, 2014. Milton, Paisagem e espaço. In: **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e metodológicos da Geografia**.6 ed.São Paulo: EdUSP, 2014.

Outras informações:

Rocha de Sousa – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

Acesso em: 31 de Maio .2021.

Quando o homem compreende a sua... Paulo Freire - Pensador

Acesso em: 31 de Maio .2021.

FONTE DE ACESSO DA TIRINHA:

www.sosterraplaneta.blogspot.com.br. Acesso em: 16 de Mar. 2021.

O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar, sob a autoria de Erenildo João Carlos e Evelyn Fernandes Azevedo Faheina.

Paulo Freire e a imagem sob a autoria de José Eustáquio Romão.

LEITURA DE IMAGENS COMO INSTRUMENTO PARA A AULA DE GEOGRAFIA

Aparecida Mendonça Silva Germano³
Ricardo Santos de Almeida⁴

RESUMO: este estudo buscou intervir em uma escola, abordando a leitura de imagens em sala de aula numa perspectiva de um ensino ativo, assim o objetivo foi propiciar aos discentes o contato com diferentes imagens, a fim de despertar a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade, estimulando a liberdade do ser crítico, e o encontro com sua própria identidade. Para elucidar a pesquisa buscou-se o referencial teórico (FREIRE, 1999), (SALGUEIRO, 2001), (SANTOS, 2014), (SOUSA, 1995), na metodologia considera-se uma seqüência didática de 09 (nove) módulos do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, para cada módulo se realizou atividades de estudo com elaboração de fichas, as quais foram sistematizadas e analisadas gerando os primeiros elementos

³Técnica Agrícola em Agropecuária Ecológica. Graduada em Licenciatura plena Geografia, pela Universidade Federal de Alagoas-(UFAL), Especialista em Docência em Geografia e Práticas Pedagógicas, pela Universidade Candido Mendes - Pro Minas, Brasil. Em andamento especialização em Educação do Campo e Sustentabilidade. Professora de Geografia e Ciências.

⁴Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Camponos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

teóricos da pesquisa, realizou-se o plano e intervenção didática dentro da sala de aula com elaboração de relatos. A estratégia adotada acabou por gerar uma aprendizagem significativa e ativa, os aluno/as além de buscarem o entendimento do que é fazer leitura visual, perceberam que nas imagens existe uma relação dos registros que fazemos ao longo da vida com os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Imagem. Paulo Freire.

APRESENTAÇÃO

Na história da humanidade os homens e mulheres optaram pelas imagens como forma de representação do seu cotidiano, possibilitando o entendimento de como ocorreu o processo de ocupação e transformação do espaço geográfico. Esta representatividade do mundo encontra-se nas imagens em diferentes formatos sejam em mapas, desenhos, esculturas e fotografias.

Para que os professores de Geografia possam aplicar metodologias de leitura de imagem é preciso que tais sejam capacitados, assim é necessária uma formação continuada, capaz de propiciar-lhes a oportunidade de adquirirem habilidades para realizarem leituras críticas sobre as imagens visuais, assim nesta tarefa se exige conhecimentos técnicos e pedagógicos, buscando processos de formação inovadores, considerando a realidade posta pela sociedade que avançou na informação, na educação e na tecnologia.

Paulo Freire (1999, p.11) nos faz refletir que a demanda do educador é um exercício permanente, é a convivência amorosa com seus alunos, é a postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer.

Para (LIMA, 2009, p.3) “a formação para docentes deve estar organizada num currículo educacional, com formação continuada e a formação acadêmica que inclui três instâncias, sendo elas: a formação básica; técnica e superior; e a formação pedagógica que profissionaliza o docente”.

A motivação para desenvolver a proposta pedagógica surge na reflexão de para aprender a fazer leitura de imagem na prática educativa estimulando o pensamento crítico e criativo utilizando-se da educação visual como um caminho possível para a leitura do mundo, o docente deve buscar trabalhar com as imagens, levando em consideração os temas pertinentes as disciplinas, buscando a interdisciplinaridade, pois a análise das imagens constitui um campo a ser desenvolvido e que a interdisciplinaridade pode se mostrar como uma grande aliada.

Assim é possível que se aprofunde em temas ambientais, sociais, transformações espaciais, etc. O educador/a precisa neste caso ser um agente que possa facilitar o conhecimento sempre buscando construir saberes, despertando o pensamento crítico diante das diante da tarefa de ensinar e de aprender.

Esta proposta pedagógica tem como por objetivo propiciar aos discentes o contato com diferentes imagens, a fim de despertar a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade, estimulando a liberdade do ser crítico, e o encontro com sua própria identidade.

A partir, desta intervenção em sala aula, buscou-se fazer a sistematização da experiência considerando o que (ZATTA, AGUIAR, 2009, p.8-9) reafirmam que “para a disciplina de Geografia é fácil fazer esta relação entre o ambiente restrito do aluno e o mundo, despertando a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade em que vive”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a elaboração da pesquisa, foi necessário seguir etapas, buscou-se contribuições na literatura teórica sobre o uso de imagens, integração entre as imagens e a Geografia escolar, orientado por uma sequência didática de 09 (nove) módulos do curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, para cada módulo se realizou atividades de estudo com elaboração de fichas, as quais foram sistematizadas e analisadas gerando os primeiros elementos teóricos da pesquisa.

Na segunda etapa realizou-se o plano e intervenção didática dentro da sala de aula e análise teórica, buscou-se levantar elementos que propiciaram uma descrição diagnóstica da escola e vivência dos discentes da escola B, a escola pesquisada se localiza no município de Igaci/Alagoas, na zona urbana, que atende discentes rurais e urbanos, proporciona as modalidades de ensino: infantil, ensino fundamental I e II dispõe de infraestrutura boa, materiais didáticos, apoio pedagógico eficiente.

Para a escolha do tema abordado esta pesquisa buscou considerar a interdisciplinaridade, a contextualização devido à heterogeneidade do público, a diversidade e inclusão, como princípios norteadores para intervenção dentro da sala de aula. Buscando nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa, pois o ensino deve buscar a aproximação com mundo real, assim quando buscamos conexões entre o ensino e os significados da vida do educando.

A pesquisa apresenta-se em 03 (três) etapas, a) análise e sistematização teórica, b) preparação de sequência didática com 02 imagens preparadas pela docente, 01 imagem resultante do registro fotográfico da realidade em que vive os discentes, considerando os temas (paisagem, espaço geográfico, lugar), c) sistematização dos resultados.

Ao longo dos anos conceberam-se várias estratégias de ensino e de avaliação, no âmbito da Geografia estas estratégias devem estimular a criatividade e a possibilidade de se expressar e as ferramentas podem ser diversas considerando a realidade da escola, como, por exemplo, a utilização de vídeos, jornais, revistas, música, poemas, aulas de campo e o uso de imagens. Para (ZATTA, AGUIAR, 2009, p.8-9) “o trabalho com imagens pode ser muito útil como forma de ensinar e como se produz leitura através do olhar, pois a representação geográfica seja pelos mapas, imagens, fotos, paisagens, favorecem a criatividade, criticidade e liberdade.”

Assim para avaliar a eficácia da intervenção dentro da sala de aula, foram realizadas observações considerando o nível de participação, de interação coletiva, desenvolvimento cognitivo dos alunos/as.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Intervenção: a leitura de imagens na aula de Geografia

A intervenção pedagógica dentro da sala de aula foi realizada com uma turma do 8º ano do fundamental II, considerando 03 (três) imagens a primeira com o tema gerador: a Geografia sob o olhar do sistema capitalista.

Com análise de imagem 01 de quadrinhos/tirinhas “Mafalda ironizando o fato de o mundo subdesenvolvido estar para baixo”, que propiciou um debate de que é possível o estímulo para a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica, para (FREIRE, 1999, p.110) o educador deve ser crítico, com sua intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados/ou aprendidos implica tanto esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

Imagem 1: Tirinha: cartografia e ideologia com Mafalda “



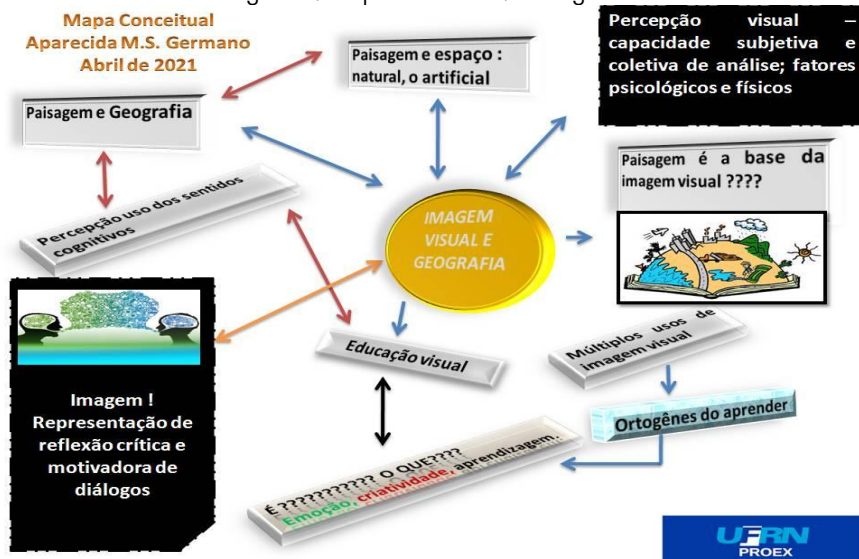
Fonte: (GOOGLE, 2021).

Nesta atividade considera-se a interdisciplinaridade, pois gera temáticas para diversas disciplinas buscando seguir o que (SOUSA, 1995, 31-69) tem por percepção visual de que é tudo que os olhos conseguem visualizar, entendendo como os aspectos físicos e psicológicos, mais para se ter uma boa interpretação da imagem é preciso ter coordenação psicológica consciente, precisando ter elementos reais de análise.

Na imagem 02 o tema gerador foi paisagem e o uso do mapa conceitual, apresentando conceitos chaves na perspectiva de Paulo Freire, assim considerando os saberes dos alunos/as, com intermediação do docente na sistematização das idéias, buscando uma integração de saberes fazendo uso sempre da interdisciplinaridade na construção do aprendizado.

Esta intervenção em sala de aula propiciou debates e construção de saberes, momento de um aprendizado ativo considerando, as sábias palavras de Paulo Freire (1999, 107) “é importante respeitar o direito do aluno de indagar, de duvidar, de criticar de falar”.

Imagem 2: mapa conceitual: Paisagem



Fonte: Elaboração da pesquisadora (2021).

Para (SALGUEIRO, 2001, p.53), é importante se discutir a paisagem e a Geografia numa “integração de conceitos e significados, o primeiro deles é que a paisagem surge na pintura em consequência da ruptura com a visão teológica medieval, resultado de vários acontecimentos que vão dar corpo ao projeto da Modernidade”.

Desta forma “por herança da estética naturalista do romantismo a paisagem ocupa lugar proeminente na Geografia. Tanto é interpretada como uma porção da superfície da terra, como se refere aos seus aspectos visíveis” (SALGUEIRO, 2001, p.38).

A observação dos elementos da natureza possibilita uma sensibilização subjetiva que provoca emoção, esse sentimento se reflete nas pinturas as quais os seres humanos produzem e estas representações de pintura podem ser

instrumentos de análises e de como se pode manipular a natureza.

Tanto a paisagem e o espaço têm haver com a Geografia, pois são definidos pela relação de movimento feito pela humanidade e pelo o modo de produção estabelecido pelas sociedades, assim o espaço e a paisagem são resultados de vários processos que vivem constante transformação e que são as responsáveis por mudanças. (SANTOS, p.67).

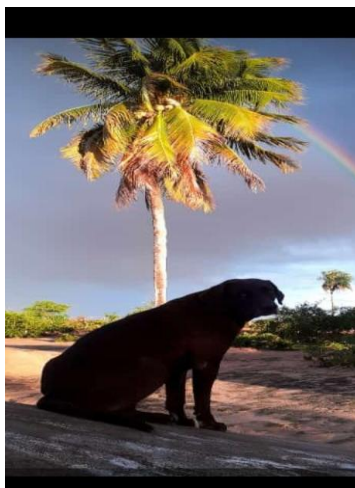
Pode-se verificar que a invenção da paisagem surge a partir da necessidade de explicações para as respostas criadas nas sociedades, e por outro lado com as pinturas das paisagens houve uma mudança de pensamento, acerca desta categoria, pois ao perceber as pinturas as sociedades também perceberam com a visão as belezas das paisagens junto com os territórios, provocando assim debates conceituais sobre estas categorias e como as mesmas podiam ser conservadas.

Quando trabalhados com os alunos/as, as tirinhas e o mapa conceitual como imagens os temas de paisagem e espaço vieram à tona, percebendo que estes dois instrumentos pedagógicos foram capazes de gerar aprendizados importantes para os alunos/as, levantando reflexões importantes como as relações do espaço como resultado de um produto construído pelos processos culturais e sociais.

O Terceiro tema gerador: paisagem, minha realidade, minha identidade, os alunos registraram por meio da fotografia uma paisagem do seu lugar de vivência, o que olhos conseguiam alcançar, buscando registrar elementos de sua identidade, como mostra as imagens 3 e 4 abaixo.

Imagem 3: Sítio Lagoa Pretas/Igaci

Imagem 4:



Rua São Pedro/Igaci

Fonte: (pesquisa do aluno D, 2021)

Fonte: (pesquisa do aluno J, 2021)

Nesta situação busca-se procurar atividades de valorização do contexto local, mais com conhecimentos científicos, buscando dar tratamento das imagens coletadas de forma ordenada, considerando o ver, a representação, o refazer, o ver e reinventar dos sujeitos envolvidos nos processos de formação. Buscar o exercício de apropriação do objeto de estudo, exercitar a análise crítica e buscar refazer as informações vistas, dando ao aluno/a, a capacidade de construir novos conhecimentos, treinando sua memória visual.

Esta memória visual é vista como o domínio que abre possibilidades para o acúmulo de novos e antigos aprendizados sobre o mundo. As percepções visuais do espaço têm dois sentidos, exemplo: podemos olhar para uma comunidade rural e usufruir de várias sensações como tranquilidade, ter a ideia de ar puro, perceber uma linda vegetação, porém o olhar se

diferencia do ver, isso significa que ao ver os aspectos gerais da comunidade, com suas particularidades podemos tomar consciência daquela imagem, ou seja, ao ver, podem-se fazer várias relações locais e globais acerca daquela localidade, pode-se entender como acontece à organização do espaço produzido geograficamente falando.

No século XX os geógrafos que já estudava as disciplinas da ciência Geográfica buscaram integrar um conceito que foi amplo no sentido de levar em consideração as interações entre os elementos do mundo físico integrando a vivência humana, a partir de cada região, pois a região tem suas especificidades individuais com uma paisagem específica da região.

No que se diz respeito aos dias atuais a paisagem ganha uma conotação importante, e isso se demonstra nos inúmeros eventos promovidos com a temática, além das diversas publicações científicas que tem dado a esta categoria uma relevância importante no cenário atual. A paisagem tem feito uma imersão de debate pautado na relação indivíduo-ambiente com estudos sobre a paisagem e a paisagem urbana.

Para (SALGUEIRO, 2001, p.49) o conceito de paisagem foi evoluindo desde uma posição muito próxima da Geografia física, até revelar maiores preocupações com os processos econômicas e culturais, procurando abarcar a totalidade dos fenômenos no espaço estudado.

Na Geografia humana paisagem é vista como um território visto e sentido, subjetivo com enfoque no indivíduo, ou seja, é um resultado de sua vivência prática do cotidiano que se manifesta a partir das representações que cada sujeito elabora do mundo exterior e do seu próprio comportamento. Assim para (SALGUEIRO, 2001, 50) "as paisagens humanas são expressão de decisões orientadas por motivações individuais e econômicas - sociais que são projetadas no espaço sensível".

Nestes achados é validado que a temática paisagem abre a oportunidade de se discutir sobre temas relevantes para as sociedades como tratar de degradação, recuperação e manutenção, permitindo um olhar que sobre elas, do domínio de apreciação por parte do observador.

Dos resultados da intervenção em sala podem-se apontar algumas situações, a estratégia adotada acabou por gerar uma aprendizagem significativa e ativa, os aluno/as além de buscarem o entendimento do que é fazer leitura visual, perceberam que nas imagens existe uma relação dos registros que fazemos ao longo da vida com os conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Dos desafios encontrados para a execução da pesquisa em sala de aula, relata-se apenas no início da intervenção que a escola questionou se seria realmente possível que os alunos apreendessem os conteúdos analisando imagens. Mais este desafio foi superado, a partir dos resultados das avaliações do 1º bimestre da disciplina de Geografia, com nível de avaliação satisfatório, considerando a participação nas aulas, elaboração de trabalho, análises das imagens, desenvoltura em campo, participação dos debates e prova bimestral.

É possível perceber o impacto positivo nas falas dos alunos e alunas e da direção da escola.

O aluno D *“fotografar minha rua foi incrível, perceber elementos que nós construímos, ver e olhar as mudanças no espaço, peguei uma foto antiga para ver minha rua, super diferente”*

Aluna F *“amei, perceber a beleza do viver na roça, perceber os ciclos da vida, uma imagem tão simples mais que mim fez pensar, e as tirinhas mim fascinaram eu amo desenhar”*

Aluna E *“O mapa conceitual é um muito bom, porque apresenta só a idéia principal, colocando a turma toda pra pensar”*

Direção da escola “o assunto mais falando nestas duas semanas foi esta intervenção em sala de aula, como as imagens tem o poder de instigar o lado crítico do aluno/a, será possível pensar em um projeto pedagógico para se trabalhar com as turmas”.

Nas falas é possível constatar que o uso das imagens acaba por contribuir na gestão interdisciplinar, a partir das diversas possibilidades que ela nos oferece, ao se analisar uma imagem pode e deve explorar e integrar vários conhecimentos de diversas disciplinas como Geografia, Biologia, História entre outras.

Percebe-se ainda como resultado uma curiosidade por parte dos alunos/as, em continuar suas pesquisas, a partir do uso da imagem, para Paulo Freire (1999, p.97) “o exercício da curiosidade é um resultado, e o que faz mais o criticamente curioso, mais metodicamente perseguidor do seu objeto, assim quanto mais à curiosidade espontânea se intensifica, mas, se rigoriza, tanto mais epistemologicamente o saber vai se tornando”.

Foi possível viabilizar e incentivar a educabilidade do olhar gerando o pensamento reflexivo e estímulo ao saber opinar sobre a imagem, traduzido a mensagem ou informação que está sendo apresentada de forma não implícita ou qual papel pode exercer ou exerce em nosso cotidiano.

E ainda é notório que Paulo Freire (1999) confere à imagem um sentido prático para a educação, esta afirmativa se configura numa leitura de que a imagem como arte da representação se materializa nas técnicas e conteúdos a serem apreendidos, como é o caso da cartografia que faz uso de imagens (mapas, desenhos, figuras, fotografias), assim para Geografia a apreensão do mundo também estar na capacidade de leitura do visível representado nas imagens.

Sendo perceptível que os temas geradores trabalhados em espaços escolares fazem uso de uma linguagem mais tradicional, retratando uma realidade já posta como análise de um mapa de uma região distante daquela realidade onde o aluno/as estar inserido.

Porém se evidência neste estudo que é possível tratar a imagem como ferramenta pedagógica, valorizando e retratando a vivência da comunidade escolar. Com o preceito de valorizar o cotidiano, como o sítio, a rua, a cidade, o estado, buscando as diversas relações com o mundo, pois o sujeito é parte da imagem, este olhar do docente favorece um ensino e aprendizagem, muito rico estimulando o aluno/a em uma percepção crítica sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo junto com a intervenção em sala de aula provocou a necessidade de se aprofundar em temas que valorizem a imagem como aliado aos estudos geográficos em sala de aula. Os momentos de estudo, a partir do aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia integrado com intervenção no ambiente escolar, proporcionaram uma práxis que motivou e que possibilitou a comprovação de que o docente precisa ser autocrítico, motivador e desbravador.

A capacidade que o docente tem de reconstruí os saberes se deve ao seu amor pelo fazer diário, como Paulo Freire (1999, p.46) em suas palavras motivadoras nós ensina "sem esse amor, não há pré-disposição para o novo, para valorizar a realidade do aluno, do se permitir errar, do acertar, do fazer a práxis", buscando maneiras, métodos que contribuam efetivamente para um aprendizado coletivo, capaz de gerar conhecimentos práticos que possam ser úteis na melhoria do espaço em vive o aluno/a.

Diante da temática apresentada, entende-se que a leitura de imagem é a percepção que temos ao ver uma imagem, em diferentes formatos, seja um mapa, uma arte, um texto, esta capacidade de leitura precisa levar em consideração o contexto cultural, social e histórico da imagem, assim a leitura da imagem acaba sendo um estudo crítico, havendo a necessidade de se observar o objeto e o sujeito, numa relação de imagem e de leitor.

A criticidade e a capacidade de intelegir as leituras através da imagem e da Geografia percorre também pela busca da intertextualidade, do conhecimento prévio da imagem, e das diversas conexões possíveis de se fazer, na análise de imagens em sala de aula é importante trabalhar com interdisciplinaridade.

Entendendo que a imagem também pode ser um texto, e, é o primeiro degrau na jornada na interpretação de diversas imagens, assim vamos poder interpretar que em um texto tem seus códigos que vão precisar de uma percepção que permita distinguir os diversos textos, desta forma, pode-se ler um livro, uma fotografia, uma figura, uma obra de arte, assimilando que essas imagens fazem conexão com espaço geográfico.

Compreendendo que, a partir da leitura de imagens é possível ampliar o diálogo sobre diversas temáticas, podendo motivar o aluno/a, para desenvolver a habilidade de ver, do ler, do interpretar uma imagem dentro de seu contexto social, político, histórico e cultural.

REREFÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** Coleção Leitura. Editora: paz e terra, São Paulo 1999.

LIMA, Cristiane Rodrigues de. **O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual. Relatório do PDE 2008/09. Revista Contracampo, v. 1, n, 10, p.1-23, 2009.**

Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17306> 2002.
Acesso em 29 de maio de 2021.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e Geografia**. Revista Finisterra, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

ZATTA, Celia Inez, AGUIAR, Waldiney Gomes de. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia**. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2021.

EDUCAÇÃO VISUAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA NUMA PESPECTIVA INTER E TRANSDICCIPLINAR

Geovar Miguel dos Santos⁵
Ricardo Santos de Almeida⁶

RESUMO: Este trabalho problematiza a Educação Visual como estratégia metodológica para o Ensino de Geografia em uma perspectiva inter e transdisciplinar. Neste sentido, apresentamos algumas estratégias que fazem o uso da interpretação de imagens, sejam elas estáticas ou em movimentos, para a

⁵Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/CERES-Caicó, 2017), especialista em Mídias na Educação-UERN (2019) e atualmente é discente do Programa de Pós-graduação em Geografia (Mestrado Profissional - GEOPROF/UFRN/CERES). Teve experiência de estágio extracurricular em projetos de Educação Integral, atuando na perspectiva do uso da tecnologia na sala de aula. Com mobilidade acadêmica nacional para a Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) onde participou do Travessia Grupo de Pesquisa, ligado ao Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia (NEC/UFJF), grupo certificado pelo CNPq e foi Bolsista de Iniciação Científica na pesquisa Capes/Fapemig (processo APQ-03416-12) intitulada Formação de professores que ensinam matemática: produção do conhecimento matemático através do dispositivo-oficina e seus efeitos no ensino e na aprendizagem da matemática na escola. Atuou como monitor do componente curricular de Estágio na Educação Infantil I. Tem interesse pelos seguintes temas: Educação Inovadora; Educação Integral, Criatividade e Empreendedorismo.

⁶Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

formação de estudantes capazes de analisar o espaço, a paisagem e o lugar onde redizem, fazendo inferências em uma escala local, regional ou global. Assim, este trabalho fez o uso de uma pesquisa bibliográfica para fundamentar as principais ideias aqui desenvolvidas e retrata, com base nas experiências vividas pelo professor-pesquisador, algumas atividades que podem ser desenvolvidas com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em especial com alunos do 5º ano de uma escola da Zona Rural de Santana do Matos. Neste sentido, conclui-se que a imagem se caracteriza como um texto que pode ser lido e interpretado, e que seu uso, facilita o processo de aprendizagem de uma forma crítica, reflexiva, alinhada com uma formação cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia; Transdisciplinaridade. Ensino Fundamental. Anos Iniciais.

INTRODUÇÃO

Partindo da ideia de que a antogênese faz parte de um processo característico da nossa espécie, o ato de enxergar pode ser ampliado, de modo que possamos ver e olhar o mundo a nossa volta. Desta forma, com a Educação Visual, o professor poderá oportunizar estratégias que usem imagens para interpretar a realidade do mundo, com um olhar crítico e criativo dos seus educandos. As estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula, partindo da ideia de uma Educação Visual, são inúmeras.

Portanto, este artigo visa apresentar algumas estratégias no âmbito do Ensino da Geografia e das demais áreas do conhecimento, que vão desde a interpretação de imagens como metáforas da categoria paisagem, passando pela sua descrição crítica e analítica, bem problematizando o seu uso.

Nessa perspectiva o professor pode, junto com os educandos, produzir imagens dos lugares que vivem,

tencionando questões sociais, econômicas, políticas e históricas que a comunidade, cidade, estado, país ou planeta está submerso, fazendo assim inferências em escala local ou global. Quando os demais componentes curriculares, a Matemática pode analisar imagens para interpretar informações, a História pode usar as fotografias como fontes sobre o passado, a Língua Portuguesa pode fazer uso da poética presente nas imagens. As possibilidades são inúmeras. Assim, esta interdisciplinaridade será tônica constante no decurso deste artigo, sendo ela, capaz de penetrar os componentes curriculares, de modo a integrá-los.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em se tratando do percurso trilhado neste trabalho, foi realizado inicialmente uma pesquisa bibliográfica, com base nas referências disponibilizadas pelo Curso de Aperfeiçoamento ofertado pelo Departamento de Educação do Centro de Ensino Superior do Seridó, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em que abordava o uso pedagógico da imagem visual no componente curricular de Geografia, tendo como principal teórico Paulo Freire.

O curso disponibilizou uma sequência de referencial teórico, organizados em 9 módulos. Cada um destes módulos solicitava uma tarefa que servia como base para reflexões sobre os estudos da imagem. Algumas tarefas visavam problematizar o uso da imagem nas turmas de uma escola da Educação Básica. Desta forma, a turma referência para as reflexões foi o 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da Zona Rural de Santana do Matos.

A escolha desta turma se deu por ser o público que o professor-pesquisador deste artigo atua. Uma vez que problematizar as questões referentes à Educação Visual com

crianças do 5º ano já é uma prática constante em seu fazer docente.

Desta forma, este trabalho irá discutir teoricamente o uso da imagem com crianças, apontando estratégias pedagógicas que podem ser usadas com estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

EDUCAÇÃO VISUAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA: PROPOSTA PARA UMA TURMA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Assim como uma palavra, a imagem também é signo, sendo ela, um objeto físico e/ou virtual, pode ou não representar a realidade. Dentre alguns exemplos de imagem que relaciona o signo-imagem-realidade, destacamos o mapa e o vídeo, este último acrescenta o item movimento, sendo assim, signo-imagem-movimento-realidade ou (in)realidade. Destaca-se também a fotografia, a pintura, o desenho, a charge, o teatro. Estas, por se tratarem de uma linguagem, emitem significados, operando com diversas áreas e campos do conhecimento.

A imagem pode também se constituir como um artefato para a compreensão da realidade, desta forma, em sua prática docente, o professor pode fazer o uso de uma imagem de um esgoto a céu aberto, para com o olhar da Geografia compreender os aspectos sociais, econômicos, ambientais e culturais que aquela imagem representa, já com a lente das Ciências Naturais, entender os impactos deste esgoto na saúde dos sujeitos que ali residem. Assim uma imagem, ao se tornar um objeto de estudo, dialogará com os saberes dos discentes, de modo que estes, a seu modo, apresentem suas interpretações dos signos que ali exalam, para que depois, junto ao professor, possam fazer conjecturas, saindo da condição de uma curiosidade ingênua, para uma curiosidade epistemológica, conforme nos ensina Freire (1996). Cabe assim,

ao docente, junto com os discentes, inferirem e construir novos saberes a partir desta análise. Vale lembrar que cada imagem tem uma maneira própria de organizar as informações, que são selecionadas por aquele ou aquela que a produz.

Neste sentido, a escola e os educadores, devem enfrentar intencionalmente, de forma contundente, e, portanto, competente, para que o conhecimento que emana de uma imagem seja analisado de forma sistemática. Assim, a interdisciplinaridade, em que se constitui como a integração entre os saberes dos vários campos disciplinas e das pesquisas interdisciplinares são essenciais para esse enfrentar e intencional a análise de uma imagem. Esse fato de intencional e de analisar, de forma sistemática, irá oportunizar que o professor e a turma possam gerir os conhecimentos ali presentes.

Assim, nesta proposta, com o uso da imagem, o educador deve elaborar com seus educandos, questões norteadoras, eleger conteúdos, marcar os aspectos integradores dos campos do conhecimento, delimitar o estudo das temáticas daquela imagem, avaliar o processo, confirmar ou refutar hipóteses de solução da questão norteadora e a todo instante tomar decisões.

Essa gestão interdisciplinar do conhecimento escolar através da imagem deve ser epistemológica e capaz de dimensionar as relações entre os educandos em um espaço genuinamente de aprendizagem, em que as relações educador-educando são colaborativas, pautada na interação e numa verdadeira reciprocidade pedagógica, em que os problemas propostos para um grupo de estudantes estão inteiramente ligados a sua realidade, que começam a ser respondido inicialmente a luz dos saberes já existentes nas mentes dos educandos, oriundo de suas experiências existenciais, ampliados

e confrontados com os conhecimentos produzidos ao longo da história da humanidade.

A educabilidade do olhar visa, nesta perspectiva, entender as entrelinhas de um texto-imagem ou de um texto-filme, de modo que o educando possa compreender os diferentes significados ali presente, vindo a perceber as discussões dos conteúdos presente nas imagens, sejam elas estáticas ou em movimento.

Assim, lembramos que a sociedade atual é permeada pela cultura midiática e pelo primado da imagem, uma vez que os dispositivos eletrônicos são potenciais suporte para produzir e compartilhar imagens, sobretudo as digitais e em movimento. Desta forma, uma prática docente que coloca a imagem como centralidade, seja através do uso de imagens em slides ou reprodução de vídeos pelos alunos, partindo de uma análise, pode sim, ser um momento para que os educandos possam refletir, discutirem e partilhar as suas realidades.

O professor de Geografia, seja ele especialista ou pedagogo, em sua prática docente, pautado nos princípios da interdisciplinaridade, pode propor aos alunos que elenquem problemas por eles enfrentados na comunidade em que residem (lugar), de modo que possam em seguida elencar um conjunto de soluções com base nos conhecimentos das demais disciplinas, que sejam eficientes, eficazes e passíveis de serem realizadas. O professor pode, neste interim, propor que os alunos façam pequenos vídeos, apresentando essas soluções ou até mesmo que entrevistem membros da comunidade, lideranças, dentre uma infinidade de possibilidades.

Partindo do pressuposto que a antogênese faz parte de um processo característico de nossa espécie, e só por isso, algumas habilidades fazem parte do nosso desenvolvimento, logo, é algo que de certa forma naturalizamos, entendemos então que a antogênese da imagem, por semelhança, faz parte de um processo característico aos homens e as mulheres.

No entanto, destacamos que o conceito de antogênese é um dos mais difíceis de ser compreendido e verbalizado, dada a sua relação com a biologia, em que a educação faz uso, humanizando esta categoria. Buscando identificar essa antogênese, Romão (2010, p.82-83) nos ensina que a imagem é para o homem, representação realística do mundo real. Desde os primórdios da humanidade a produção de imagens se constitui como uma catarse contra a perspectiva da morte.

Romão (2010, p.90) lembra que "a imagem é a representação mais primitiva de seres, fenômenos e processos do mundo real". Buscando os seus primórdios, o autor lembra o momento em que os homens grafavam nas rochas algumas imagens, depois sua técnica avançou, de modo que não só a imagem, mas também a palavra, que se constitui como representação gráfica da imagem, e em seguida, o homem começa a fazer pinturas mais complexas, até que inventa a fotografia e por último o cinema, considerada como a sétima arte, em que canaliza todas as demais artes.

O uso da imagem na contemporaneidade é tão presente, que é praticamente impossível pensarmos um mundo sem imagem, pois ela representa para nós a construção de algo, tem um caráter comunicador e uma função importante nas relações humanas. Como seria um mundo sem imagem? Qual imagem teríamos do mundo?

Em se tratando da relação sob o viés freiriano entre a arte da representação e a Geografia, podemos dizer que os homens e mulheres buscam representar o espaço em seu imaginário ou até mesmo em outras plataformas, como o mapa. Arriscaríamos dizer que as primeiras tentativas do homem em produzir imagens geográficas foi com a invenção dos mapas, antes disso, representávamos alguns aspectos nas rochas. Sempre tentando dizer algo, em um lugar específico. No viés freiriano, acreditamos que nossa capacidade de representar

deve estar a serviço da emancipação, da liberdade e da autonomia. De acordo com Romão (2010, p.90):

Paulo Freire prezava a escrita como elemento de libertação em um mundo cada vez mais grafocêntrico. No entanto, nem a imagem, nem o signo são bons ou maus entre si mesmos, porque sua axiologia depende do contexto em que são usados e dos sujeitos pelos quais são usados. A escrita, nesse mundo é um instrumento de libertação dos alfabetizando e alfabetizadas.

O autor em tela esclarece que a imagem, para Freire, tem um sentido prático junto a educação de adultos, exemplificando que o canal visual, gráfico ou pictórico, é algo necessário nos círculos de cultura, quando o adulto ainda não sabe ler a escrita de sua língua materna. Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire não faz uma gênese da imagem. Vale lembrar que esta obra foi elaborada na sociedade videosfera, em que Paulo Freire apresenta "a importância da imagem como suporte básico [...] da leitura do mundo e da comunicação humana dessa leitura" (ROMÃO, 2010, p.92)

Romão (2010) ainda é enfático ao dizer que mais do que nunca, a imagem tem enorme influência nos diversos segmentos da sociedade contemporânea e a educação tem pouco se atentado a este fato. A educação contemporânea tem feito um movimento da visual -> verbal -> escrito. No mundo cada vez mais dominado pelas imagens, é importante desenvolver estudos sobre elas, de modo que a educação possa se constituir como instrumento de conscientização e de libertação. O autor assevera que:

simplesmente rejeitar a imagem, porque ela é manipulada pelos grupos hegemônicos, é abandonar os instrumentos e mecanismos da leitura crítica do mundo, é não enxergar que ao adversário se apropriou de nossos

instrumentos de luta e resistência, é capitular no presente, renunciando ao futuro enquanto possibilidade civilizatória. (ROMÃO, 2010, p.96)

Neste sentido, é preciso que a formação social esteja alinhada com uma formação da imagem, da palavra, crítica, reflexiva, emancipadora, em que a imagem sirva como mote para interpretar a realidade e produzir realidades. Quando ao uso de imagem na sala de aula, este artefato é bastante utilizado pelos professores, dentre elas, destacamos as tirinhas, que abordaremos no próximo tópico.

Rocha de Sousa (1995) vem discorrer sobre a percepção visual, informando que há dois aspectos ligados ao ato visual, que são: físicos e psicológicos. Para o autor, a visão se confunde com a capacidade de olhar. A primeira permite ultrapassar as sensações presentes no espaço estruturado, enquanto a segunda torna consciente o que se vê, funciona no plano das sensações. Ver é a coordenação dos vários olhares, das sensações, das percepções e das memórias. Desta forma, ver pressupõe “um somatório de dados em torno de um certo aspecto real” (SOUSA, 1995, p.32), vale então destacar que, nem todas as pessoas têm a sua disposição os mesmos dados.

Psicologicamente falando, cada pessoa reage a seu modo, quando está perante a algo que lhes foi apresentado (possuem visões diferentes). Isso se justifica pelo fato de que, existem diferenças fisiológicas no ato de olhar e cada pessoa detém informações diferentes sobre o objeto observado, percebido. Assim, cada pessoa retira da mesma realidade conclusões visuais diferentes, devido à sua atitude psicológica e ao seu quadro cultural.

Sousa (1995) afirma que ao olhar um objeto, é feita uma análise genérica, tomando consciência do seu significado global. No entanto, como a visão de um objeto não se resume aos dados por ele imana através da percepção visual, são

mobilizados alguns conteúdos (culturais e científicos) que alargam a forma de apropriação daquele objeto.

Quando se faz certos enquadramentos desse objeto são estabelecidos critérios de escolhas que influenciarão a forma de olhar, que disparará memórias. Esse exercício de observar os vários enquadramentos faz com que a visão exerça um modo dinâmico e mais complexo, o qual possibilitará uma nova consciência do objeto observado, instituindo assim o que Sousa (1996, p.33) chama de mobilidade do ver, incluindo os “aspectos e pormenores que um olhar comum não poderia, em certo sentido, separar do todo”. Assim, o aspecto visual não é passivo, ele nos empurra na direção das coisas, vemos o que sabemos e o que imaginamos saber das coisas.

Ainda de acordo com Sousa (1995) o conhecimento que temos influencia a forma como vemos o mundo, pois, como exemplificado em seu texto, se três pessoas observarem uma igreja antiga, cada um fará leituras diferentes, com base nos conhecimentos científicos e culturais que possuem daquele objeto. Assim, a atividade visual está relacionada com os modos de percepção e sua relação com informações primárias.

Indo para o campo educativo, o professor está imerso em espaço plural e movente, num mundo visível, pautado num sistema cristalizado de representação, com valores perenes. Pelo fato de a realidade ser movente, este movimento constante determina a experiência visual. Exigindo do docente uma Geografia da observação, que consiste em verificar as aparências da realidade, identificar os pontos de vistas fixos e em deslocação, que estão imersas numa mobilidade real, articulada com o olhar cotidiano. Por exemplo, a observação analítica de uma rua se constitui como uma carta do posicionamento do observador.

O ato visual é, portanto, a observação atenta, ativa e experiente das coisas, assim, permeado pelas novas linguagem, o observador é compelido a sair da contemplação e ir para a

ação. Esse movimento causado pela ação vai determinar a experiência visual, que acontece no plano objetivo e subjetivo do ver e é determinado pela realidade.

Sousa (1995) atesta que a observação tem se instrumentalizado de forma física e cultura. De forma física através de instrumentos que são utilizados com um fim específico, como por exemplo, com um binóculo ou a lente de uma câmara, fornecendo ao olho novas capacidades, permitindo aprofundar um registro e reelaborar as aparências. Sousa (1995, p.43) lembra que “a câmara intensifica o espaço perceptível e permite dilatar hipóteses de escolhas dos elementos visíveis. Essa instrumentalização física é ligada a geografia do ver”, gerando novos instrumentos capazes de servirem a invenção, isto é, a nosso acesso cultural ao sentido das coisas. De forma cultural, os instrumentos contribuem para o avanço do olhar sobre o mundo visível, como exemplo, cita-se o audiovisual.

A percepção influencia os modos de representar, haja visto que, ao se colocar uma figura em um plano, esse ato assume uma importância quanto à sua natureza e ao seu significado. Neste sentido a percepção visual se constitui como base da maioria dos comportamentos representativos. Para isso, é necessário um nivelamento, em que desfaz “as complexidades e ambiguidades da aparência do objeto até encontrar sua estrutura essencial (Sousa, 1995, p.48).

No que tange a representação, existe um sistema, com várias ideias. Como por exemplo, as artes plásticas e visuais do século XX, incorpora aspectos de vários movimentos, formando verdadeiros corpos híbridos. O que leva a perceber que os frutos da visão se manifestam em um sistema que inter-relaciona vários métodos, que podem ser pautados em nivelamentos e acentuação – submissão das formas à simplificação; decorrentes do efeito perspectivo – conhecimento

das leis da perspectiva; e, projetuais – produções prévias, com rigor técnico, as bases para a arquitetura e designer.

Para Sousa (1995) a gestão dos meios técnicos, dos modos de representações, introduz no ver e no fazer uma proliferação de forma, relativizando as ideias, o que possibilita a ascensão do fenômeno da cultura de massa, como é o caso da televisão e do cinema, em que os índices de ausência estão atrelados a sua comercialização. As técnicas, matérias e materiais “eram dominados pelo sistema das regras de representação, dentro do que se processava lentas evoluções formais, estética e até mesmo de escola” (SOUSA, 1995, p.52). De acordo com o autor, mesmo com o advento da fotografia e posteriormente do cinema e as transformações do pensamento plástico, a pintura e a escultura continuam radicalmente diferente da fotografia, uma vez que as propriedades das aparências como evidência na fotografia ou no cinema “desloca o apetite pela outra falsa evidência da pintura e abriram caminho à reflexão” sobre a sua natureza (SOUSA, 1995, p.53).

Na educação visual, é possível, numa perspectiva criativa, ver, refazer e inventar, haja visto que ver é compreender, é agir. No entanto, o autor em voga lembra mais uma vez que “a verdade do visível é relativa, por vezes de todo enganadora”, conforme o exemplo por ele citado, em que uma metade da laranja, pode ser vista como uma laranja inteira, dependendo do ponto de vista a qual a observação acontece. Logo, a cada aparência que surge, junto com as memórias e as referências, a leitura dessa aparência ganha formas, contextos e perfil.

A seguir sugerimos uma sequência de atividades que podem ser desenvolvidas com os alunos, capazes de oportunizar uma educação do visual. Vale lembrar que as atividades pautadas na educabilidade do olhar, numa perspectiva inter e transdisciplinar proporciona ações capazes

de escolher temáticas, registro de diferentes pontos de vista, treino da memória visual, entendimento do visível e uma reconstrução plástica. Como também possibilita o desenvolvimento de outras atividades, tais como observar o mundo com um olhar atento, para que seja desenvolvida uma perspectiva analítica e crítica do que se observa.

O uso de tirinhas como disparador para a educabilidade do olhar

As tirinhas já são muito utilizadas na educação básica, pelo fato dos estudantes, em especial jovens e adolescentes gostarem muito, tanto delas quanto das histórias em quadrinhos. Geralmente apresentam um olhar crítico sobre questões polêmicas, seja sobre o mundo antigo ou a contemporaneidade. Alguns autores são emblemáticos em produzir tirinhas neste sentido.

Para ler uma tirinha, existe um *modus operandi*, em que o aluno precisa conhecer os recursos gráficos com o intuito de compreender a mensagem ou mensagens que o autor pretende passar. Esse recurso é de uma potencialidade imensa, haja vista a sua natureza interdisciplinar. Assim, o professor ao adotar em sua ação docente o uso das tirinhas, precisa primeiro ensinar este *modus operandi* aos estudantes, ele pode produzir tirinhas com a turma e com isso, todos aprendem a olhar e conseqüentemente a educar o olhar, uma vez que ao produzir tirinhas, o estudante perceberá que há intencionalidade na sua produção. Para promover uma educação geográfica, o professor poderá junto com a turma abordar alguns temas que são caros a comunidade que os alunos estão inseridos, ou até mesmo, a cidade, estado, região, país ou o planeta, ou fazer uso de tirinhas já produzidas e vinculadas em outras mídias, para compreender as questões geográficas por trás da produção do autor.

O livro de Língua Portuguesa da coleção Buriti Mais, da Editora Moderna, apresenta os gêneros textuais História em Quadrinhos (HQ) e tirinhas. Ao apresentar alguns exemplos destes gêneros, as autoras ficam apenas nos aspectos textuais e interpretativos. Assim, de forma interdisciplinar, o professor pode apresentar a sua turma várias tirinhas que abordam temas das diversas áreas do conhecimento, dentre elas as Ciências Humanas, com ênfase na Geografia, de modo a entoar os meios de comunicação em nossas vidas, aspectos de estudo para este ano da educação básica. Assim, uma possibilidade é apresentar tirinha exposta abaixo, seguida de um diálogo com os alunos sobre o que eles compreendem da imagem, qual mensagem pretende dizer, qual a crítica faz a realidade e qual o papel das tecnologias e dos meios de comunicação em nossa vida, apontando aspectos facilitadores e fragilizadores.

Imagem: O uso da televisão



Disponível em: <<<https://sites.google.com/site/webquesteduc/tarefa>>> Acesso em: jun., 2019.

Fonte: Questão 2481533 54 UPE 3º Fase 2º Dia SSA 2020 - Estuda.com ENEM - O maior site de questões para o ENEM e Vestibulares do Brasil

Ressalta-se que em tempo de ensino remoto, as tecnologias estão em evidências. Algumas famílias têm acesso a

celular, mas não tem acesso à internet e outras para conseguir este acesso, precisam da colaboração e disponibilidade de vizinhos, amigos e/ou familiares para que as crianças da família tenham o seu direito à educação garantido.

Sabendo dessa realidade, neste ano letivo de 2021 foi realizado um questionário socioeconômico visando conhecer um pouco mais dos recursos tecnológicos que as crianças tem a sua disposição em suas residências.

Neste sentido, foi percebido que um quantitativo considerado de crianças tem aparelho celular e algumas delas tem acesso à internet em casa. Para isso a tirinha de Mafalda que fala sobre o uso da televisão seria um disparador para que pensássemos sobre as diversas tecnologias e seu uso excessivo, uma vez que neste momento pandêmico estamos consumindo mais a internet e utilizando os aparelhos celulares indistintamente.

A atividade pode ser desenvolvida com as crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, turma a qual estou acompanhando e estaria alinhado a unidade temática Mundo do trabalho. que tem como objeto do conhecimento o trabalho e inovação tecnológica, em que as crianças tem acesso as temáticas referentes aos meios de comunicação (BRASIL, 2018).

Desta forma, ao introduzir essa contextualização do quadro pandêmico e a necessidade do ensino remoto, seria apresentada a tirinha da Mafalda e questionado aos educandos e educandas o que elas compreendem, depois seria realizado um levantamento dos aparelhos tecnológicos que elas possuem em casa, ampliando para notebook, computador de mesa, tablet, smartphone e outros que surgissem. Em seguida seria perguntado as crianças:

Tabela 01: Roteiro de perguntas

Roteiro para diálogo com as crianças do 5º ano
1 - Quem não tem internet ou celular a sua disposição como fica o seu aprendizado?
2 – No contexto de pandemia, em que as aulas acontecem de forma remota, quem deveria fornecer os aparelhos tecnológicos e o acesso a internet?
3 – Sabendo dessa realidade, o que nós, a turma do 5º ano podemos fazer para ajudar a essas pessoas?

Fonte: Elaboração própria (2021)

Ao final, depois de debatido sobre essas três questões disparadoras, seria perguntado se nós, educandos e educandas poderíamos fazer algum manifesto por escrito, com uso de fotografia, vídeo ou de outra forma, para chamar a atenção da sociedade sobre essa realidade. Ao final, iríamos pôr em prática as nossas ideias, buscando intervir na realidade, de modo a transformá-la.

A aula poderia se estender para outros momentos, relacionando com os temas ambientais, de modo a questionar sobre o impacto das tecnologias no meio ambiente, desde a sua produção, descarte e do seu uso. As possibilidades são infinitas.

Espaço, Paisagem e Geografia: uma metáfora para o uso da imagem na sala de aula

A professora Salgueiro, em 2001, escreve um artigo publicado na Revista Finisterra, intitulado Paisagem e Geografia, em que se propõe a problematizar essa categoria geográfica nos tempos passados e nos tempos atuais. Desta forma a autora começa esclarecendo que a paisagem surge no ambiente artístico, junto as pinturas e faz parte do projeto da Modernidade, ocupando lugar na Geografia. Desta forma, pode-se dizer que a paisagem é compreendida como os

aspectos visuais de uma porção da terra. No século XX o interesse pela paisagem ressurge e seu foco é colocado no que é visto, percebido e sentido. (SALGUEIRO, 2001)

Com a análise da paisagem, pode-se ver o mundo, no entanto, de acordo com Piveteau (1989), essa visão acontece atrelado ao que se tem dentro de si, dentro da cabeça. O ato de produzir pinturas fizeram com que as pessoas olhassem a natureza com outros olhos, em que se valorizava o território como um verdadeiro espetáculo estético, relacionado ao belo.

A relação da sociedade com o espaço é um produto, o qual é constituído pelos aspectos culturais e sociais. Para compreender a natureza, e, portanto, descobrir a sua beleza, é preciso um processo de aprendizagem de códigos e modelos, a camada artificialização *in visu*, conforme Roger (1989; 1991) ensina.

A elevação da paisagem à uma categoria de análise está relacionada com a revolução científica e técnica, a qual liberta a natureza do divino, fazendo com ela, a paisagem, seja objeto de conhecimento. Nos últimos tempos tem-se discutido a morte da paisagem, em detrimento da evolução da pintura, das transformações territoriais em decorrência da falta de formas da sua apreciação, pois não há critérios para apreciar a realidade. Para a autora, as paisagens que os artistas representavam eram idealizadas, e mesmo com esforços para representar o real, os seus elementos não tinha correlação direta com a natureza.

Buscando compreender os primórdios da paisagem na Geografia, Salgueiro (2001) atesta que no século XVIII estava se constituindo a fisionomia de uma área, era por assim dizer, a expressão do visível. No século XIX suas características estavam ligadas a um território, em que combinava elementos naturais e humanos. A paisagem se constitui como uma disciplina científica no século em questão. Na Alemanha, embora seu conceito ainda seja impreciso, a paisagem era vista como uma fisionomia, por isso seu método de estudo era o morfológico,

em que dividia a observação em seus elementos constituintes, tais como as formas, função, origem e evolução. Outra forma de estudar a paisagem se aproxima do conceito de região, com base nos métodos da corologia e os gêneros de vida.

Com o tempo, os estudos da paisagem, que eram focados na descrição da superfície terrestre, passaram a incorporar as ações humanas como forma de individualização das paisagens, tornando-as culturais, o que faz com que hoje afirmamos que não existem mais paisagem verdadeiramente natural.

O ponto de partida da análise da paisagem é objetivo, portando, se dá no campo do visual. Entretanto, para se explicar o conjunto da paisagem, é necessário analisar as dimensões ocultas, ou não visíveis, tais como a cultura, a econômica, e política. Para os geógrafos do início do século XX a paisagem se constitui como um conceito integrador, em que integra os elementos do mundo físico e do mundo humano. Os geógrafos que se aproxima da escola regional da corologia (paradigma regional) consideram que a Geografia Humana tem por objetivo interpretar e explicar as paisagens culturais (humanizadas), e seu apogeu se dá após a primeira guerra mundial (1914-1918). Para estes, a paisagem engloba as relações dinâmicas e funcionais de cada parte da superfície terrestre. Após o congresso de Amsterdam, em 1938, esse conceito entra em decadência, fazendo com que correntes novas e atuais entrem em vigor, desta forma, nos últimos anos do século XX renasce um interesse pelo estudo da paisagem.

É no contexto da relação indivíduo-ambiente que o conceito de paisagem vem à tona, com destaque à exploração desenfreada dos recursos naturais. Os geógrafos passam a perceber que a paisagem não é um simples objeto e que na perspectiva ecológica a tradição naturalista surge como princípio neste início de século. Já os humanistas, na

perspectiva subjetiva a ver como uma construção mental ancora nas percepções e vivências que se tem no território.

Assim, o conceito de paisagem foi evoluindo, e hoje tem preocupações com os aspectos econômicos e culturais, em que procura dar conta da totalidade dos fenômenos em um dado espaço que está sendo estudado. Na geografia humana a paisagem é vista como um território do visível e do sentido de caráter subjetivo e elaborado pela mente.

Os estudos Salgueiro (2001) sobre a bibliografia geográfica da paisagem apontam que este "conceito variou no tempo e está ligada a diferentes escolas do pensamento" e que sempre existiu ambiguidade gravitando este conceito.

Milton Santos (2014) em suas primeiras considerações vem caracterizar o espaço enquanto objeto de conhecimento para alguns e meio de trabalho para outros. O autor diz que "o espaço é o mais interdisciplinar dos objetos concretos" e que "todos os espaços são geográficos porque são determinados pelo movimento da sociedade, da produção". (p.67) Paisagem e espaço são para o autor "um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos".

Em uma tentativa de definir a paisagem, Milton Santos (2014) vem dizer que é aquilo que abarca toda a nossa visão, porém, não é apenas formada pelos volumes, é também pelas cores, odores, sons e etc. Neste caminhar, pode-se, então, dizer que, a dimensão da paisagem é da magnitude da percepção, dos sentidos. E percepção é uma seleção de apreensão e cada pessoa tem a sua. Para tanto, urge ultrapassar a ideia da paisagem como aspecto, é preciso entender o seu significado.

De acordo com Milton Santos (2014), Carl Sauer aponta dois tipos de paisagens, a saber: a natural e a artificial, sendo esta última, transformada pela ação humana e a primeira, pode-se dizer, de forma grosseira, que é aquela parcela da paisagem que ainda não foi alterada pelos homens. Quanto as paisagens naturais, o autor esclarece que "se no passado havia

a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais" logo, em resumo, "a paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais" (SANTOS, 2014, p.71)

Essa transição do natural para o artificial faz com que necessitemos cada vez mais de instrumentos de trabalhos fixos e do domínio das técnicas. Santos (2014, p.71) afirma existir uma certa relação entre os instrumentos de trabalhos e a paisagens, haja visto "que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho" (SANTOS, 2014, p.72), fazendo-o atestar que se há uma certa ligação entre o processo de produção e estes instrumentos, também há uma circulação, distribuição e o consumo com eles. Logo, a paisagem se organiza de acordo com cada um destes níveis, justificando, assim, a heterogeneidade da paisagem urbana, uma vez que a cidade abarca os diversos tipos e níveis de produção. De acordo com Santos (idem) "a paisagem não se cria de só vez, mas por acréscimos, substituições.

As paisagens passam por mudanças, sejam elas estruturais ou funcionais. As diferenças numa paisagem acontecem em detrimento o seu caráter funcional. A mudança estrutural está também alinhada pela mudança das formas. As paisagens podem ser viúvas (à espera de uma reutilização) ou virgens (criada para a inovação). Há um esforço de Milton Santos em distinguir espaço de paisagem. O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos e não entre estes especificamente" sendo também resultado da ação humana, que exerce força "sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos, naturais e artificiais." (SANTOS, 2014, p.76).

Milton Santos apresenta algumas considerações sobre paisagem, as quais seguem expostas a seguir: "não há, na verdade, paisagem parada, inerte, e se usamos este conceito é apenas como recurso analítico. A paisagem é materialidade,

formada por objetos materiais e não materiais". (idem). Ainda sobre a paisagem, acrescenta que ela "é a materialização de um instante da sociedade" (idem), seria, portanto, e a grosso modo, uma fotografia. Assim, A paisagem tem permanência, é coisa relativamente permanente, precede a história que será reescrita sobre ela, para acolher uma novidade, uma inovação. É sempre o passado, embora recente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem é uma metáfora da paisagem, assim, o vídeo, a linguagem visual ou audiovisual, se constitui como uma paisagem, como uma imagem. Desta forma, ao ler uma paisagem, seja através do olhar diante uma serra, uma praça, uma escola, ou seja por uma fotografia, vídeo ou desenho, estamos a observar uma imagem. Essa ação, da leitura de imagens, é muito utilizada pelos professores nos anos iniciais, conforme visto nos exemplos citados neste artigo.

Neste sentido, a imagem é um texto, pois ela comunica algo a alguém, ela é precha de sentidos e significados, e há intencionalidade e ler uma imagem é decodificar esses sentidos e significados e com elas produzir criticamente conhecimentos que serão úteis para a transformação da realidade. Neste sentido, seu uso facilita o processo de aprendizagem de uma forma crítica, reflexiva, alinhada com uma formação cidadã.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIVETEAU, J-L. L'Observation Directe du Paysage et sa Place dans la Problématique de la **Géographie Urbaine**. **L'Espace Géographique**, 2(3), Paris: 243-246. 1989.

ROGER, A. **Eshétique du paysage du siècle des Lumières.**

MARCEL O. p. 61-82, 1989.

_____. **Le Paysage Occidental.** Rétrospective et Prospective, *Lé Débat*, 65. Paris: 14-28, 1991.

ROMÃO. José Eustáquio. **Paulo Freire e a imagem.** *Educação & Linguagem*, v.13, n. 22, 77-97, jul-dez. 2010.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia.** 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

SOUSA. Rocha de. **Didática da Educação Visual.** Universidade Aberta. 1995.

IMAGENS: UMA ALTERNATIVA PARA INTERVENÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

João Matias do Nascimento Junior⁷
Maria Aparecida Vieira de Melo⁸

RESUMO: Este breve trabalho propõem formas de reflexão para modalidades de intervenção usando gravuras de imagens que podem ser paisagens locais, regionais, nacionais e globais nas diferentes épocas de existência da História tendo como objetivo despertar outros olhares em discentes e profissionais que se interessam pelo tema a fim de desvendar as realidades locais a partir de fenômenos externos a eles, daí poderem criar nos discentes maior autonomia de pensamento criando oportunidades de conhecerem suas realidades na busca de

⁷É professor da Rede do Estado do Rio Grande do Norte, formado em Geografia (Licenciatura e Bacharelado), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Especialista em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido, pelo Instituto de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte e estudante de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁸Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

informações implícitas e explícitas trazida pelas imagens, tudo isso se passa pelo conhecimento interdisciplinar de outras áreas da ciência, cujas aprendizagens contribuem para a multiplicação das ideias discutidas no grupo de estudo, cujas pessoas podem se tornar agentes multiplicadores de novas ideias dentro das comunidades que elas vivem, esperando obterem resultados satisfatórios a partir de conhecimentos prévios até a reflexão/organização dos saberes para atuações com liberdade na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Compreensão; aprendizado; ontogênese; símbolos; representação; interpretação; integração, imagem e mensagem.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Pensar em trabalhos com criações feitas ao longo da história e que passa por espaços diferentes é proporcionar ao sujeito a evolução das formas de vidas existentes nas paisagens, aqui está se falando das questões de aprendizados com imagens que demonstram formas de vida de povos e suas culturas, suas subjetividades, seus desejos por expressar sentimentos, emoções trazendo um legado para a apreensão de realidades vivenciadas e suas continuidades históricas. A proposta apresentada represente esse pensar, esse viver, as reflexões que se pode tirar das imagens visualizadas com apuração do olhar, transcendendo para outros espaços.

As imagens ontológicas mostram a história da evolução do homem no ambiente físico e cultural onde vivem os seres, o conhecimento integrado desses objetos e do espaço ao redor desse homem, incluindo as imagens, dão sustentação a uma apreensão do conhecimento de forma mais efetiva na dinâmica do mundo, por isso é possível a conexões com as liberdades criativas para os processos educativos, a integração de assuntos variados leva a outros conhecimentos, gerando dúvidas para a

busca de outros conhecimentos, desta forma se pode gerar o processo criativo naqueles que buscam novas formas de pensar e agir produzindo autonomia para si, criando-se estratégias dinâmicas, começando do ambiente onde vive os sujeitos, parte-se do local para o ambiente macro, ou seja, as estratégias podem se trabalhadas por ilustrações, imagem das vivencias do ambiente onde está cada um, criando uma visão crítica do espaço onde vivem os sujeitos.

Quando se trabalha com imagens, a percepção do mundo macro e dos mundos micro parecem se encontrar, pois se coloca à disposição várias maneiras de ver esse mundo, já que os detalhes das imagens podem ser percebidos de diferentes olhares respeitando a singularidade de cada um. Para o trabalho iconográfico, precisa-se de visão apurada, de técnicas visuais que são aprendidas pela formação de profissionais que trabalham nesse ramo e para tanto as capacitações são necessárias para os profissionais que assim desejam trabalhar no campo das imagens e ter o olhar critico delas.

Atividades como o trabalhar com imagens também possibilita o encontro de mensagens implícitas e explícitas que elas oferecem e isso é importante porque essas informações podem contribuir para um diálogo do entendimento local e do seu entorno, cuja aprendizagem favoreça nos sujeitos reflexões críticas que possam ser transformadas em desejo de mudanças, de paradigmas para a ação deles na sociedade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Atividades de intervenção requerem habilidades aprimoradas para se alcançar o objetivo esperado, as metodologias são em níveis de formas graduais de entendimento de imagens, ou seja, começando com aquelas de

mais fácil compreensão até as mais complexas, trazendo em suas bases leituras integradas com outras áreas do conhecimento que possam dialogar com o composto explícito e implícito na imagem exposta, então são necessárias leituras básicas que tratam sobre os aspectos e conceitos encontrados na totalidade da imagem, cuja intervenção possa trazer processos de ensino-aprendizagem graduais dentro de contexto maiores até o alcance de áreas vulnerável, periferia onde grande parte das pessoas vive sem as condições adequadas de sobrevivência, um espaço esquecido e necessitado de políticas públicas básicas que não chegam para eles.

As situações vulneráveis muitas vezes são frutos de uma não cobrança, não participação e muito menos de autonomia, o não conhecimento constrange a população que sofre sem saber como buscar seus direitos.

A intervenção também tem o intuito de produzir novas imagens pensadas e organizadas pelos participantes como forma de buscar em si o desejo de transformação começando por eles mesmos, transcrevendo através de imagens o que eles apreenderam do ambiente de vivencia, trazendo problemas e encontrando formas de solucionar-los.

O uso da tecnologia é de suma importância para a pesquisa da imagem, pesquisas em site de buscas são necessárias para criar um ambiente familiar na aquisição das imagens, fazer uma leitura antecipada e trazer primeiramente aquelas imagens que falam das necessidades dos sujeitos. Escolher de forma consciente exige capacitação que devem ser oferecidas de forma continuada por quem vai explorar esse tipo de material. O ambiente onde essas pessoas então inseridas com os quais se quer trabalhar pode garantir que os participantes interajam e conseqüentemente adquiram novos conhecimentos que porventura são tiradas da exposição de uma determinada imagem.

Portanto para o entendimento das situações pelas quais passam determinados sujeitos em seus ambientes de vivência, outras áreas do conhecimento se fazem presente, levando em consideração os aspectos da cultura, da diversidade existentes na singularidade do sujeito, cujas estratégias e avaliação são as criações dos participantes com suas reflexões e opiniões sobre o tema trabalhado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

O trabalho com iconografia permite diversas formas de aprendizado por quem está a apreciar a imagem exibida, seja pela informação explícita, seja pelos elementos implícitos trazidos pelo olhar singular de cada um. Trazer a imagem para análise mesmo que informal, é forma de educar, pois os elementos que constituem cada uma delas pode despertar algo inovador, surgindo daí novas ideias de construção do conhecimento dos sujeitos, visão de novas paisagens a qual pode despertar formas de atuação dinâmicas entre os elementos do espaço e suas relações sociais nas vivências e na constituição do lugar.

A intervenção com elementos da paisagem através de imagens é de grande riqueza para o trabalho, principalmente quando se trata de esmiuçar os conteúdos que podem ser explorados dentro da ferramenta exposta.

Como já foi mencionado, o trabalho interdisciplinar tem grande importância no cenário iconográfico, às figuras, contornos, cores, formas que essas imagens representam/representaram ao longo da História contribuem para os acontecimentos atuais mesmo que os elementos encontrados nelas estejam distantes das realidades vivenciadas. Para Santomé (1998), “a interdisciplinaridade é compreendida como um processo que se efetiva a partir do momento em que

a ação se dirige com o intuito de solucionar os problemas da sociedade”.

A noção dos conhecimentos prévios dos sujeitos nos espaços e no caso da proposta, em espaços vulneráveis com grandes fragilidades e dificuldades, traz um debate onde são observados muitos atravessamentos de uma população apta a lutar por seus ideais dentro da conjuntura de fragilidades sociais, pois “a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham” Freire, (1987, p.72).

A participação em discussões em grupo remete as oportunidades de entender o porquê existem parcelas da população que foi “emburrada” para sistemas de moradias onde praticamente são esquecidas por políticas públicas que ficam apenas no papel ou são mal executadas, já que o interesse dentro de um campo maior não abarca essas áreas porque não é interessante para o grande capital financeiro. Segundo Freire, (1996, p. 81), “O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua ‘incompetência’ para explicar os fatos”, superando saberes temos possibilidades de caminhar para patamares de mudanças e ações ativas nos locais de vivências.

Espera-se que a elaboração dos projetos seja um caminho para assegurar um despertar de participação ativa, discutindo teorias a fim de entender como agir na prática buscando caminhos para a autonomia com participação ativa dos sujeitos na resolução de problemas conforme a comunidade almeja, onde possam partilhar suas vivências, seus desejos, suas esperanças de alcançar um espaço onde se aproveita os elementos existentes nele, criações de algo que propiciem bem estar social e qualidade de vida saudável para população local.

Não é fácil dizer que a participação desses sujeitos pode ser esmagadora em processos de intervenção, mas uma tentativa de focar o olhar na direção de novos caminhos de emancipação dos sujeitos trazendo para estes, novas possibilidades de pensar, de agir, de ser ouvido dentro de um grupo maior ou individualmente com suas demandas e necessidades, para Freire, (1987, p.92), “através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais” e essas histórias devem partir das relações sociais no espaço de vivências.

Os resultados esperados por trabalhos como esse são na busca de vários questionamentos e desafios, uma vez que trazem para o debate questões vivenciadas por sujeitos que muitas vezes tem medo de se expressar ou mesmo questionar suas próprias condições no espaço onde vivem, seus pensamentos informais. É necessário esclarecimento da proposta, informa-los para que se tenha êxito no engajamento sem medo, partindo do que eles sabem, do que eles vivem, do que eles querem para si e para os seus.

Intervenção onde o sujeito participa ativamente, trazendo suas contribuições vivenciais, cria possibilidades para um alcance significativo de autonomia dele, seja pelos conhecimentos de grupo, seja pelos conhecimentos individuais, tanto para docentes como para discente, acredita-se, que esses atores saem com novas ideias, um aprende com o outro, conhecimentos que levam a reflexões, a argumentações aprimoradas nas suas ações. É preciso respeitar as falar e as diferenças sem discriminações.

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a

camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível. (FREIRE, 1996, p.120-121)

Como estratégia para se alcançar esse desafio é fazer um apanhado de falas prévias e trabalhar primeiramente as questões sociais locais, a leitura do lugar se faz necessária na visão subjetiva de cada sujeito, procurando debater as causas mais urgentes e incomoda. Sabe-se que tudo pode ser mais dificultado em lugares vulneráveis, mas também se sabe que são populações necessitadas que precisa terem seu lugar de fala, serem ouvidas sem julgamentos, considerando que essa população existem e tem suas necessidades.

Entender porque falta o básico e acrescentar conhecimento a essa maneira de viver é tarefa daqueles que lutam por um país com igualdade, como prega a Constituição Brasileira de 1988, garantindo para toda a população a dignidade como pessoa, sem distinção, a fim de que esses sujeitos tenham autonomia e possam fazer suas escolhas por elas mesmas e não influenciadas por terceiros.

O TRABALHO COM IMAGENS

Uma imagem pode se apresentar sobre vários formatos representando paisagens diversificadas que trarão para os sujeitos eventos por eles vivenciados dando a estes, instrumentos integradores das suas ações no cotidiano, imagens que podem ser percebidas como uma totalidade de coisas, uma vez que para se ter aprendizado efetivo do olhar será preciso um conhecimento aguçado dos produtos do meio através das

leituras de mundo e das percepções de como se vê este mundo, portanto uma educação para um olhar consciente pela interação do objeto perceptível e suas relações no mundo, olhar esse que poder ser proporcionada pelas novas tecnologias através de experiências dinâmicas que a pouco muitos não sabiam que existia. Foram/são esses espaços que trouxeram a visão de mundos possíveis, outros meios de interação, integrando possibilidades de olhar para a máquina e vê lugares desconhecidos onde podemos trocar experiências, refletindo sobre um mundo onde há discrepância nos meios de acesso a materiais, por exemplo.

Nestes trabalhos a importância da interdisciplinaridade é necessária, as imagens em movimento proporcionam inúmeros ganhos na aprendizagem, pois dela podem resultar a apreensão de vários componentes do mundo e do lugar onde os sujeitos habitam, elas integram as diversas áreas do conhecimento, por exemplo, podemos sugerir um filme ou documentário, cujo tema seja viver em comunidades aonde vai está presente toda uma problemática social, o modo como às pessoas vivem/sobrevivem e assim conectados com o mundo e com outras áreas. A seguir, temos um exemplo do que pode ser questionado como se trabalha com imagens, sejam elas inertes ou em movimento.

- Geografia: Como se deu a ocupação daquele território, como são os ordenamentos das casas, as estruturas das ruas?
- História: A comunidade é composta em sua maioria por população pobre e negra? De qual origem é este povo? Quais circunstâncias levaram esse povo a estarem naquele espaço?
- Biologia: A falta de saneamento naquele espaço provoca casos de verminose nas pessoas? Que consequências pode ter esse fato na procura por atendimento hospitalar na comunidade?

- Sociologia: o que os moradores desse espaço fazem para sobreviver? Há transportes públicos efetivos nesse espaço?
- Português: Nesse espaço há palavras próprias faladas na comunicação? Essas palavras são reconhecidas em outras comunidades? Qual o grau de leitura dessas pessoas?

Esses são questionamentos e reflexões que podem estimular os sujeitos a perceberem o quanto a vida deles é ou não parecida com aquelas vividas pela população do lugar e provocar questionamentos, criando no outro a consciência crítica e autônoma do pensamento. Neste sentido a ontogênese das imagens é significativa na estrutura e composição do sistema atual, pois ela é a representação mais primitiva de seres, fenômenos e processos do mundo real que aos poucos foi se simplificando, no sentido de permitir uma representação mais rápida e mais estilizada, consistindo nos detalhamentos do que se pensava psicologicamente, tornando-se, ao mesmo tempo, mais distanciada do real. Aos poucos, ela foi tornando-se signo e assim deixando cores, formas de cada época para mostrar a aproximação das realidades daquele espaço.

A percepção do que se vê nas imagens é uma leitura do mundo, um lugar onde se toma consciência do que é, a reflexão sobre o que deveria ser, de forma que a partir delas é possível trilharmos um caminho de uma realidade estética, dinâmica, um mundo fragmentado, estratificado e com discriminação social obedecendo a lógica da individualização dos visíveis e dos invisíveis dentro de uma realidade sobre controle político onde existem mandatários e subservientes que para o entendimento geográfico segue uma lógica da realidade do lugar de vivência e suas particularidades no entendimento do mundo e dos fenômenos existentes nele.

As relações sociais dos sujeitos em espaços formais são produzidas numa linguagem mais tradicional, mostrando

realidades abstratas que podem ser reconhecidos por aqueles que se identificam as imagens, já na educação informal a imagem é a da vivência, seja ela na rua, num espaço verde, na pauperização pela qual passa determinados sujeitos, fenômenos esses que podem ser transformados das imagens mentais para imagens formais, numa construção sistemática a partir das vivências. Por exemplo, quando se trabalha com quadrinhos, precisam-se fazer questionamentos aos estudantes sobre o que eles estão visualizando, muitos quadrinhos trazem riquezas de conhecimento que eles percebem no dia-dia, apesar de achar que as imagens são muito distantes da realidade deles, a construção do conhecimento vai se dando pelo olhar, intrigas e reflexões que precisam ser estimuladas no discente e aprimoradas a fim de provocar neles o desejo da apreensão do conhecimento consciente. Neste sentido, podemos observar nas ilustrações a seguir elementos dessa paisagem.

Imagem: “Enxadas paradas” e as “Inchadas paradas”

Fonte: Tirinha de Marcio Baraldi



Para o conhecimento da geografia, por exemplo, os quadros mostram uma realidade da população brasileira, fenômeno que acontece principalmente na região Nordeste do país: uma zona rural (campo), sem empregos para os moradores, enquanto as cidades estão cheias de pessoas se misturando aos carros, com muito barulho e signos. O que isso representa no imaginário dos discentes? Porque as pessoas do campo não conseguem produzir para ganhar o seu sustento? Porque existe latifúndio no campo? Nas cidades todas as pessoas vivem com qualidade de vida e bem estar social? Esses

são questionamentos que podem ser feitos olhando as imagens. Será que isso acontece próximo da realidade do aluno? Ele pode até se identificar com a imagem por ter um familiar que sofre as consequências desses processos vistos na imagem, então, a construção do conhecimento se dá pela construção das críticas, questionamentos, vivências a fim de chegarmos a autonomia para pensar e agir e desta maneira, sempre questionar qual o papel do aluno, como cidadão crítico e atuante na sociedade.

Como tema gerador poderia ser trabalhar o meio Ambiente- explicando acerca do uso de substancias que contaminam o lençol freático e o solo o qual podem ser carreados pelas águas das chuvas para os rios poluindo-as. Na imagem 2 (cidade) a produção de lixo é muito grande, cujo material precisa ser manejado de forma adequada, parte de nós uma conscientização para a separação adequada do lixo que causem menos danos ao meio ambiente.

Outro entendimento é as pessoas devem refletir que a grande quantidade de terra nas mãos de poucas pessoas no campo gera uma demanda maior de sujeitos nas periferias das cidades, causando inchaços nas mesmas e consequentemente mais problemas ambientais no espaço, como por exemplo, a ocupação de encostas; a demanda por serviços de saneamento; a ocupação de áreas por onde correm os rios, todas essas questões são realidades para grande parte da população que carece de conhecimento para cobrar ações que os favoreçam, é preciso cobrar por políticas públicas que garantam a plenitude de forma adequada dessas populações nos espaços onde vivem, cujas ações, possam, por exemplo, amenizar os processos de erosão no campos e nas cidades de forma que o meio ambiente não sofra tanto a ação humana e traga maior qualidade de vida para as pessoas, sem que elas precisem deixar o campo por falta de recursos e assistência.

A imagem poderia ser trabalhada a partir do 7º ano do ensino fundamental, em duas aulas de 50 minutos, pois também poderia ser pedida para os alunos a produção de imagens lúdicas sobre o tema gerador, levando em consideração as vivências no dia-dia e a uma pequena explicação do que foi produzido. A apreensão das ideias e das ações se daria pela junção das imagens criadas pelos alunos e da imagem apresentada para o grupo, assim esperaríamos muitas reflexões e ação nesse sentido.

A PERCEPÇÃO DE IMAGENS

A percepção visual mexe com as estruturas anatômicas do cérebro que, no entanto depende de como os sujeitos tiveram acesso à apreensão do mundo visível, portanto a visão irá alcançar aquilo que está na cultura, no imaginário, no domínio do visível e por isso integram muitos dos processos representativos e coordenados pela mente, cuja capacidade se apresenta de forma rica para a visão de quem observa e pela estruturação do espaço perceptível. Pode-se vê de diferentes formas elementos a cada olhar, depende do ângulo que se olha, com isso passa a vê fenômenos que ocorrem no dia a dia, tirando dali compreensões críticas da realidade vivida.

Como foi dito, a visão do objeto pode ter percepções diferentes no somatório dos eventos vistos, a depender do contexto em que está o sujeito, cuja percepção se alarga para as fronteiras do objeto percebível, neste contexto as aprendizagens, as memórias, o ambiente vivido são importantes, pois fazem parte da subjetividade humana, cujas análises de cada um na forma das observações feitas, vão darem forma ao objeto que pode ser semelhante aos visto pelo outro, mas difere pelas memórias subjetivas dele, os significados carregam características próprias das formas, fundo, tamanho, sentimentos, de modo que podem se imaginar

fenômenos além do visível, mas dentro do domínio singular da imaginação.

O nível educacional de conhecimento é importante na percepção dos objetos, quanto mais se aprende dos fenômenos, maior será o grau de compreensão de uma imagem ou paisagem e seus aspectos dinâmicos, nestes casos se tem os conhecimentos técnicos e populares se sobrepondo as imagens. A percepção das coisas parece ser influenciada pelo domínio das apreensões por onde se anda: pessoas que conhecem mais lugares conhecem mais e podem expressar melhor sua visão de mundo do que aqueles que vivem em ambiente restrito.

Os elementos são moventes e precisam ser percebidos como tal, embora as particularidades de como sejam vistos mostram entendimento diferenciados na subjetividade dos sujeitos, as coisas mudam a todo o momento: podemos perceber agora uma imagem com elementos diversos, mas se olharmos minutos depois, esses elementos podem ter desaparecidos ou ter outros elementos que se somam, por isso que as imagens mesmo estáticas podem estar em movimento.

A maneira como se veem as formas da figura, imagem, gravura, depende de vários fatores vivenciados pelo observador, quando e como são representados também parte da subjetividade de cada um que vão dando formas aos signos e seus significados. As várias formas, a luz, a sombra, a penumbra mostram o lado subjetivo das imagens que podem de certa forma enganar quem as vê. Existem várias técnicas que os autores, produtores de imagens trazem para o mundo real e, portanto, é preciso assimilar os conhecimentos prévios para ter acesso ao domínio das imagens.

SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO

Os sistemas apesar de separados formam um conjunto que chegam ao todo, fazem parte do todo, claro que é

precisamente necessário manusear as técnicas para se tenha uma visão semelhante a realidade, baseados pela ciência e também na sabedoria popular. Para o manuseio das artes é preciso um cuidado estrutural para se alcançar o objetivo desejado, uma vez que vários fatores contribuem para torna-las mais ou menos compreensível, por exemplo, as imagens com escalas menores seriam mais próximas do real, enquanto aquelas com escalas maiores seriam mais desfocadas dos contextos reais.

As cores, as formas, as dimensões, as técnicas, os materiais, o espaço, as matérias tratadas absorvem aquilo que as imagens querem mostrar ou mesmo o que querem que nós entendamos do objeto visto, para que possamos ter novas percepções e paradigmas daquilo que estamos observando.

Vendo um objeto podemos compreender, agir sobre ele, refazer e inventar novas percepções cada qual construindo a sua verdade sobre ele ou mesmo verdades semelhantes, as experiências e o nível de conhecimentos acerca do objeto visto se torna um elemento importante na percepção da imagem, o que também depende da posição do objeto, por exemplo, uma laranja partida de forma dimensional pode ser vista inteira ou pela metade, dependendo da maneira como é vista. Então com o desenvolvimento e conseqüentemente a maturação no mundo, maiores informações vão sendo adquiridas, outros conhecimentos são possíveis e assim maior entendimento do objeto visível, portanto é necessário vermos todo o corpo dentro do sistema, desde a sua constituição, até a inserção dentro de um contexto maior para o entendimento do todo.

AS PAISAGENS COMO ELEMENTO ESSENCIAL DAS IMAGENS

Aos estudos da paisagem foram incorporando os dados das transformações humanas do ambiente no tempo com a individualização das paisagens culturais face às paisagens

naturais, sem nunca perder de vista suas interligações mútuas, não somente seria mais a paisagem da superfície terrestre, mas tem o homem como fator decisivo ou principal de transformação das paisagens sendo a ação dele relevante para os processos de integração das paisagens naturais e culturais progressivamente.

A paisagem estaria dentro de um sistema e subsistema com trocas de matérias e energias que estariam em grandes transformações, compostos também pela subjetividade humana, então as experiências são importantes para a definição da paisagem vista de forma humana, correntes estas que aproximam a geografia das tendências fenomenológicas e existenciais onde seriam incorporadas as sensibilidades, os comportamentos.

A paisagem é o reconhecimento do valor e dos signos presentes em diversos elementos do ambiente em que vivemos e que permitem exercícios no âmbito da semiótica, valorizando os aspectos subjetivos que os sujeitos veem nela, incluindo elementos da natureza, do ambiente, da cultura e dos signos dentro do território pela interpretação das pessoas as quais podem modificar/transformarem a realidade exterior.

Duas correntes que se encontram no conceito da paisagem são aquelas que divergem no conceito de espaço, no caso o fenomenológico tratando sobre o espaço corporal e o do espaço cartesiano, cujo espaço é estudado a partir de elementos constituintes, suas formas, funções ou como produtos das sociedades humanas para satisfazer necessidades econômicas e culturais de produção e reprodução dos indivíduos e dos grupos, sofrendo influência das "transformações dialéticas".

Todo o espaço geográfico é "produto social" que está sempre se transformando pelas ações mútuas que os sujeitos realizam nele, de modo que considerar um espaço como paisagem ou não dependerá do olhar que sobre ela se dirige,

do domínio dos códigos de apreciação por parte do observados.

O espaço é determinado pelos movimentos da sociedade, pela produção dos trabalhos nele que juntamente com as formas, os sentidos, as funções formam as paisagens como um domínio do visível o qual nossa visão alcança em todas as suas dimensões, cores, movimentos, odores onde tais elementos serão observados e percebidos em suas formas dependendo do lugar onde se estar. A cognição é um fator importante nessa observação e percepção da paisagem, pois ela é percebida de forma subjetiva pelos sujeitos, ou seja, cada indivíduo vê a paisagem a sua maneira, tirando dali uma apreensão dela.

As paisagens podem apresentar funcionalidades diferentes e variáveis nos mais diversos momentos, essas mudanças podem ser estruturais basta a observação nas suas formas, seu tamanho, havendo mudanças por envelhecimento das formas e por necessidade de novas funções daquele objeto dentro daquele espaço. "A paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário" (SANTOS, 1988, P.77), com formas viúvas e também virgens, as primeiras estão à espera de uma reutilização, a segunda, necessitam que novas funções sejam dadas a elas.

Portanto, a paisagem é materialidade construída que vai ser dada pelas relações sociais, enquanto o espaço resulta da junção da paisagem e espaço que contém o movimento, são conceitos que se completam e se opõem, por isso são dialéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As partilhas verificadas no grupo de estudos, tanto as leituras, como as postagens de outros sujeitos tem levado a reflexão de um fazer educativo novo, são formações como essas que fazem o profissional da educação despertar para novas

maneiras de propor intervenções nos processos de ensino aprendizagem com participação ativa dos sujeitos.

A leitura de imagens representa um olhar de apreensão da realidade que depende do conhecimento dos sujeitos sobre aquela realidade, a imagem nos mostra a cultura de um povo e seus aprendizados dentro nos indivíduos, muitas vezes revelando uma crítica que o autor quer trazer para a sociedade em cada época que ela foi construída, são paisagem que precisam de um olhar sensível para a percepção das subjetividades integradas as imagens. A imagem é uma leitura da realidade, cada detalhe, cada curva, cada cor, tem um significa integrado, muitas vezes é preciso ter conhecimento mais apurado do global para se entender o local de vivencia.

Esperam-se que outras possibilidades de ação tenham sido despertadas, as construções do conhecimento deixado serão validados para novas intervenções, sabe-se que as condições são desafiadoras tanto para docentes, como para discentes, para aqueles a capacidade de formação nem sempre é suficiente para a complexidade do trabalho com icnografias de variadas épocas, pois são imagens que requerem conhecimentos de várias áreas, todas com suas especificidades. Para o estudante, se debruçar com outras formas de conhecer o mundo e o local de vivencias pode trazer muitas dúvidas e questionamentos que certamente causaram reflexão e dúvidas que necessitam de outros ajustes para um melhor entendimento, uma questão desafiadora para eles. Portanto prosseguir com calma, deixando o discente expor seus desejos, seus pensamentos, sem julgamento ou correções é importante para o desenvolvimento da intervenção de forma que ela seja relevante para o conjunto de participantes, eles se sentirão mais seguros em suas falas se estiverem à vontade.

A luta por uma educação que garanta a autonomia dos sujeitos deve ser de todos os atores, principalmente daqueles que tem consciência da discrepância entre classes sociais

impostas por um capitalismo que exclui e segrega pessoas desde o seu nascedouro, portanto, projetos de intervenção, cujo foco seja despertar em estudantes reflexão para as suas vivências no espaço local pode transformá-lo num agente multiplicador de novos pensamentos, ideias e ações no ambiente de vivência.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. **Escutar**. In: Pesquisar na Diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARALDI, M. **Enxadas paradas e as Inchadas paradas**. Disponível

em: <https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-geografia-do-brasil/exercicios-sobre-problemas-sociais-no-campo.htm>. Acesso em: 03 março de 2021.

BRASIL, **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996.

CARLOS, Erenildo João. Sob o signo da imagem: outras aprendizagens, outras competências. In.: **Educação e visualidade: reflexões, estudos e experiências pedagógicas com a imagem**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2008, p. 13-35.

CASCINO, Fábio. Educação ambiental: princípios, história, formação de professores. In: Frederico, Lara da Conceição Frederico; Teixeira, Ana Lucia Teixeira. **Práticas interdisciplinares no ensino de Geografia**, ENPEG, 10º Encontro Nacional de Práticas de Ensino da Geografia, 30 de agosto a 2 de setembro, Porto Alegre, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, ed. Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 38ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/25847528.pdf>, acesso em 12.04.2021.

SANTOMÉ, Jurjo Torres, Globalização e interdisciplinaridades: IN Carlos, Erenildo João (org). **Por uma pedagogia Crítica da Visualidade**, Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6. ed. 2. Reimp. São Paulo: - Editora da Universidade de São Paulo, [1988] 2014.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

A IMAGEM E A IMPORTÂNCIA DELA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL

Luís Fernando Tavares⁹
Ricardo Santos de Almeida¹⁰

RESUMO: A educação é um processo de aprendizado que molda o ser humano para toda vida, por isso está sempre se aperfeiçoando, um desses meios de aperfeiçoamento seria o ensino pelo uso da imagem, com sua leitura é possível absorver um grande conhecimento através da sua interpretação, vinda de experiências vividas, e das informações dadas pelas imagens, utilizadas tanto para ensinar quanto manipular, como as mensagens, os temas abordados ligados ao cotidiano e a nossa realidade e como podemos absorver esses conhecimentos, na geografia (ou outras áreas de conhecimento), utilizando os ensinamento de Paulo Freire, foi possível ver o quanto este método de ensino é importante, não apenas para a educação de jovens e adultos, mas também para as crianças, já que é a primeira forma de aprendizado que ela tem, tornando ela um ensinamento muito completo e sempre presente ao nosso redor

⁹Aluno do curso de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁰Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

como em meios midiáticos ou em paisagens, pois como dizem, uma imagem vale mais do que mil palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem, Interpretação, Educação, Realidade, Vivência, Paisagem, Percepção Visual, Mobilidade Visual, Geografia e Ontogênese.

APRESENTAÇÃO

A formação continuada de professores é um processo de extrema importância, já que é através dela obtém o aperfeiçoamento dos saberes utilizados e necessários à atividade dos educadores, tendo como objetivo assegurar um ensino de qualidade cada vez maior aos alunos, sendo implementada após a formação inicial de aprendizado, ou a educação visual.

A educação visual é a primeira forma de aprendizado que uma criança tem, desde o seu nascimento, por isso é preciso estimular a sua curiosidade sobre o mundo que ela observa, mostrando para ela como o mundo é e fazê-la se indagar o porquê as coisas são assim, a partir disso ela irar procurar sobre o mundo, sendo a literatura o meio mais acessível para este fim.

É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa através de processos educativos pararem de visualizar os alunos como coletivo e verem eles como indivíduos, como pessoas que possuem curiosidade sobre assuntos diferentes uns dos outros, características diferentes, meios de vida diferentes e que cada um possui sua própria visão do mundo, ou será reconhecer a individualidade do aluno.

Podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento) através dos próprios alunos, pois são os alunos que nós mostram se o ensino funciona ou não, suas dúvidas, sua forma de ver o

mundo e através das mídias como filmes, quadrinhos, desenhos, séries, livros e etc. que moldam o imaginário e as individualidades de cada pessoa.

O objetivo deste trabalho é mostrar que como é possível melhorar o processo de aperfeiçoamento da educação através da imagem e da sua leitura, interligado aos métodos de ensino de Paulo Freire, utilizando a interpretação que cada um tem só a realidade ao nosso redor, abordando conceitos como a percepção visual e paisagem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada neste artigo é método Freiriano, que consiste em utilização dos métodos de ensino que não são contidos apenas nas 4 paredes das escolas, e sim a partir das experiências de vida, presentes na realidade dos alunos.

A partir disso os temas presentes e as propostas de ensino descrita neste artigo é baseado na realidade do autor, como deveriam ser abordados nas escolas e como foi abordado para ele.

Os conteúdos presentes neste artigo é a utilização da imagem como método de ensino, onde explicaremos o uso e como a imagem é utilizada para o aprendizado, principalmente no ensino da geografia, em seguida abordaremos a percepção do mundo através da imagem, sendo como ela é e como ela é interpretada a partir dos meios midiáticos ou não e também como ela é modificada para nós mostrar como verdadeiramente as coisas são, e por fim é abordada a paisagem, a imagem que é vista todas os dias e que recebem modificações através das interações humanas.

As estratégias de ensino são a interpretação da imagem, baseado em suas experiências, e a partir disso a discussão através de debates sobre o tema abordado nas imagens.

O USO DA IMAGEM E A ONTOGÊNESE DA IMAGEM

A imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento através do uso delas como meio de nós mostrar como as diversas disciplinas estão conectadas e seu impacto uma com a outra, nós fazendo questionar suas conexões e incitando a procura de outras, tornando viável a educabilidade do olhar por meio de estímulos para instigar o aluno a criticar e se indagar sobre o conhecimento, a informação apresentada a ele.

Diante do atual contexto pandêmico é viável consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente, pois é neste atual contexto é que se faz o maior uso da imagem como método de ensino, este espaço é um que já está sendo vivenciado pelo docente, através das videoaulas e da interação entre o aluno-professor pelo meio virtual, já possuímos as ferramentas necessárias para isso.

Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento colocando filmes, músicas, quadrinhos e outras mídias que abordem assuntos ligados com o que o educador quer ensinar, um exemplo seria:

Ver o filme *O Menino do Pijama Listrado*, e analisar o filme, como qual a ambientação do filme, quais temas ele aborda, qual a sua mensagem, e entra outras indagações, mostrando como ele interliga as disciplinas de História, Sociologia, Filosofia e Geografia.

A partir do que foi dito anteriormente, é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos, para isso é necessário ver que as imagens podem ser interpretadas como uma leitura crítica do

mundo, através disso é possível utilizar imagens que possuem temas que impactam a sociedade, como a desigualdade social e aquecimento global, temas muito recorrentes na sociedade atual, e incentivar a análise crítica do aluno sobre essas imagens.

Uma sugestão apontada é o uso de quadrinhos/tirinhas. Por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica através de exemplos que remetem a temas presentes e recorrentes na sociedade atual e como eles impactam o mundo a nossa volta.

Exemplo:

Imagem:



Fonte: Tirinhas do Armadinho

Nela podemos ver que ela aborda um tema bem presente na sociedade, o desemprego, assim poderíamos analisar sobre o desemprego e como ele tem relação não apenas com preconceito estrutural, mas também com o impacto da pandemia e como esses dois pontos estão entrelaçados.

Sendo assim o podemos obter um tema gerador que seria o desemprego na sociedade atual, onde podemos apresentar esse tema na educação de jovens e adultos, sendo eles os mais afetados pelo desemprego.

A tirinha propõe inicialmente o crescimento do desemprego existente atualmente, com essa abordagem pode-se aprofundar e entender o porquê do desemprego, para assim ser é necessário que haja:

1- Aulas conjuntas entre professores de história, para mostrar os motivos do desemprego e os acontecimentos relacionados com ele, professores de geografia para mostrar o porquê e como esses desempregos ocorrem, suas causas e efeitos, e professores de sociologia para mostrar o efeito que o desemprego tem na sociedade e como ela é moldada por ele.

2- Utilização de mídias mostrando os efeitos e causas do desemprego, como livros, tirinhas e filmes (um exemplo de filme seria “Tempos Modernos” de Charlie Chaplin).

3- Montagem de mapas conceituais para destacar os pontos importantes do tema e um caminho para se guiar.

4- Montar um debate com os alunos, para que haja uma discussão sobre o tema mostrando sua opinião sobre ele, o porquê, suas causas, porque continua a existir e meios de diminuir ou acabar com o desemprego.

Porém para podermos chegar à conclusão do método de ensino citado anteriormente é preciso que entendermos como a imagem é interpretada, por isso se fez necessário explicar o que é percepção visual, mobilidade visual, sistemas de representação, a verdade do visível e a paisagem com relação a geografia.

PERCEPÇÃO VISUAL, MOBILIDADE VISUAL, SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO E A VERDADE DO VISÍVEL

A Percepção visual aborda como o ser humano tem sua percepção de mundo através da visão e do conhecimento prévio sobre um determinado tema, seja ele raso ou profundo, e como essa união nos permite ver muito mais do que apenas está na nossa frente, nos faz procurar o todo, questionar o

porquê de ser assim e permite criticar e interpretar o mundo a nossa volta.

Inicialmente é possível ver que são abordados diversos exemplos de como duas pessoas possuem pontos de vista diferentes de um determinado assunto, devido a vivência e o conhecimento adquirido de cada um.

Porém, a mobilidade visual aborda o mundo como ele aparenta ser, como é visto pelos olhos humanos, e como ele é de verdade, partindo disso é utilizada a arte como forma de representar o conceito da mobilidade visual, “procurando a assim aceder ao domínio da comunicação e da expressão, ao plano de representação determinada num espaço poético de novas coordenadas (SOUSA, 1995, p.39)”, explicada nos seguintes subtópicos:

- **Geografia da observação:** Refere-se as formas de como observamos a realidade, formando uma espécie de mapa de vários tipos de visões que temos sobre os que vemos.
- **Movência do domínio observado:** Aborda-se que tudo o que vemos está em movimento e que o observamos pode mudar de uma hora para outra.
- **Instrumentalização física da observação:** Aborda como os instrumentos, como máquinas fotográficas ou a câmera de filmar, reformulam nossa forma de ver, nos permitem observar e registrar o movimento, e ver outros pontos de vista.
- **Instrumentalização cultural da observação:** Mostra que antes de aceitar a instrumentalização física, devemos ver que temos a instrumentalização cultural, nossos métodos naturais de como registramos e vemos o mundo ao nosso redor.

- **Influência da percepção nos modos de representar:** Como cada pessoa ver o mundo a sua volta e procuram simplificar o que parece fora o do padrão para tentar compreender do que se trata.

Os sistemas de representação manipulam o que vemos e mentem para nos dizer a verdade, ou seja, eles servem para redimensionar o que a perspectiva que nós temos sobre a coisas distorce, pois nem tudo que vimos é o que parece, tiramos nossas próprias conclusões com o que temos, não com o todo. Para explicar como funciona são a utilizados os seguintes tópicos:

- **Métodos decorrentes do nivelamento e da acentuação:** Métodos que reduzem os pontos não essenciais e a simplificação dos temas para fácil e abrangente compreensão.
- **Métodos decorrentes do efeito perspéctico:** Métodos que mostram diferentes tipos de pontos de vista do tema em questão.
- **Dos métodos projectuais:** Métodos que procuram mostrar dois ou mais pontos de vista, os quais servem para dar mais contexto e peso ao tema.
- **Pela gestão dos meios: matérias, materiais e técnicas:** Formas de simplificar ou rever os métodos projectuais afim de torná-los acessível ao maior número de pessoas.
- **Espaço bidimensional:** Permite a criação de um contexto complexo em que se aborda diversos pontos de vista se relacionando, não parecendo diferentes pontos, mas um novo e mais completo.
- **Espaço matérico:** Vincula com a contextualização com o ambiente a nossa volta, como ele modifica

o nosso olhar sobre o tema e como ele nos envolve com a realidade apresentada.

E por fim, temos a verdade do visível, em suma, o que vemos com os nossos olhos, é relativa, podendo ser enganadora, nos fazendo criar uma realidade, que possui diversos detalhes que muitas vezes estão equivocados, como é exemplificado no subcapítulo, temos uma laranja cortada pela metade, porem só vemos a sua metade sem ver o corte, logo pensamos ser uma laranja inteira, porém não é, podendo ser também apenas a sua casca que vimos. Nosso pensamento tenta completar algo sobre alguma coisa com as informações que temos, sejam elas poucas ou muitas e cada vez que obtém novas informações, ele modifica o que vê.

PAISAGEM E GEOGRAFIA

Iremos mostrar o surgimento da paisagem e como ela se desenvolveu através do tempo e como ela foi vista desde seu surgimento até o momento atual e sua relação com a geografia.

Começaremos com a “invenção e morte” da paisagem, onde ela foi descoberta com a ruptura com a visão teológica medieval, sendo vista como forma de arte, ao invés de ser apenas sinônimo de pintura, dando um destaque maior a natureza, sendo vista com outros olhos, contemplando-a, no ponto de vista econômico, essa nova visão permitiu a transição da economia natural para a capitalista, agora a paisagem é explorada com o fim de obter conhecimento e recursos materiais, levando ao desequilíbrio ambiental.

A pintura da paisagem agora é representada de forma que não seguem as mudanças reais, sendo mantida intocada pelas pinturas, dando destaque as emoções e sensações que os artistas querem passar com a obra, antes uma imagem construída da realidade, se defasou dela e perdeu sua eficácia.

Inicialmente, a paisagem era estudada pelos geógrafos de duas formas distintas, na primeira a paisagem é analisada pelo método morfológico, ou seja, ela é dividida em diversas formas e são examinadas pela sua função, origem e evolução, a segunda fornece as características de uma área expressas nos seus atributos físico-naturais e humanos e o estudo das inter-relações dos fenômenos nesse território, sendo esses estudos focados na descrição da superfície terrestre.

Porem com o passar do tempo foram adicionando as transformações humanas no ambiente, sendo considerada como um fator decisivo na paisagem.

Durante o início do século XX, a paisagem é vista como um conceito composto, já que possuía interações entre os componentes do mundo físico e os grupos humanos em uma certa área, o que leva a conclusão de que toda região possui uma paisagem própria. Mesmo que ela não seja uma das correntes principais da geografia, ainda possui uma presença forte nelas, como a 'Diferenciação Espacial' e 'Relações Homem-Ambiente', seu estudo teve seu ápice nas duas primeiras décadas posteriores a primeira guerra mundial, sendo sua importância provada em sessões especiais nos Congressos Internacionais de 1934 e 1938, tendo sua definição definida como: mais do que uma entidade fisionômica e estética, engloba todas as relações genéticas dinâmicas e funcionais que ligam as componentes de cada parte de superfície do globo (Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, Amsterdam, 1938, Tomo I, p.480).

Porem durante o último quarto do século XX, o estudo da paisagem houve um renascimento, tendo destaque a paisagem e a paisagem urbana, unida com os perigos da exploração intensa de recursos, para os geógrafos a paisagem é vista de forma ecológica, porem os geógrafos humanista a vem como a construção mental a partir da convivência e visão sobre um território.

Com a biogeografia e a geomorfologia (voltada para a ecologia), foi possível criar a “ciência da paisagem” focada da forma naturalista e ecológica, possuindo como referência a escola de Toulouse e Bertrand, bem como Wieber e a escola de Besançon, tendo seu conceito desenvolvido de puramente ecológico para ter envolvimento com processos econômicos e culturais, a escola de Toulouse focando na teoria dos ecossistemas e a escola de Besançon consolidando o objetivo e subjetivo nas paisagem por um modelo sistemático, dividido em 3 subsistemas (dos produtores de paisagem, dos utilizadores e a paisagem visível).

Entretanto na geografia humana a paisagem é focada no indivíduo, como ele interage e vê o território ao seu redor, essa abordagem vem da corrente de pensamento Geografia das Apresentações, tendo como foco tendências fenomenológicas e existencialistas em relação a ciências sociais.

Essas formas de pensamento foram sendo desenvolvidas nos anos de 70 e 80 junto com as correntes de A. Frémont, focadas no espaço vivido, conhecida como geografia das percepções e do comportamento, vendo a paisagem humana como a mistura de motivações individuais e econômico-sociais em um território, mais do que ecológicas, se importando muito mais com as relações das pessoas com os locais e com os valores que a sociedade propõe.

A paisagem agora possui foco nas relações homem/ambiente onde as pessoas vivem, já que, de uma visão antropocêntrica, elas refletem os valores e crenças da sociedade, surgindo o estudo da relação entre paisagem e cultura, assim surgindo a ideia da paisagem como uma autobiografia coletiva. Ainda assim, possuem correntes que defendem que as paisagens tem um sentido cultural.

No contexto das reações ao positivismo, ela assume um papel progressivamente maior, sendo vinculada a exploração dos recursos naturais. Com a reforma local do Reino Unido nos

anos 70 foram desenvolvidas duas teorias sobre a paisagem, a habitat theory e prospect theory, a primeira sendo um local que proporciona a sobrevivência biológica (como a obtenção de alimentos) e a segunda mais para um local que ofereça segurança, sendo elas voltadas para tudo aquilo que é útil para a vida cotidiana no ambiente, sendo a primeira reformulada para um local que facilite a obtenção de conhecimento e não só a sobrevivência biológica em 1989 por Kaplan. Outro modo de ver as paisagens é de ordem cultural, como as atividades do indivíduo mudam o ambiente e os valores que foram ditados pela sociedade, sendo representados pelo padrão ideal da organização social e do espaço quotidiano.

É possível observar que o conceito de paisagem variou muito com o tempo e se liga com várias escolas de pensamento, possuindo uma ambiguidade sobre o que é visto do que é interpretado, logo ela foi separada em duas, paisagem objetiva e subjetiva, a objetiva relacionada como as são, sendo aquilo que se vê e, a subjetiva relacionada a como se vê, sendo aquilo que é interpretada através de interpretações e sensações (vivas e sentidas), sendo a paisagem considerada existente de acordo como o homem a percebe.

Em suma, a paisagem como foco de estudo, pela geografia, é pela relação dos territórios com a sociedade ao invés de focar na superfície da terra, porém para geografia humana, ela representa tanto a representação e a expansão do território são parecidas, pois todo o "espaço geográfico é um produto social" (SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia, 2001, p.50). Sendo o foco não ligado mais ao território, e sim como é interpretado.

Como vimos antes, é nos mostrado que a paisagem é tudo que vemos, todo é possível alcançar com os olhos. Não apenas isso, mas está ligada com a percepção, mais especificamente como nós escolhemos ver o mundo ao nosso

redor, sendo percebido de várias formas diferentes, ou seja, a paisagem é fruto não apenas do que vimos, mais interpretamos.

A paisagem e região eram vistas como sinônimos, confundindo-se os conceitos das duas, porém, agora são vistas de forma diferente, sendo a região a área de ação de um grupo que a abita.

Ela foi separada em duas, natural e artificial, implicando a marca do homem sobre a natureza, vista que a paisagem não é apenas a natureza intocada, mas também é modificada pelo homem, com essa relação há a produção do espaço, resultado da ação do homem modificando o próprio espaço com objetos naturais e artificiais, agora cada tipo paisagem é vista como a criação de forças de produção.

A paisagem é a mesclagem de meios naturais e artificiais, considerada heterogênea, relacionando a sociedade com a mudança de um mundo natural para o artificial quanto mais complexa, maior é essa mudança, assim, a paisagem é a adição de instrumentos de trabalho (objetos criados para produzir) ao ambiente natural.

É visto que a relação entre a paisagem e a produção, onde a produção necessita de um instrumento de trabalho, e a paisagem sendo moldada de poucos em poucos as mudanças criadas pelo processo de produção, considerada “uma herança de vários momentos” (Santos, Milton. Paisagem e espaço, P.71), montada pelas paisagens passadas e atuais.

Assim vemos que a paisagem é um objeto de mudança, sempre sendo modificada, com partes de diferentes tempos históricos, construindo o espaço e isso é mostrado pela história humana. Dessa forma é possível ver mudança da paisagem ligadas às condições políticas, econômicas, culturais e sociais, sendo elas estruturais ou funcionais, uma está relacionada com a mudanças das formas, e a outra com o modo de com suas funções e funcionamento, sendo elas ligadas principalmente com a sociedade e seu comportamento, ou seja, “a sociedade

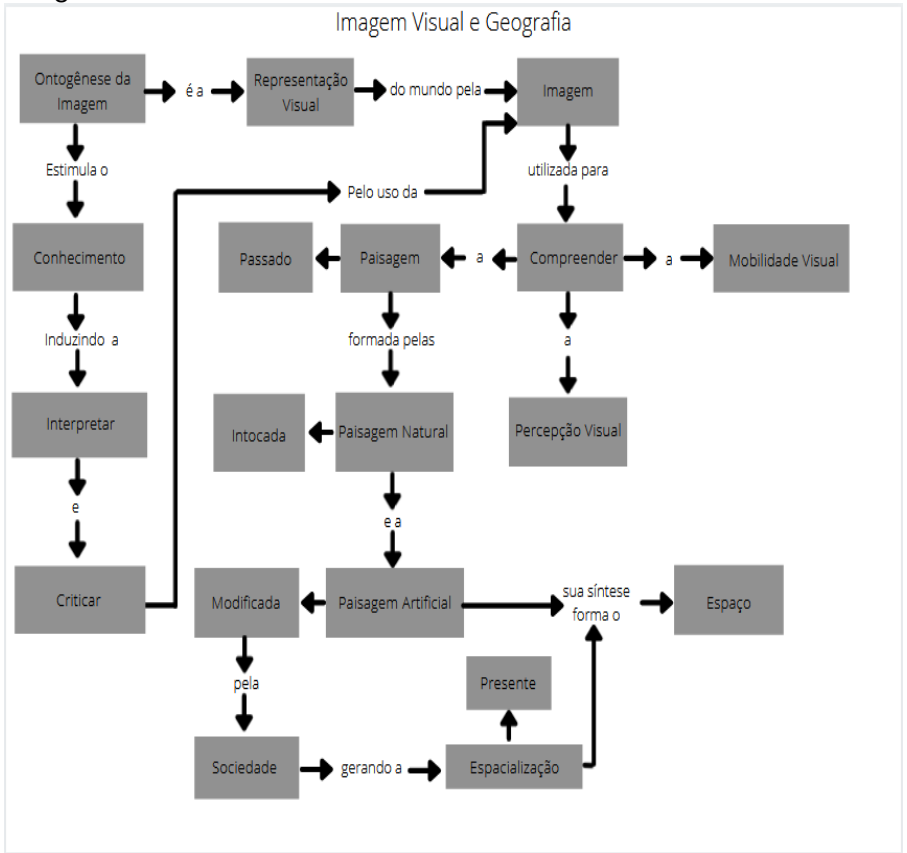
se encaixa na paisagem” (Santos, Milton. Paisagem e espaço, P.76).

Vemos que a paisagem e espaço possuem uma relação, apesar de não serem a mesma coisa, em quanto a uma é representação de um momento da sociedade, algo estático, o outro é a movimentação que causa a mudança, possui movimento, sendo a junção da sociedade com a paisagem, ou seja, sua relação é de complemento e de oposição.

É possível ver que a mudança gera a espacialização da sociedade, seja por necessidade, seja por obrigação, entretanto a espacialização não é espaço, apesar que de depender dele, ela é o presente, ou seja, é a mudança que acontece agora, enquanto a paisagem é a mudança que já aconteceu, ainda que recente, e o espaço é a síntese da paisagem junto a espacialização.

Com tudo que foi dito neste artigo foi montado um mapa conceitual ilustrado a seguir, que pode ser utilizado como guia de ensino sobre o tema Imagem Visual e Geografia, destacando pontos importantes do tema e os interligando, montado a partir dos temas abordados neste artigo, não apenas isso, mas também é utilizado para entender a montagem do método de ensino citado no início do artigo.

Imagem:



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir disso concluímos que a leitura da imagem é como nós a interpretamos, o que vemos nela além do que é mostrado, o seu significado, o tema abordado ou até mesmo a crítica que ela faz, através de uma visão crítica, influenciada por

conhecimentos prévios e pela visão que se tem do mundo, podemos destrinchar a imagem e “lê-la” como um texto.

A imagem também pode ser um texto, pois como foi falado anteriormente, com a leitura da imagem é possível vê-la como um texto, com diversos pontos que foram observados e destacados, sem falar que também é possível obter através do texto uma imagem, já que o texto pode ser a descrição da imagem.

Assim também vimos que a imagem não é apenas repleta de conhecimento e de “palavras”, mas também que ela é extremamente abundante e comum, sempre ao nosso redor, seja por meio de mídias, como filmes, quadrinho ou notícias, seja por estamos simplesmente observando uma paisagem, tornando o método de ensino pela imagem indispensável.

REFERÊNCIAS

FACEBOOK. **Armandinho**. Disponível em:

<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144.113963.488356901209621/1627719923939974/?type=3&theater¬if_t=notify_me_page¬if_id=1501087721901545>. Acesso em: 12 março. 2021.

ABC. A Ontogênese e o Aprender. Disponível em: < A ontogênese e o aprender – ABC >. Acesso em: 22 fevereiro. 2021.

SOUSA, Rocha de. Criatividade ou o homem em aprendizagem.

In. SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação**

Visual. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 15-28.

FREIRE, Paulo. **Considerações sobre o ato de estudar**.

TEIXEIRA, Ana Lucia; FREDERICO, Iara da Conceição. **Práticas interdisciplinares no ensino de Geografia**.

CARLOS, Erenildo João; FAHEINA, Evelyn Fernandes Azevedo.

O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar. **Por uma pedagogia crítica da visualidade**.

Editores Universitários da UFPB, João Pessoa, 2010. p. 27-43.

ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e a imagem.**

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In.

SOUSA, Rocha de. **Didáctica da Educação Visual.** Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado.** fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.

A PAISAGEM E OS SABERES ESCOLARES: UMA PERSPECTIVA FREIRIANA SOBRE A IMAGEM NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Luiza Marte Ferreira¹¹

Maria Aparecida Vieira de Melo¹²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é intensificar nas imagens geográficas o que consiste a relação humana com a figura imagética e os aspectos didáticos, proporcionando a compreensão da temática no currículo escolar. Estimulando quais são as abordagens que se pondera nas figuras por meio da alienação ou conscientização. Neste embasamento teórico (SILVA, p.12, 2016). Freire (2010,2007, 2016), e o que (Debray) e tantos outros afirmam, sobre a as interfaces e o que é possível contextualizar no pensamento da linguagem da geografia no espaço escolar. A Contextualização na

¹¹Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2009) e especialização em Orientação Educacional pela Faculdade Integrada de Patos (2010). Atualmente é Professor da Escola Municipal Professor Osvágrio Rodrigues de Carvalho. Tem experiência na área de Educação.

¹²Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

identificação das imagens absorve a capacidade de promover a relação mediante as influências educativas com o uso da TV, o reconhecimento através das cores é o que reflete o papel freireano na dimensão visual. A relação entre as formações sociais e as imagens são apresentadas a partir das grandes eras definidas pela localização de fenômenos geográficos ou à compreensão desses no espaço. Trata-se de uma análise qualitativa, do tipo estudo de caso, com relação à coleta de informações foi aplicado um questionário numa visão docente/discente do espaço da escola. Portanto, o desenvolvimento desta pesquisa nos ancora, principalmente em discutir sobre a necessidade da quebra do paradigma tradicional de abordar os conteúdos e a importância de se trazer o ensino para próximo das vivências sociais, dotando a aprendizagem de sentidos. Desta forma, as discussões sobre a importância da imagem como recurso metodológico para a aprendizagem dos conteúdos de geografia desenvolvem-se a partir das leituras de imagens antigas e atuais sendo na forma de mapas e fotografias e produção de textos.

PALAVRAS-CHAVE: imagem geográfica, currículo escolar, docente/discente.

INTRODUÇÃO

Nesta proposta buscaremos identificar na relação do espaço geográfico o construto das possibilidades de reconhecer as interações e algumas convergências entre os diferentes conceitos atribuídos nas exigências dos campos das ciências humanistas e sociais. Dessa forma, à alienação e à conscientização, servirão para contemplar o que o ser humano consegue observar já que o mundo é dominado pelo projeto global hegemônico, constituído pela relevância do que determina a fundamentação teórica e os elementos da linguagem visual na concepção que as imagens representam,

sobre a formação dos objetos que estão relacionados a natureza em determinação com as subjetividades que descortina o papel da percepção imagética e a qualidade como se define as imagens nos diferentes espaços sobre as análises e os critérios que são favoritos na estrutura do objeto de estudo mediante as suas características a fim de identificar os componentes.

O estudo proposto traz reflexões sobre o ensino da Geografia e os campos de aprendizagem contextualizam-se na localização dos fenômenos geográficos, numa perspectiva Freireana, abordando a prática educativa elevando à premissa que se discute a formalidade do ensino colaborativo na Geografia. A construção do tema é um interesse surgido a partir do Curso de Aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, proporcionado a identificar as características que são construídas na prática educativa em sala de aula de tal forma, possa fazer um estudo do mapa. Colabora com o ensino aprendizagem despertando analisando se os ensinamentos dos componentes curriculares da Cartografia Básica que desenvolvemos nos planejamentos escolares estão alinhados a uma proposta pedagógica que supere o ensino da geografia tradicional, ainda tão presente na educação. Nessa visão geográfica buscaremos identificar o espaço e o que consiste a função da linguagem visual na construção de sentidos e as múltiplas abordagens na escolha que se articula a dimensão das ações didáticas e o meio que se sintoniza o objeto descrito e o meio construído diante de um olhar dialógico.

A proposta torna-se necessária para a formação docente fortalecendo a prática educativa com referência que aprimore os princípios básicos norteadores da educação colaborativa principalmente, na construção das imagens sobre a relevância histórica desde os primórdios tem a persistência sobre a importância de difundir a respeito do que possa

despertar nas ideias humana a observação das imagens possibilitando através das investigações e as interações com o ambiente discorrendo a forma de desenvolver as habilidades que consiste as imagens dos livros didáticos. Os pressupostos teóricos são relevantes sobre as pesquisas documental, bibliográfica ou experimental. A prática pedagógica freireana é comunicativa, dialógica, onde não se objetiva somente transferir o saber, mas sim significar os significados. Dependente do espaço é preciso respeitar a autonomia e as experiências vivenciadas por cada aluno, antes da ciência e do formalismo deve vir à experiência cotidiana dos indivíduos. A aprendizagem da vida deve vir acompanhada da aprendizagem escolar. (SILVA, p.12, 2016).

Durante o percurso do curso diferentes conceitos foram abordados buscando compreender as ligações do texto com a simplificação das palavras contidas nos mesmos, apontando as imagens como signos que reflete na criatividade humana tornando como base as características que desenvolve as condições da educação que permeia afirmando a linguagem o dialogo oprime o autoritarismo. Em outros textos as palavras ontogênese e aprender asseguraram uma norma da linguagem dos primórdios dando foco no que concerne um espelho que possamos observar a importância do passado no presente e que sucede a compreensão da prática pedagógica refletindo sobre a importância da ação-reflexão do diálogo na prática docente. É possível desenvolver as habilidades sobre a compreensão e a interação com os diferentes eixos temáticos em que a ação pedagógica proporcione para a constituição da linguagem criativa, na ação verbal e da escrita possibilitando abordagens reflexivas que promova novas experiências e vivências com meios que constituam a interação com o mundo.

A construção de sentidos na produção de textos e a interpretação na busca dos significados das palavras destacados na estrutura das atividades como; criatividade,

aprendizagem e homem, mediante contexto podemos imaginar as ideias produzidas nas estruturas das ciências e a concepção das imagens no espaço coletivo. O uso de imagens não animadas como fotografias, slides, postais, entre outras são recursos didáticos que pode auxiliar o trabalho com a formação de conceitos geográficos, diferenciando paisagem de espaço dependendo da abordagem dada ao conteúdo, desenvolver os conceitos de região, território e lugar. Dessa forma, os paradigmas que consiste nas abordagens interdisciplinares do ensino de geografia englobam nos educandos uma visão de mundo que muitas vezes se apoderam dos conhecimentos de mundo, facilitando o que existe no contexto da educação é imprescindível o papel fundamental nas ações e nas atitudes vinculadas com a disciplina. Nessa concepção, é preciso criar estratégias que condicione as diferentes áreas do conhecimento tornando os conceitos das imagens mais constitutivas no ensino das imagens interagindo com a aprendizagem.

Todos nós somos sujeitos históricos, portanto, não podemos naturalizar- os fenômenos humanos.

Portanto, o professor de geografia tem que saber o que os alunos pensam sobre os conceitos-chave desta ciência, como: Espaço, Região, Território, Paisagem e Lugar. Para que se possa aproveitar o que os educandos já sabem de coerente e superar o erro que eles possuem sobre tais conceitos. Sendo assim, o professor de geografia estará despertando a curiosidade de seus educandos, que através de um processo de aprendizagem passará de ingênuo para a epistemológica (FREIRE, 2005, p.14).

É possível analisar a linguagem visual de acordo com a estrutura a ser apresentada diariamente, proporcionando a base metodológica no caminho que o trabalho percorre em direção dos objetivos intencionado para o alcance do espaço

escolar e da sociedade. As imagens em especial, são muito exploradas por apresentarem cores, formas, expressões. Por isso não podemos ignorar a importância da imagem no processo educacional. Nesse sentido, Os conceitos geográficos devem relacionar-se às experiências cotidianas dos discentes associando-se assim, teoria à prática, fortalecendo o ensino de Geografia levando em consideração a compreensão do presente e a tomada de responsabilidade quanto ao futuro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A base metodológica desenvolvida consiste nos aspectos dos conhecimentos adquiridos no campo das ciências . Segundo a natureza dos dados, a pesquisa enquadra-se no tipo de abordagem qualitativa. De acordo com Strieder (2009, p. 45) a pesquisa qualitativa “tem como preocupação maior estudar e refletir os valores, as crenças, as opiniões, as atitudes, as aspirações e as representações dos sujeitos”. Com relação aos elementos procedimentais de pesquisa, definimos como campo de estudo geográfico assistido pela linguagem visual das imagens.

Com relação à coleta de informações a técnica desenvolvida foi composta por atividades abordando as imagens produzidas através de tirinhas, mapa mental na expectativa de elaborar questões interdisciplinares que entendimento proporcionasse uma aula colaborativa. Os educandos discutirão e planejaram as ideias provocando as diferentes formas de contextualizar a temática em pertinência aos elementos geográfico no estudo no espaço escolar, adequando-se ao alinhamento da proposta didática pedagógico a fim de identificar as relações e as ações desenvolvidas de acordo com os aspectos da globalização em que destaca-se uma análise determinada pela sociedade.

Diante da identificação das imagens que podemos analisar destacando a evolução que comprovam a construção do processo histórico, dos movimentos profissionais proporcionado pelas as formas que atuam podendo, ser coletiva ou individual, enquanto isso, as funções se contextualizam para obter os resultados na construção de sentidos. Com relação à coleta de informações, foi aplicado um questionário semiestruturado que é assim definido: Técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas.

É nessa reflexão que os autores analisam no espaço função da paisagem, exemplificando o domínio dos olhares múltiplos sobre a imagem e o alcance da nossa visão delineando a percepção de um processo seletivo de apreensão na dimensão do espaço geográfico. Nesta percepção a construção dos conhecimentos são as ações colaborativas sobre a busca de localização no espaço físico, nas escolas com o sentido e atribuir atos simples e concretos, mostrando as possibilidades que o ser humano tem de localização na paisagens e os aparelhos que possa detectar os objetos na sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões discutidas, nesse processo de discussão versam sobre a utilização de instrumentos de representações cartográficas durante as aulas de geografia observadas por diferentes meios de sistematização e os questionários que buscam identificar e flexibilizar as ideias pertinentes para essa proposta curricular. Que proporcionou aos educandos uma aceitação dos determinantes contextos, os desafios foram os princípios eixos norteadores que fomentaram nos questionários

aplicados a visibilidade que o ensino das imagens condicionam, através das respostas que serão possíveis inferir no ensino da geografia seja, pautado na concepção tradicional. Esta forma de ensinar pode estar relacionada a formação profissional do docente voltada para a memorização e deslocada da realidade vivida.

Nesse contexto, as discussões estabeleceram desafios que intensificaram as críticas que se tornaram relevantes na construção de sentidos para as ações colaborativas assim proporcionando o rompimento com a prática tradicional da sala de aula, tornando possível constituir práticas inovadoras, dessa forma, é preciso que haja concepções teóricas - metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. Os conceitos geográficos se difundem nas abordagens que permite relacionar-se com as experiências cotidianas dos educandos associando-se assim, teoria à prática, ensino aprendizagem e os conhecimentos constituídos na função didático pedagógico.

Dentre as propostas e a relação das atividades desenvolvidas de maneira concreta simplificando o espaço de produção iconográfica as abordagens a respeito da aplicação das imagens no espaço escolar teorizando as possibilidades dos conhecimentos como possível forma de interdisciplinaridade do currículo e os múltiplos aspectos que possa ser construído através das imagens mediante, os componentes que reflita na prática educativa. É nessa conjuntura que as mídias digitais e a linguagem filmica que construímos um plano de aula fortalecido de ideias oportunas para o enquadramento e relação com as disciplinas de Língua Portuguesa e Geografia apontando e associando a aplicabilidade da ação pedagógica.

Pergunta 1: Como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? A prática interdisciplinar é necessária no currículo escolar com o sentido de superar a visão restrita de mundo, sobre uma compreensão adequada da realidade e a produção do conhecimento que a imagem consiste na proposta pedagógica.

Pergunta 2: Como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? É possível potencializando o uso da imagem em diferentes espaços concedendo o desenvolvimento de múltiplas faces abordando a mediação cultural proporcionando que a mídia digital possa construir na imagem sobre o ímpeto singular que representa forma capaz de se enquadrar no espaço global e local numa concepção dominante sobre o mundo.

Pergunta 3: É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? Sim. Proporcionando a educação sobre o aspecto reflexivo, buscando compreender na imagem a interação com o contexto colaborativo e interdisciplinar abordando a prática e a relação docente.

Pergunta 4: Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, como é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Aponte/sugira uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa.

Duração das aulas; 1 horas e 10 minutos.

Disciplinas; Geografia e Língua Portuguesa.

A linguagem fílmica é um instrumento pedagógico que proporciona a construção da prática interativa, os filmes e

músicas podem e devem ser usados como facilitadores dos conhecimentos, buscando a interdisciplinaridade na aplicabilidade das áreas de Geografia e Língua Portuguesa, construindo nas imagens dos filmes o iconográfico diante da figura linguística na produção de gêneros a ser trabalhados com o Ensino fundamental I e II focando sobre a importância do filme no ensino com as imagens, como também nas diferentes áreas do currículo escolar.

Pergunta 1: Em que consiste a ontogênese da imagem?

A ontogênese na imagem da figura humana consiste sobre a compreensão que o indivíduo resgata, desde os primórdios e a espécie dos seres na natureza, que teve uma verdadeira fixação pela imagem tendo como representação realística do mundo real. Em Freire existe a possibilidade de identificar algumas convergências entre ambos no que diz respeito à alienação e à conscientização, já que o mundo dominado pelo projeto global hegemônico alienado e alienante que é dominado pela imagem.

Pergunta 2: Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freireano. A geografia constitui um conjunto harmônico no que envolve as terras, os mares, os letreiros e a decoração, tudo é cuidadosamente disposto e ponderado. (BAZIN, 1958) Em função da representação da arte e a perspectiva iconográfica a imagem vira ídolo e se torna um instrumento da cura do pânico do ponto de vista estético, elaborando na obra de arte relações que pertence ao universo da técnica. Nessa perspectiva, o Cristianismo representou uma verdadeira revolução paradigmática, pois, enquanto para os demais monoteísmos, a imagem é o símbolo do finito, do mortal, do mal, para o cristão, Deus é semelhante ao homem, porque o fez à sua imagem.

Pergunta 3: Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais

educativos? Na percepção das imagens no espaço social para (Debray) as informações são consideradas capazes de promover a relação das imagens sobre as influências educativas com a chegada da TV, a cores neste caso reflete sobre o papel, ao contrário do que os freireanos pensam para ele, a mão do artista foi substituída pela luz, a partir do aparecimento da fotografia e das artes plásticas da grafosfera. Nessa percepção é possível ler nas entrelinhas que a escrita, enquanto forma de representação abstrata das realidades, foi privilegiada pelas elites que simultaneamente desprezavam as imagens.

Pergunta 4: Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria. **RESPOSTA;** O uso pedagógico da imagem no contexto escolar é construir um olhar para a figura da linguagem como poderá ser construída a imagem do livro e a escrita para uma melhor interpretação. **A MINHA PROPOSTA É;** Construir uma leitura capaz de identificar os significados das palavras com atividades diferenciadas.

Imagem:



Fonte: Google (2021).

Imagem: Para interpretarmos



Fonte: Google (2021)

TEMAS GERADORES; A leitura de Imagem

DISCIPLINA; Geografia

TURMA; 4º Ano

DURAÇÃO; 2 Aulas

OBJETIVO; Analisar na imagem os elementos que as figuras representam na construção do espaço geográfico.

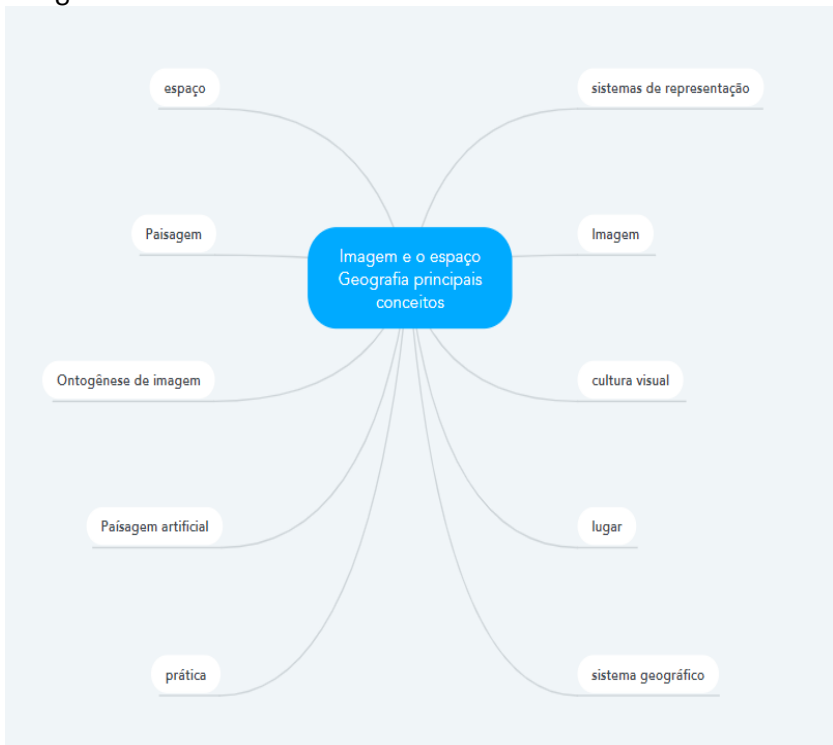
As duas imagens têm o objetivo de motivar a leitura na construção de significados sobre a linguagem e o gênero textual.

Na imersão conceitual as imagens nos proporcionam observar as mudanças geográficas apresentadas pelas as novas tecnologias. É importante ressaltar a construção das narrativas e os eixos temáticos que o espaço geográfico visa contextualizar na prática educacional.

A fundamentação teórica e os elementos da linguagem visual na concepção que as imagens representam, sobre a formação dos conceitos estão relacionados a natureza em

determinação com as subjetividades que descortina o papel da percepção imagética e a qualidade do objeto. A forma como se define a ocupação das imagens as análises e os critérios são favoritos na estrutura do objeto e suas características a fim de identifica-lo. Nesse domínio buscaremos compreender o espaço e o que consiste a função da linguagem visual na construção de sentidos e as múltiplas abordagens na escolha que se articula a dimensão das ações didáticas e o meio que se sintoniza o objeto descrito e o meio construído diante de um olhar dialógico.

Imagem:



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A esse respeito a percepção das imagens são relativas aos elementos constituídos geograficamente consiste na forma ilustrativa de acordo com o padrão de identificação e da experiência adquirida pelos os antepassados. Nessa perspectiva ideológica observasse nas leituras visuais o que corresponde os significados dos elementos culturais buscando construir diferente forma e estilo sobre a qualidade do artista.

As abordagens expressam a óptica os modos e os valores que constituem nas imagens pluralidades representadas por meio do sistema imagético na percepção obvia sobre o que proporciona a memória resgatando o que determina a mesma sobre determinada época ou na condição da comunicação que interage no tempo visto nas imagens. Dessa forma, são flexíveis as construções e o nível em que os posicionamentos estão atrelados aos espaços como também, no posicionamento do espaço didático do ensino aprendizagem de acordo com os determinantes legais.

Em pertinência aos elementos geográficos no estudo que alinha o espaço em que consiste observar a proposta teórica dos conceitos colaborativos nas ciências humanas e sociais, proporcionamos identificar as relações e as ações desenvolvidas de acordo com os aspectos na participação dos sujeitos em que se destaca pela análise determinada pela sociedade. É nessa vertente, que podemos analisar no texto o direcionamento que olhares comprovam sobre a construção das identidades no processo histórico, destacado meio aos objetos construídos nos diferentes espaços das paisagens e dos movimentos profissionais proporcionados pelas as formas que atuam podendo ser coletiva ou individual, as funções se contextualizam a fim de obter os resultados na construção de sentidos.

É nessa reflexão que os autores analisam no espaço função da paisagem, exemplificando o domínio dos olhares múltiplos sobre a imagem e o alcance da nossa visão

delineando a percepção de um processo seletivo de apreensão na dimensão do espaço geográfico. Nesta percepção a construção dos conhecimentos são as ações colaborativas sobre a busca de localização no espaço físico, nas escolas com o sentido e atribuir atos simples e concretos, mostrando as possibilidades que o ser humano tem de localização nas paisagens e os aparelhos que possa detectar os objetos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das discussões, pautadas no trabalho desenvolvido nessa temática trouxe reflexões basilares sobre o ensino da Geografia no espaço escolar numa perspectiva freireana. Discutindo a importância sobre a prática de ensino que o docente da área de Geografia, a partir da observação e produção de pesquisas constrói instrumentos que compete a alcançar o que as competências e as habilidades atribuem. Dessa forma, contribuir com novas discussões sobre o pensamento de Paulo Freire no ensino da ciência geográfica, numa perspectiva de respeito à autonomia do educando, seus saberes e vivências significa instrumentalizar com o prazer que à leitura crítica e a transformação do mundo poderá sintonizar no conhecimentos que a ciência determina.

Ao pensarmos na prática diretiva com o ensino das imagens e a produção de mapas e a relação aos saberes cartográficos, a partir do olhar freireano, percebemos um distanciamento do ensino da geografia escolar como uma ciência questionadora da realidade. Nessa percepção o docente sempre buscar trabalhar o particular em relação geral para entender eficazmente a dinamicidade presente no conhecimento geográfico. De tal forma é necessário propiciar as experiências novas aventuras que aprimora a prática pedagógica de um bom educador. Sem criticidade não se

alcança uma prática pedagógica de qualidade. Ensinar Geografia consiste na formação do cidadão, fato que o docente de diferentes disciplinas nunca deve esquecer ao transmitir os conteúdos geográficos a seus educandos.

Entende-se que se torna necessário os princípios éticos e estéticos freireanos para que o educador possa desenvolver com primor sua prática docente, observasse que os aspectos analisados neste curso pode motivar a produção de outros trabalhos na área de Geografia e também outras disciplinas valorizando a importância do educador no processo de ensino aprendizagem. Diante contexto isso, permite aos educandos e educadores e toda a sociedade, que precisamos dar respostas adequadas e fazer necessárias as intervenções que envolvem situações diversas e singulares do desenvolvimento humano. O sentido de orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos educandos capacita e responsabiliza pelo sucesso da aprendizagem dos mesmos assumindo mediante o saber de lidar com a diversidade existente entre os diferentes tipos de educandos. Portanto, é necessário incentivar atividades de enriquecimento curricular; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e material de apoio; desenvolvendo hábitos de colaboração e trabalho em equipe. Destacando aquelas referentes para a compreensão do papel social da escola, ao domínio dos conteúdos, à interdisciplinaridade, ao conhecimento dos processos de investigação, ao gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional e ao comprometimento com os valores estéticos, políticos e éticos inspiradores da sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

Análise da paisagem local através da leitura de imagens.
Autora: Maria Joana Franco Andrade¹ Orientador: Prof. Dr. Luiz

Fernando de Carli Lautert² Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6 Cadernos PDE-2013.

Diretor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Nove de Julho (Uninove), de São Paulo; Diretor Fundador do Instituto Paulo Freire. *Educação & Linguagem* • v. 13 • n. 22 • 77-97, jul.-dez. 2010.

O ensino da geografia na perspectiva freireana: um diálogo possível? Ana Paula Torres de Queiroz (1); Wagner Salgado da Silva (1) INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO, anaqueiroz@recife.ifpe.edu.br INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO, wagnersalgado@hotmail.com.br

Silva Mateus Machado- Contribuições do educador Paulo Freire para o ensino de Geografia - Frutal-MG Editora Prospectiva 2016

EDUCAÇÃO VISUAL PEDAGÓGICA SEGUNDO A VISÃO GEOGRÁFICA DE PAULO FREIRE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Rubem Alexandre Vieira¹³
Ricardo Santos de Almeida¹⁴

RESUMO: O artigo visa demonstrar as contribuições freireanas e aplicação no momento que vivemos do uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em Geografia e outras. A imagem visual é produtora de conhecimento geográfico, e seu uso deve ultrapassar a condição de mera ilustração para reflexiva. Logo, superado na geografia o status da imagem visual para o caráter social observando a finalidade e intenção, visando transmissão de saberes, valores, memória e censo crítico. As tematizações a serem trabalhadas através de ilustrações da realidade concreta dos alunos suscitar debates que levem a problematização das situações vividas e um novo olhar do mundo a sua volta; espaço; tempo; identificação de

¹³Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009), graduado em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes (2003), com bacharelado em Tradução (2004), e em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. Atualmente é Diretor de Escola e dedica-se à pesquisa e ao ensino da Língua Portuguesa nas modalidades presencial e a distância.

¹⁴Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantal@gmail.com.

classe; hierarquia social; grupo étnico e individualidade. O artigo leva o professor a outras áreas paralelas a geografia: da matemática, contexto histórica, fonética, os significado das palavras entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Imagem. Pedagogia Freireana.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

A lei de Diretrizes e Bases da Educação diz que a formação continuada de professores não é uma opção, já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) coloca esse quesito como obrigatório para todas as instituições de ensino. A formação de professores precisa ser capaz de preparar os profissionais para mudanças no seu contexto de trabalho, porem os educadores não encontre tempo para fazer cursos de atualização, pois muitos deles lecionam em mais de uma escola e ainda precisam conciliar a carreira com os deveres familiares. Para lidar com está situação, além de cursos de pós-graduação, os professores podem investir em tecnologia, pois os estudantes têm bastante acesso a conteúdo por meio da internet e dos livros, a escola ainda é a principal fonte de aprendizado, com cursos de capacitação, os professores aprendem a lidar com as novas tecnologias e ainda criam novas formas de ensinar os alunos utilizando os recursos tecnológicos disponíveis, o que permite um processo de ensino mais atrativo para os alunos.

É um direito dos professores de todos os tipos de estabelecimento de ensino, desde aqueles que lecionam em escolas infantis até profissionais que dão aulas em faculdades e universidades, investir na formação continuada de professores é essencial para a construção do conhecimento dos alunos e os profissionais mais bem preparados nas escolas promovem aprendizagens significativas e conseguem ajudar seus alunos a avançar nos conhecimentos necessários à sua vida. O fato de o mundo passar por mudanças frequentes e cada vez mais

rápidas já é uma realidade incontestável, especialmente diante da pandemia que vivemos e as vídeo aulas, aulas semipresencial, EAD. Por isso, os professores devem ser manter atualizados para atender as necessidades de aprendizagem dos alunos com cursos complementares, que ajudam aos educadores a adquirir novos conhecimentos para que eles consigam desempenhar melhor seu papel dentro da escola e da sala de aula, melhorar a forma com a qual passam o conteúdo para seus alunos e ainda conseguem um engajamento melhor com a turma, um professor aprende a dominar a tecnologia e faz uso dela para criar uma aula, identifiquem quais são as principais dificuldades de aprendizado dos alunos e permite que eles criem formas de contornar a situação, o que traz benefícios tanto para sua carreira profissional quanto para a escola na qual trabalham.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento) sendo de melhor impacto tratar a matéria com o mundo do aluno, seja as referências o local de habitação, seu trabalho ou outras referências do seu mundo como *educação visual*, expressões artísticas, fotos, gravuras e o uso de observações/discussões para despertar a compreensão, o censo refletivo e criatividade. Assim a ontogênese da imagem consiste na *cultura visual*, o repertório de imagens, como um conjunto de discursos visuais que constroem posições e que estão inscritos em práticas sociais, no trabalho de Paulo Freire, intimamente relacionados às instituições de ensino que nos concedem o "*direito ao olhar*", em particular, a escola, que se propõe a os olhares crítico, organizando um campo do visível e do invisível, do belo e do feio, da criança ou adulto que está em formação dos saberes.

Reflexão sob “Ontogênese” e “Aprender” na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo. Entre muitas ferramentas que podem ser usadas com crianças ou adultos, estimulando a leitura e facilitando a compreensão do texto. A **educação visual** pode auxiliar no senso crítico, estando presente e em uso na arte e cultura no desenvolvimento das habilidades, perspectivas e compreensão do contexto social.

É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa? Sim, pois Rocha de Sousa em “Criatividade ou o homem em aprendizagem” estimula como mediador desenvolvermos o diálogo com o ouvinte (criança ou adulto) auxiliando a abordagem discursiva, uma relação dialógica com foco no desenvolvimento da autonomia e liberdade criativa, pois o princípio de Paulo Freire é a horizontalização dos saberes e não aprisionado a sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Vivência pedagógica: A imagem na *educação visual* pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento, é um poderoso mecanismo que se apresenta de várias formas diversificadas de leitura que interfere nos sentidos e permite o desenvolvimento de senso crítico e reflexivo. É criada a oportunidade para o professor explorar a interdisciplinaridade.

Com possível viabilização da educabilidade do olhar por incluir no plano de aula passamos a valorizar e exercitar a sensibilidade e habilidades visuais que estão além do simples olhar que deve ser explorado. É aguçada a capacidade crítica dos alunos ao analisar a imagem e refletir sobre ela.

É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente, vivendo no momento uma série de reajustes e, com possíveis consequências benéficas ao ensino à distância em determinados aspectos educacionais, por outro lado, das diversas ferramentas tecnológicas educacionais mediado pela intervenção do docente já que o ensino online permite a realização da leitura visual de imagens na mídia podendo ser explorada no processo ensino-aprendizagem.

Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento.

Inicialmente parece difícil apontar/sugerir uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa.

Mas é possível articular a experiência da linguagem fílmica com a interdisciplinaridade devido os objetos fílmicos apresentarem diversas dimensões do conhecimento, movimentando uma perspectiva contextualizam-te: sugerindo filmes, documentários e outros que poderá ser explorado no campo pedagógico.

A integrado com outras áreas:

Usando filme e outros que tratem de local, arquitetura e outros de modo direto ou indireto no campo da geografia na educação visual.

Vídeos, séries e documentários de povos e cultura nas áreas de filosofia, sociologia e outras.

Reportagem e documentários sobre epidemias e outras zoonoses podem ser usados para saber sua fonte de disseminação, tratamentos e cura.

Os filmes, novelas e documentários dão oportunidades de abordar os vários regionalismos linguísticos das regiões brasileira com base para as aulas de português.

Os questionamentos e reflexões estimular os sujeitos há perceberem que os vários saberes estão presentes nas culturas e regionalismo de todos os povos, algo que nos enriquece e desenvolve um comportamento de pensamento crítico e autônomo.

A ontogênese da imagem consiste na *cultura visual*, o repertório de imagens, como um conjunto de discursos visuais que constroem posições e que estão inscritos em práticas sociais, no trabalho de Paulo Freire, intimamente relacionados às instituições de ensino que nos concedem o "direito ao olhar", em particular, a escola, que se propõe a os olhares crítico, organizando um campo do visível e do invisível, do belo e do feio, da criança ou adulto que está em formação dos saberes.

Existe relações entre a arte da representação e a geografia a ser explorada sob o viés freiriano, temos a cartografia que não é ciência, é uma arte, um código e uma forma de se comunicar. E para isso, é necessário que se conheça os elementos e seus propósitos que fazem uma representação cartográfica ser o que ela é. Assim o realismo composto de elementos que ilustre o objeto representado com componentes compreensível do receptor. Embora o mapa seja a forma abrangente de denominar as representação geográfica, (Maquetes, cartográfico, do croqui, da carta ou planta), ele tem sido o mais usado e explorado de várias maneiras com o uso do GPS.

É possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos quando se sabe o grau se conhecimento deduzido para assim relacionar com sua forma social, o espaço formal e informal com as imagens com olhar crítico, atentando a ideologia que a imagem passa, a exposição da desigualdade social, meio ambiente e outras

imagens auxilia quando bem usadas auxilia no desenvolvimento crítico do cidadão.

Uma sugestão apontada é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Uma tirinha e explique como a utilizaria.

Imagem: Evolução diária



Fonte: Google (2021).

Está tirinha tem vários aspectos a ser explorados: entre ele o olhar do SER na sociedade, no espaço geográfico e o comportamento social em relação a nossos comportamentos diante da vida e do período que vivemos, é a evolução diária como crescimento do indivíduo.

Para trabalhados com os educandos as habilidades de leitura com desenvolvimento do senso crítico, há demonstração que a vivencia diária é uma oportunidade de aprendizagem, através de diferentes estratégias assim como Paulo Freire demonstrou. O aluno deverá ser capaz de expor suas ideias e de se relacionar com os colegas.

Recursos de dissertação das vivencia semanais.

Ler e compreender o tema abordado de forma crítica, reconhecendo a importância dessa forma de comunicação e

convivência com o diferente em cultura, religião, relatos de experiências pessoais em seu dia a dia, bem como refletir sobre os valores sociais e o uso da mídia e novas tecnologias no aprendizado.

Esta imagem demonstra que ninguém nasce pronto, porem temos que evoluir diariamente: através das experiências de vida diárias; da leitura; da mídia entre outras.



Fonte: Google (2021).

A percepção visual é encarada do ponto de vista físico e psicológico percepção visual, influência da luz, coordenação psicológica permitindo um amplo domínio da visão que transcende do simples olhar.

Reagimos de modo psicologicamente diferente diante dos mesmos objetos que visualizamos, com a percepção de movimento; cor; profundidade; como uma representação da realidade; a arte como representação, mediada pelo artista; a recepção artística como nova representação, mediada pelo pensamento e pelas expectativas do sujeito que recebe; o pensamento como um fluxo de imagens; as palavras geram imagens e as imagens geram palavras; a arte como lugar inequívoco de produção de pensamento e de conhecimento.

Percepção visual parte das ideias fundamentais: visual; auditiva; olfática; gustativa; tátil; temporal; espacial e propriocepção.

A habilidade de percepção do entendimento visual tão necessárias para leitura e escrita, recortar, desenhar, completar problemas de matemática, bem como muitas outras habilidades. Gerando a visão geográfica que nos faz perceber a posição de dois ou mais objetos em relação uns aos outros ou em relação ao seu próprio eu.

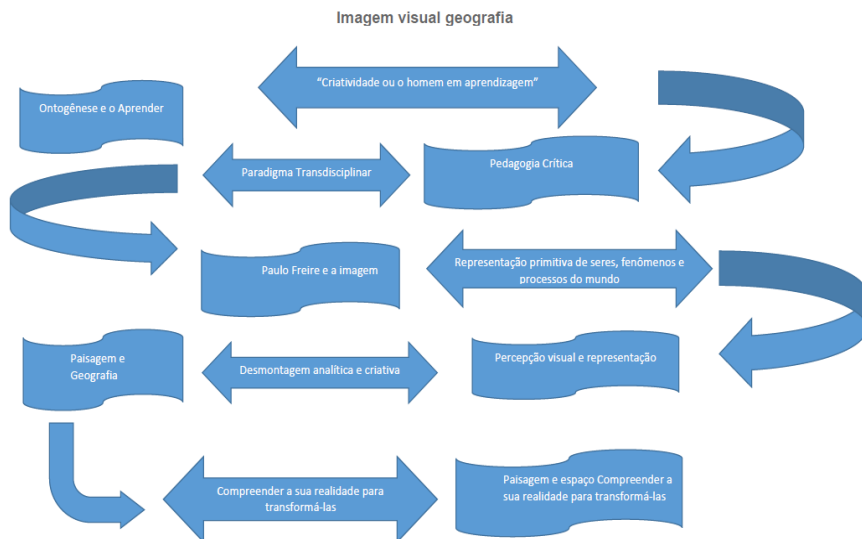
Assim a visão sensorial o indivíduo organiza e interpreta suas impressões sensoriais e podendo significar o meio onde vive para poder tomar decisões sobre como se comportar, suas memórias, humor, estresse, experiências entre outras.

A *percepção visual* contribui para geografia da observação do ambiente onde se vive ou transita, deixando de simplesmente olhar para visualizar, sabe-se que o mundo não é estático e a paisagem ou sua moldura está em movimento. Assim a geografia da visualização faz-nos refletir entre “passar pela rua” ou “percorre-la com objetivo de observa-la”.

Outro exemplo de produção de uso de imagem pode se dar pelo estímulo a produção de mapas conceituais e sugerimos: Múltiplos usos da Imagem, Visual na Educação Popular e na Educação de Jovens, Adultos e Idosos

O mapa conceitual pode ser abordagem escolhida e direcionada sua ação para uma turma de Ensino Fundamental 1, sabe-se que conhecer uma estrutura é saber como as coisas se ligam entre si, o ensino e a aprendizagem da estrutura, ao contrário do simples domínio dos fatos e técnicas, são o centro do clássico problema de transferência dos saberes.

Imagem:



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Por que orientar os alunos a fazerem mapeamento mental?

Um mapa mental é uma ferramenta de pensamento visual que tem muitas vantagens em comparação com as técnicas tradicionais de anotações e escrita. Os principais benefícios do mapeamento mental:

- * Mapas mentais estimulam a criatividade
- * Existem muito poucas técnicas que são capazes de fomentar sua criatividade como o mapeamento mental. Isso porque os mapas mentais usam imagens e palavras-chave para

criar novas associações no seu cérebro, que você também pode transcrever com uma velocidade incrível.

Mapa conceitual a partir do tema Imagem Visual e Geografia

- 1 - Ontogênese e o Aprender
- 2 - Educação e Visualidade: por uma Pedagogia Crítica
- 3 - Paulo Freire e a imagem
- 4 - Percepção visual e representação
- 5 - Paisagem e Geografia
- 6 - Paisagem e espaço

O foco do texto “Paisagem e geografia” demonstra a evolução de entendimento do espaço da paisagem e geográfico hoje e o modo como é visto, percebido e sentido. Para a geografia clássica a paisagem é parte da superfície da terra, na geografia humana positivista a paisagem é um território a ser visto e sentido, sendo subjetivo e elaborado pela mente. Como vantagem permitiu a humanidade compreender as leis da física, as relações sócias e a ética mudando a visão da sociedade.

O Texto - Paisagem e Geografia mostra que no primórdio a geografia estava atrelada a artes, a pintura era a expressão do espaço geográfico, sendo aprisionado ao que era considerado pelo pensamento teológico e muitas vezes não retratando a realidade da sociedade, rejeitando a dinâmica da população e sua historicidade. Sendo geografia humana com novos conceitos e visão que deve ser aprendida, necessitando treinar o olhar, descobriu beleza da natureza através de um processo cultural e segundo a autora (Teresa Barata Salgueiro) impulsionou a transformação da sociedade da economia natural para economia capitalista, revolução científica e técnica, saindo da natureza divina para o conhecimento científico, a transformação de sociedades tradicionais de organização, tendo sido caso de nostalgia para os conservadores, podendo ser visto o contraste na pintura tradicional eclesiástica com o grafite no

século XX. Segundo a autora (Teresa Barata Salgueiro) a Alemanha do sec. XIX com o pensamento “Diferenciação espacial” e posteriormente a Califórnia, através da escola culturalista de Berkeley chamada “Distribuição espacial” influenciando filosofia, antropologia, educação e psicologia social e, através dessa postura, imprimiram um novo conceito a partir de críticas aos estudos urbanos culturalista.

Como resultado a geografia evoluiu e passou de OBJETIVAVEL (Físico/Ecológico) para FENOMENAL (O modo de ver e a relação Sujeito/Objeto) passando do território para a territorialidade que passou a ser o dominante, prevalecendo modo do homem ver e compartilha seu mundo. Paisagem e Geografia ressalta que a paisagem é uma autobiografia coletiva e inconsciente que reflete o gosto, valore, aspirações e medo. Percebe-se que tudo isto forma os singularidade de povos, nações e comunidades gerando a sobreposição entre paisagem a forma de produzir. A autoria (Teresa Barata Salgueiro) defende que a avaliação da paisagem é de ordem cultural e individual em face ao ambiente, os sentidos que reconhecem no seus elementos e os valores que são atribuídos pelas sociedades, refletindo na forma de uso e o ocupação do espaço, dando assim particularidade ao espaço geográfico e sua ocupação.

O texto dizer que o espaço é o mais interdisciplinar dos objetos concretos. Mas tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos.

Ao definir a paisagem: Como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca; Além de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. A paisagem toma visão diferentes e diversamente aos olhos do observador, De onde esteja, ampliando-se quanto mais se sabe, porque desse modo desaparecem ou se reduz os obstáculos à visão, e o horizonte

amplia, assim a tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado amplo.

No tópico Paisagem e região o autor demonstra que nos primórdios era possível entrever certa semelhança entre paisagem e região, agora o mundo mudou, e hoje a geografia não é mais o estudo da paisagem, não é que eles estivessem errados, apenas houve grandes transformações no mundo e a visão geográfica do mundo expandido.

A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais acelerado após a revolução industrial, a globalização, sendo assim podemos aguardar algo maior *após a pandemia e a tecnologia 5.0*. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte da força transformadora e produtivas.

A reflexão do quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos encaminhamos a um mundo artificial, a cidade é o melhor exemplo dessas adições ao natural, assim a edifícios, estradas, pontes, depósitos e outros são acréscimos à natureza sem os quais a produção é impossível, assim a vida moderna mudou a visão do espaço geográfico.

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições sendo uma herança de muitos diferentes momentos. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, trabalho eram separados, hoje estão cada vez mais indivisíveis, cada um desses instrumentos é um sistema em si mesmo, que se relaciona com um sistema global e cidades mais antigas adaptam-se, transformam-se mais ou menos lentamente; as novas já nascem assim. Podemos concluir que natureza natural não é trabalho e a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto.

A paisagem tem um movimento que pode ser mais ou menos rápido, os objetos antigos são suprimidos da paisagem mais novas, reconhece a história dos objetos presentes nas cidades, mas não a história da cidade. A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais da época para termos maior compreensão do espaço geográfico das cidades e seu movimento funcional. Digno de nota é que dentro da cidade e devido a divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas, já as mudanças estruturais são alterações de velhas formas para adequação às novas funções alterando a visão geográfica.

A paisagem e espaço são coisas diferentes: Espaço com centenas de sentidos diversos, a palavra paisagem é comumente utilizada para designar o espaço. Então o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais é estrutural; a espacialização é funcional, não é apenas o resultado do movimento da sociedade, porque depende do espaço; a paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não materiais podendo ser um instante da sociedade a espacialização é funcional e o espaço é estrutural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que seria a Leitura de imagem? É forma crítica, observar todos os elementos que compõe a imagem, muitas vezes influenciado por formação ou experiências prévias, de gênero e o senso crítico pessoal na avaliação, com objetivo estimular o educando a aprender a ler, interpretar o mundo a sua volta, a posicionar-se criticamente sobre a sua realidade.

A imagem também pode ser um texto? Se fizer a leitura da imagem antes de ler o texto, essa facilitará na compreensão do texto e coletar dados relevantes.

Assim podemos chegar a algumas conclusões importantes: 1º - Os textos não são apenas escritos, eles também podem ser orais; 2º - Os textos não são simples amontoados de palavras ou frases, ou seja, eles precisam fazer sentido, uma única palavra e capaz de transmitir uma mensagem de sentido completo, por isso ela pode ser considerada um texto compreensível. 3º - Há ainda textos que utilizam os três recursos, como os filmes, que usam imagens, diálogos e legendas. Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia, é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento e o artigo visa demonstra a contribuições freirianas e aplicação no momento que vivemos do uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em Geografia e outras área pedagógica.

REFERÊNCIAS

Método Paulo Freire

<<https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-paulo-freire/>> Acesso em: 17 janeiro 2021.

A etapa da educação infantil

<https://semed.manaus.am.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/BNCC-Final_Infantil.pdf> Acesso em: 25 janeiro 2021..

Os lugares, as paisagens e o espaço geográfico

<<https://centraldefavoritos.com.br/2017/12/29/os-lugares-as-paisagens-e-o-espaco-geografico/>> Acesso em: 25 janeiro 2021.

Paulo Freire: afinal, o que pregava o patrono da educação brasileira?

<<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-paulo-freire-pregava-afinal/>>

A pedagogia crítica de Paulo Freire

<<https://www.comunidadeculturaearte.com/a-pedagogia-critica-de-paulo-freire/>> Acesso em: 05 de fevereiro 2021.

A ontogênese montar loja virtual e o aprender

<https://zelmar.blogspot.com/2013/04/a-ontogenese-e-o-aprender_11.html> Acesso em: 19 de fevereiro 2021.

Realidade virtual nas aulas de história

<<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/computacao/realidade-virtual-nas-aulas-historia.htm> > Acesso em: 22 de fevereiro 2021.

Forma e percepção visual

<http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/FORMA%20E%20PERCEPCAO%20VISUAL.pdf > Acesso em: 05 de março 2021.

Rocha de Sousa em “Criatividade ou o homem em aprendizagem”

< <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5939> > Acesso em: 12 março 2021.

Formação continuada de professores: qual a importância?

<<http://blog.trivium.com.br/formacao-continuada-de-professores-qual-a-importancia/> >

O ENSINO DE GEOGRAFIA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO PELO SUJEITO

Simone Borba¹⁵

Ricardo Santos de Almeida¹⁶

RESUMO: Esse trabalho articula aspectos do ensino de geografia, da prática docente, ao pensamento freireano. A partir da análise de obras de geógrafos foram identificadas as referências para a construção de significado atribuído à imagens e representação da paisagem, bem como da educação visual e do aprimoramento da perspectiva da pedagogia histórico crítica que permitem ao sujeito construir seu conhecimento sobre o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Cultura. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Como ser Professor neste mundo? A primeira questão que nos colocamos: quê mundo? O mundo dos estudantes? O mundo do trabalho da prática docente? No período março/2020 à março/2021 o mundo dos professores foi

¹⁵Mestre em Geografia Regional, formada pela UFMS. Graduanda em Letras/Libras na UFRN.

¹⁶Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

exposto. A prática docente, metodologia, estratégias de ensino, didática, formação, foram escrutinados pela opinião pública. O Brasil, em face de sua diversidade socioeconômica, revelou-se um desafio de proporções épicas, com um verdadeiro exército de profissionais da educação dispostos à encontrar soluções para dar continuidade à educação. A estatística dos órgãos públicos tornou-se um labirinto de informações em que dados brutos nos alienam à percepção de uma realidade absoluta, mas sabe-se que o mundo do professor foi deslocado para a sala (algumas vezes para a cozinha) das famílias brasileiras. A audiência dos professores deixou de ser um grupo de alunos em horário semi-integral, para incorporar mães, avós, familiares em diversos níveis de formação escolar ou acadêmica, em período integral ou simultâneo.

No primeiro mês de suspensão das aulas presenciais, as escolas privadas organizaram-se, enquanto a escola pública movia-se cuidadosamente entre soluções municipais, estaduais e regionais, à espera de definições federais. E nesse ínterim surgiram duas oportunidades: vincular escola e família; e construir práticas de vivência para conferir significado ao aprendizado.

As novas relações estabelecidas e o uso de tecnologias que popularizam a produção de conteúdo, modificam a percepção e a apreensão do ambiente em que estudamos e construímos nosso conhecimento de mundo.

Na obra *Cultura para a liberdade* (1981), Paulo Freire observa que estudar deve ser desafiador para promover a apropriação da significação, distanciando-se da memorização, da banalização e da “educação bancária”. Os professores, no período de suspensão de aulas, foram mobilizados para aprender metodologias que os instrumentalizassem para operar com recursos tecnológicos para entregar aulas mobilizadoras e que “engajassem” os alunos. Desafio aceito, o uso de recursos audiovisuais tornou-se essencial para dar suporte às atividades

pedagógicas, transformando a relação com a imagem. Nesse trabalho, examinaremos alguns aspectos dessa transformação em curso, analisando a curadoria de materiais, fontes e imagens, lembrando que o período de suspensão das aulas, ainda que tenha exposto os professores de forma abrupta, foi precedido de mudanças sutis na capacidade de ler o mundo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na escolha do tema de pesquisa, há de se questionar, a princípio, se a Educação Visual é um caminho possível para a leitura do mundo. Entendidos como diferentes processos, ainda que complementares, ao contrário da ontogênese, aprender responde à influência cultural. Estimular e apresentar recursos e fontes diversificadas amplia o repertório de relações cognitivas e, conseqüentemente, desenvolve o senso crítico, inclusive a forma de perceber e interpretar as informações recebidas do meio.

Uma das imagens mais emblemáticas da transformação em curso circulou nas redes sociais em 2019, a partir de uma postagem do artista indiano Boman Irani, conforme pode ser visto na ilustração 1, Postagem de @boman_irani.

Na imagem observamos 4 crianças indianas, em situação de vulnerabilidade social, posando para uma “fotografia” imaginária retratada por um garoto, usando um chinelo como dispositivo fotográfico, à semelhança de smartphones com câmera, comumente usados por adultos.

Imagem 1: Postagem de @boman_irani



Autor desconhecido, fonte @boman_irani, 2019.

A imagem apresenta claramente a simulação de um momento histórico autoral. O autor da fotografia imaginária retrata sua história pessoal, adotando sua perspectiva pessoal, em seu ambiente natural. A produção de conteúdo foi popularizada pela tecnologia digital.

A Educação Visual, somada à Educação Midiática, equaciona a possibilidade de desenvolver o senso crítico. Tal equação esteve presente na elaboração do presente trabalho. Por meio do levantamento de questões, pesquisa e revisão bibliográfica, foi possível fundamentar a curadoria de objetos de aprendizagem.

Outra questão que se interpõe: Nos processos educativos é possível estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa? Examinando o início da construção da representação escrita, observa-se que o ser humano apropria-se de imagens e cria suas representações. Durante a infância, as garatujas possuem significados de extrema importância pois representam a leitura de mundo. A apropriação da escrita e também de todo o conhecimento formal se dá pela apropriação de saberes sistematizados, que progressivamente confrontam o conhecimento construído pelo ser. Os processos educativos

podem explorar as relações entre os significados construídos e os saberes sistematizados, admitindo a pluralidade de ideias e perspectivas, por isso ao longo do processo de educação formal são adotadas metodologias e estratégias que acompanham a evolução do processo de leitura.

Todavia, à medida que conhece o mundo em que vive, o ser humano desenvolve autonomia e segurança para ampliar sua experiência. A leitura amplia-se de decodificação de símbolos escritos para abarcar símbolos socialmente legitimados.

Ao tratar do perfil cognitivo do leitor, Santaella (2004, p.29) classifica **três tipos de leitores: leitor** contemplativo; **leitor** movente e o **leitor** imersivo. O contexto no qual emerge o leitor é o da produção popular de imagens e de conteúdo. Conforme anuncia Santaella (2010) ao abordar a ontologia como estudo da existência,

“nós humanos também entramos no foco de interesse filosófico, mas não somos mais o único foco. Nessa nova ontologia, tudo existe em igualdade de condições, de modo que nossa atenção deve se voltar para as coisas em todas as suas escalas, ponderando sobre sua natureza, suas relações entre si, tanto quanto suas relações com o humano.”

No contexto da ubiquidade, jornais de diferentes locais, documentários, exposições fotográficas e até visitas virtuais a museus, podem provocar reflexões de forte cunho educativo, transformando a interpretação da realidade. As transformações na forma de apropriação do conhecimento favorecem o estabelecimento de estratégias de ensino e de aprendizagem que sejam mais dinâmicas e interativas. Em qualquer nível de atuação, os professores incorporaram metodologias dedicadas

ao desenvolvimento do protagonismo do aluno, e que incorporam a curadoria de materiais e fontes relevantes.

No âmbito do ensino da Geografia é possível partir da percepção, apreensão e representação do contexto (local) para situá-lo em relação a modelos e sistemas semelhantes, observando as discrepâncias e discordâncias. O acesso à modelos históricos tornam-se atrativos à medida que propiciam o uso de documentos que permitem interpretar informações diversas; além de quê, junto aos alunos é interessante usar o método dialético e desenvolver discussões baseadas nas vivências pessoais comparadas com relatos diversos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imagem cria uma referência na qual podemos inferir significados. Ao adotarmos a interdisciplinaridade temos a oportunidade de associar à imagem, diferentes perspectivas.

Para viabilizar a educabilidade do olhar, faz-se necessário desenvolver o senso crítico. Oferecer diferentes perspectivas para um mesmo artefato visando promover um diálogo plural, consolidando espaços de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente. A interdisciplinaridade é intrínseca a Geografia.

Gestão interdisciplinar do conhecimento

Tome-se como exemplo uma aula utilizando o filme *Os 33* (2015) baseado no acidente em mina San Jose, em 2010 no Chile: junto aos alunos é possível assistir, e debater, pois muitos alunos tem alguma lembrança do acidente que foi amplamente noticiado. É sempre interessante contar com a colaboração de um professor de história, pois o evento possui marcas de transição histórica: se por um lado os mineiros vivem em uma comunidade bastante tradicional, o evento ocorre em um

período fortemente caracterizado pela globalização e pelo uso intensivo de tecnologia. Comparar os modelos de economia que se apresentam no processo, e sua relação com o meio (Região do Atakama), pode promover intensos debates, sendo necessário elaborar questões para orientar o debate. Após situar o evento cronologicamente e contextualizar, é importante situar espacialmente, oferecendo mapas ou usar o Google Earth. E também comparar imagens "jornalísticas" do evento com as imagens do filme. É possível contar com o apoio de um professor de química para explorar questões relativas à composição e resistência dos minerais; e de um professor de biologia para falar sobre as condições ambientais.

Educação Visual

Ao abordar a ontogênese da imagem, Romão (2010) provoca a reflexão sobre a origem do hábito humano de usar a imagem para preservar suas memórias, suas narrativas, a cultura, e tudo o mais que seja significativo, apontando que

"Captar a realidade e imobilizá-la na imagem era uma forma de exorcizar a inexorabilidade do fluxo do tempo e da aproximação do próprio fim, prolongando a realidade para a eternidade, ludibriando a morte."

Para Romão, Paulo Freire confere à imagem um sentido prático para a educação dos adultos: ela se apresenta como canal necessário, quando se trata de círculo de cultura com alfabetizando(as) que ainda não sabem ler a escrita da língua materna. Todavia algo que chama a atenção é a percepção de que nas obras freireanas, embora não seja usado a palavra "imagem" com frequência, a representação gráfica assume um caráter de resgatar a "capacidade de apreensão e compreensão da realidade", conferindo legitimidade ao conhecimento; e confirmando a percepção de que a expressão gráfica de letras e

numerais comunicam ideias que permanecem na memória e são socialmente reconhecidas, fazendo com que as palavras sirvam de referência às imagens que evocam.

Compartilhar diferentes pontos de vista, incluindo a escolha de uma imagem em detrimento de outra, faz com que os "significados" possam ser melhor debatidos, de forma que ajudem a construir a "realidade" à que se refere Romão. Uma vez instituídas e legitimadas, as imagens contribuem para carregar mensagens para todos os espaços educativos.

É possível realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica utilizando histórias em quadrinhos, considerando uma observação, em particular, de Romão (op.cit) quando destaca

“Os desenhistas muito criativos são obrigados a lançar mão somente de recursos gráficos também para representar a sonoridade (oralidade), o pensamento e os sentimentos das personagens.”

A primeira questão seria identificar quais elementos das Histórias em Quadrinho contribuem para a educabilidade. Animar uma história, é um dos aspectos, mas há de se considerar as escolhas e representações do(s) autor(es). Há bons comentaristas da vida urbana, da infância e do ambiente empresarial, há críticos observadores e atentos da vida pública, o que prevalece na história em quadrinhos é o olhar de quem projeta a imagem. Podemos escolher imagens para várias idades e contextos educativos, bem como definir seu uso como objeto de aprendizagem ou estratégia de ensino. Todavia, é recomendável examinar a perspectiva de quem produz o material.

Curadoria: fundamentos para garantir coerência

Retratar imagens e contextualizar a paisagem, sempre foi um desafio conceitual, e em relação à evolução do conceito de paisagem, e de como o conhecimento sobre o ambiente foi sendo moldado; Teresa Barata Salgueiro (2001), observa que usufruir da natureza, antes do século XVIII, relacionava-se a contemplação e a aprendizagem dos códigos de um modelo cultural. Isso se reflete na representação da forma de relacionamento com o espaço e com o sentido econômico da Terra, a ocupação e a economia capitalista substituíram a economia natural e à medida que foi culturalmente ressignificada confirmou a apropriação do conceito de paisagem pela sociedade, porém pautado também pela evolução da tecnologia e da ciência.

Posteriormente, a ideia de paisagem foi transformada para ideia de território abstrato, e as modificações territoriais e o desaparecimento de muitas formas tradicionais de organização causaram a falta de referência para o modelo cultural. Uma vez compreendido que a percepção do autor da imagem também é impactado pelos valores culturais à ela associados, é possível identificar a combinação de elementos naturais e humanos.

Segundo SALGUEIRO (op. cit), o ponto de partida e o objetivo estão relacionados à observação assertiva, pois o conceito pode ser essencialmente visual mas também é progressivo, confirmando a necessidade de explicação do conjunto; sendo possível, a partir da perspectiva adotada por métodos da escola regional corológica, perceber o estudo de paisagem vinculado ao exame de relações funcionais e dinâmicas entre os elementos que a constitui. O artigo de Salgueiro remete à escolha de uma imagem, ou um conjunto delas, considerando ser importante refletir sobre duas linhas de pensamento: perspectiva humanista, em que pesem as preocupações com a paisagem de forma subjetiva e a

perspectiva de geógrafos mais ligados às tradições do início do século, os regionalistas. Salgueiro aponta que o conceito de paisagem foi evoluindo desde uma posição muito próxima da Geografia física até revelar maiores preocupações com os processos econômicos e culturais procurando abarcar a totalidade dos fenômenos no espaço estudado.

A leitura do artigo de Salgueiro desvela argumentos que promoviam relações entre a memória coletiva e o imaginário na identificação dos territórios representando a decodificação dos sentidos. Assertivamente a autora argumenta que as sociedades organizam o território traduzindo suas crenças e valores, porém é necessário lidar com as representações estéticas; alinhando-se à Paulo Freire (1981), que ao tratar de processo de alfabetização de adultos, observa “por meio de representações da realidade concreta, procuramos alcançar a razão de ser dos fatos.”

Para a educação do olhar, e desenvolvimento de uma perspectiva histórico crítica, é possível considerar o uso de história em quadrinhos (HQ), justamente pelo fato de que comporta uma narrativa, e não somente retrata a paisagem, como pode ser visto na imagem 2, tira do livro “Cerrado em Quadrinhos” do cartunista Evandro Alves.

Em termos de educação geográfica o material produzido pelo cartunista Alves (2010) é um recurso para promover a educação ambiental a partir de uma perspectiva dialética. O cerrado que o artista retrata é um bioma relativamente extenso, com rica biodiversidade e condições climáticas singulares, mas também é o espaço no qual se desenrolam histórias e ocorrem fatos. A HQ em especial (imagem 2), provoca a reflexão sobre a ocupação humana do cerrado e remete aos conflitos atuais pela posse da terra, criando um recorte para as comunidades quilombolas. Tal quadrinho pode ser usado como Tema Gerador, como por exemplo: Transformações em biomas provocadas pela ocupação humana, na Educação de jovens e

adultos, com exposição inicial da HQ de Alves de modo que os alunos se apropriem do conteúdo sugerido e comentem. É possível solicitar que os alunos intitulem a HQ.

Imagem 2: Tira do livro “Cerrado em Quadrinhos”



Fonte: ALVES, Evandro. Disponível em Página do Facebook: Cerrado em Quadrinhos. Publicado em 07/06/2020. Acessado em 07/04/2021.

Com o uso de mapas, localizar quilombos resilientes e analisar situação de jovens, identificando e caracterizando situação de vulnerabilidade.

Com apoio de professor de História, explorar os comentários sobre: uso de mão de obra escravizada, surgimento de quilombos, história de apropriação de recursos e manutenção/situação atual dos quilombos.

Solicitar aos alunos que componham um mural com imagens sobre comunidades quilombolas e seus territórios. Relacionar a ocupação do bioma às fontes de renda e de subsistência dos quilombolas.

Solicitar apoio do professor de Língua portuguesa para análise do texto, de acordo com o nível da turma. Realizar a leitura e análise do texto "Mapa dos quilombos: a geografia de resistência" e com apoio de professor de biologia sobrepor mapa de biomas do Brasil e analisar relações de produção e conflitos de uso da terra (e de recursos naturais).

Após promover a mediação de forma interdisciplinar, solicitar aos alunos que retornem à imagem para reavaliar a perspectiva do autor, e que expliquem o comentário do personagem, identificando os sentidos históricos de "rotas de fuga".

Para concluir, solicitar que os alunos sugiram alternativas para evitar as "Rotas de fuga" e a degradação de biomas associados à comunidade quilombola e à outras comunidades como as ribeirinhas, por exemplo. Destaca-se, aqui, a possibilidade de que os alunos possam aplicar o conhecimento pela educação visual à outras situações similares.

Observa-se que no cerne da discussão sobre as formas de ocupação também se localizam: representação da forma de relacionamento com o espaço e com o sentido econômico da Terra à qual se referia Salgueiro (ibid.). Mas também as relações de produção e de capital, e a universalização da cultura humana, objeto de estudo do geógrafo Milton Santos.

Para Milton Santos (1988) o espaço e a paisagem são processos históricos e resultam de movimento superficial e intrínsecos à sociedade. Sendo a paisagem aquilo que nossa visão identifica, a ideia que temos de paisagem é influenciada pela interpretação que fazemos da imagem que vemos. Milton Santos observa que é possível compreender que a paisagem transformada por relações de produção é uma paisagem

artificial; todavia o autor acrescenta que "a paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais"; ao tratar do imbricamento da paisagem natural com a paisagem artificial o autor indica haver um caminho de evolução levando em conta a sucessão histórica dos modos de produção. Ressalva-se que "há uma relação entre os instrumentos de trabalho (objetos dos mais diversos tamanhos, e o homem cria para poder produzir) e a paisagem" e por isso os instrumentos de trabalho constituem um elemento de organização da paisagem, sustentando-se na circulação, na distribuição e no consumo. O ritmo da produção cria também movimentos que podem ser relacionadas a mudanças que ocorrem na paisagem, segundo Santos (op. cit) cada período se caracteriza por um dado conjunto de técnicas, e a paisagem é constantemente modificada pela inovação triunfante. É possível identificar na paisagem momentos de produção marcadas por movimentos e ritmos atrelados à condições político-econômicas e culturais. Na obra *Metamorfose do Espaço Habitado*, Milton Santos insiste que, embora a palavra paisagem seja utilizada como sinônimo de espaço, o espaço é um conjunto de objetos e relações que criam uma mediação para que a ação dos homens tenha resultado.

Adotando tais premissas, a análise do uso de imagens no ensino de Geografia, para além de mapas e histogramas, alinha ao pensamento freireano na compreensão de que "o caráter teleológico da unidade ação-reflexão, isto é, da práxis, com que o homem transformando o mundo, se transforma" (FREIRE; 1981), e adquire conhecimento.

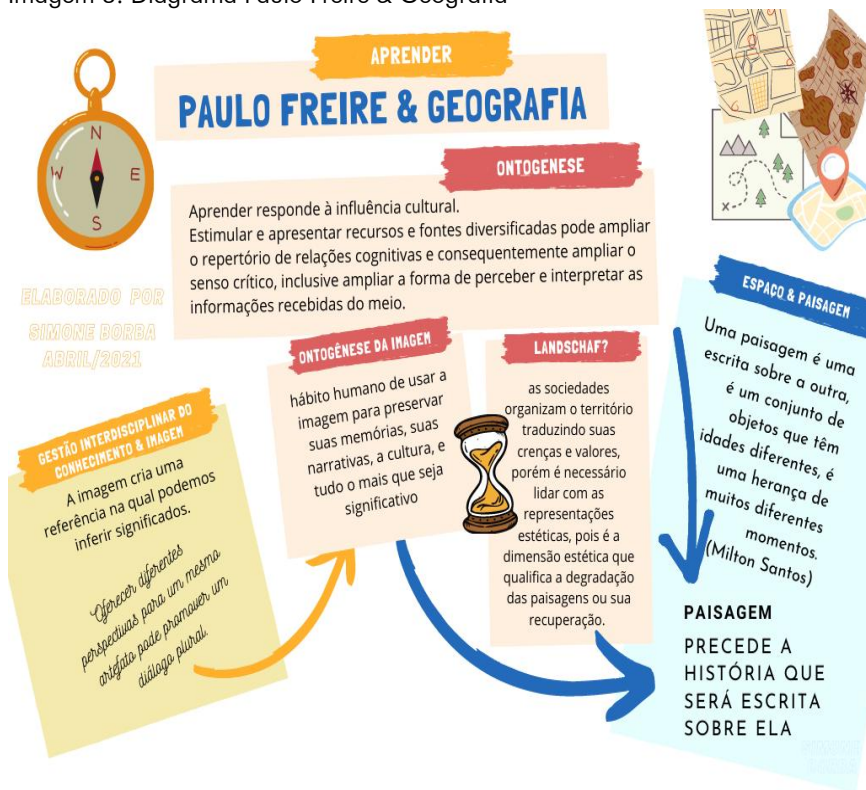
O ensino de geografia, principalmente, alinhado ao pensamento freireano, evidencia conceitos que tratam da paisagem como elemento construído culturalmente, daí seu significado dialético e importância capital.

Milton Santos esclarece que a paisagem não é tão somente espaço, na definição do autor a paisagem é

materialidade; o autor elabora uma síntese: " a paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação."

Como pode ser visto no diagrama na imagem 3, abordar a perspectiva cultural articula a ontogênese da imagem e da percepção da paisagem.

Imagem 3: Diagrama Paulo Freire & Geografia



Fonte: Elaborado por Simone Borba, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por leitura de imagem podemos aludir à decodificação de signos e significados, culturalmente construídos e legitimados. Para ler uma imagem é preciso reconhecer os elementos nela contidos, atribuir-lhes valor e sentido. A legitimidade é ancorada no sentido que é construído em consenso pela sociedade.

Paulo Freire, em "Pedagogia do Oprimido" ao tratar de significação observa que primeiro é necessário que o sujeito se reconheça a significação profunda de sua existência no mundo. A sociedade define os signos e o valor que representam, e, também, as ideias que estão ao signo vinculadas. Posteriormente, em "Pedagogia da Autonomia" o autor refere-se à imagem, associando-a à comunicação de ideias.

Depreende-se do artigo de Salgueiro que sendo a imagem associada às diferentes percepções e apreensões da paisagem, ao longo de diferentes construções culturais, é natural que seja a imagem a primeira fonte de informação para o leitor, alfabetizado ou não. Somente no ambiente constituído de significados é possível realizar a leitura da imagem. Grossomodo, nossa visão abarca os elementos, mas é nossa cultura que confere sentido e significado à representação gráfica. A partir de tal perspectivas (dos significados construídos e legitimados) é possível compreender a imagem como texto, ou seja, como suporte gráfico e materializado de informações e elementos às quais são atribuídos sentidos e significados que comunicam ideias, conceitos ou delimitam espaços e condições de reprodução social.

Para Paulo Freire, a educação tem uma tarefa humanizante e libertadora, baseada no ato de conhecer. Ao educador cabe aprender a lidar com as incertezas, com o inusitado, aprender a dialogar com outras ciências e a ampliar a visão de mundo, da educação, de sujeito; ou seja, ser

reflexivo, questionador de si mesmo e do mundo, ser crítico, inquieto frente aos fatos, visando à intervenção, à transformação social. Os sujeitos, por meio de ação-reflexão tornam-se produtores de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Evandro. **Cerrado em Quadrinhos**. Disponível em <<https://instagram.com/cerrado.em.quadrinhos.oficial/>>

Publicado em 07/06/2020. Acessado em 07/04/2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 10ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

OS 33. Direção: Patrícia Rikken. Produção: Robert Katz, Edward McGurn e Mike Medavoy. Local: Century Fox, 2015. DVD.

RODRIGUES, Léo. PASSOS, Gésio. **Mapa dos quilombos: a geografia de resistência**. Disponível em:

<<https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2012/11/mapa-dos-quilombos-a-geografia-da-resistencia>> Publicado em 25/06/15. Acessado em 05/04/2021.

ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e a imagem**. Educação & Linguagem • v. 13 • n. 22 • 77-97, jul.-dez. 2010

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Comunicação Ubíqua: Repercussão na Cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec: São Paulo, 1988.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e geografia**. Revista Finisterra. Vol. 36 N.º 72 (2001) Disponível em:

<<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620/1315>>

Acessado em 02/04/21.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

